

**Samuel Benchimol**



**EXPORTAÇÃO E EXPORTADORES  
DA AMAZÔNIA LEGAL: 1994**

Ypiranga

109811

e

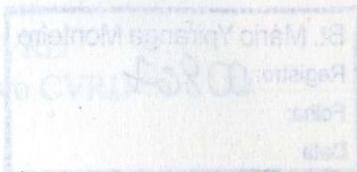
SGC-39592  
-3616-





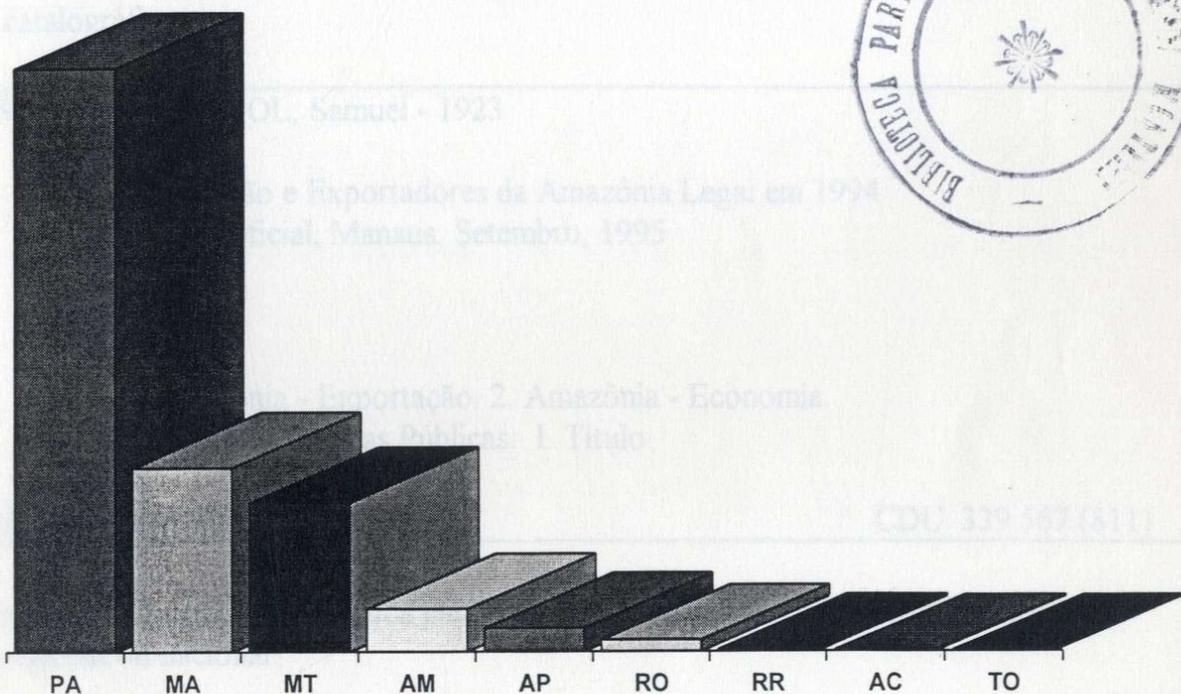
Samuel Benchimol  
Professor da Universidade do Amazonas  
Diretor da Associação Comercial do Amazonas

Reputação da capa. Dan  
Materia da capa. Port  
Materia da contra-capa.  
Foto de Manaus. Foto Sergio Oliveira  
Foto de Barcarena. Foto Paulo Jardim  
Foto de Ponta da Madeira, Pier 2, Ibo - Rio Içá - Foto Lucio C  
Foto da Ferro Carajás e Ponte sobre o Rio Xocantins - Foto acervo CVR



# EXPORTAÇÃO E EXPORTADORES DA AMAZÔNIA LEGAL: 1994

Bt. Mário Ypiranga Monteiro  
Manaus Amazonas



Rm 9  
382.6109833  
34578

Manaus, Amazonas, Brasil  
Setembro, 1995

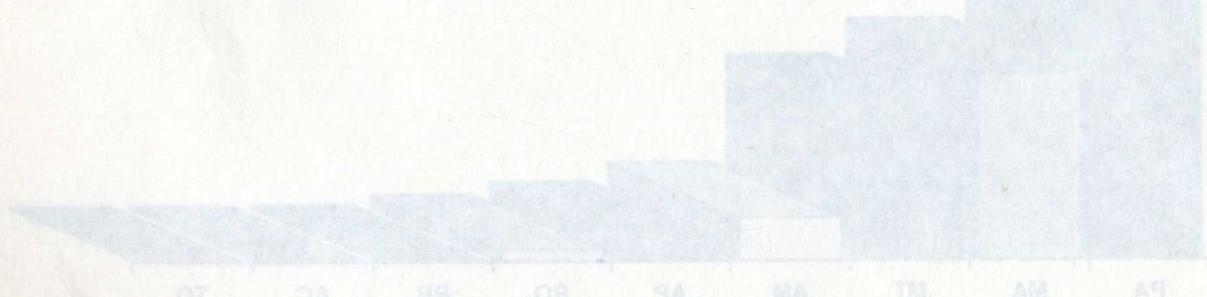
Gabinete da Repórter  
Jornalista da Comunicação do Amazonas  
Diretor da Associação Comunitária do Araripe

Bt. Mário Ypiranga Monteiro  
Registro: 00867  
Folha:  
Data:

# EXPORTAÇÃO E EXPORTADORES DA AMAZÔNIA LEGAL: 1994



Bt. Mário Ypiranga Monteiro  
Museus Amazonas



TO AC RR RO AP MA TM AM AP

Brasil, Amazônia, Pará  
1994

Museus Amazonas  
Manaus, 1994

Diagramação da capa: Oana Publicidade-Manaus  
Fotografia da capa: Porto de Ponta da Madeira, S. Luis-Maranhão - Foto Paulo Arumaá  
Fotografia da contra-capa: Estrada de Ferro Carajás - Foto acervo CVRD  
Porto de Manaus: Foto Sérgio Oliveira  
Porto de Barcarena: Foto Paulo Jares  
Porto de Ponta da Madeira, Pier 2, Itaqui-São Luis - Foto acervo CVRD  
Estrada de Ferro Carajás e Ponte sobre o Rio Tocantins - Foto acervo CVRD

Ficha catalográfica

B457e BENCHIMOL, Samuel - 1923

Exportação e Exportadores da Amazônia Legal em 1994  
Imprensa Oficial, Manaus, Setembro, 1995

80p.

1. Amazônia - Exportação. 2. Amazônia - Economia.  
3. Amazônia-Finanças Públicas. I. Título

CDD 336.091.811

CDU 339.567 (811)

Permite-se a livre cópia reprográfica para fins educacionais, científicos, culturais e de interesse regional ou nacional.

Composição micro-computador Acer Acros 486: Tei Ihára

Co-edição:

Universidade do Amazonas

Associação Comercial do Amazonas

SEBRAE/Amazonas



**A**brigo da Fazenda Curral das Freiras no Sertão  
potiguar, o Centro de Treinamento Rural da Rio Doce, em  
possessão da Cooperativa Rural do Rio Doce, com  
aproximadamente milhares de hectares, que é administrado  
ainda pelo Instituto Meio Ambiente do Complexo do Rio  
do Peixe e que, na época, é o maior treinamento  
Meio Ambiente do Pará e do Brasil, integrado ao Sist  
ema do Maranhão.

O objetivo básico da EFC é treinar os  
cooperativistas e outros cidadãos da zona rural  
do Complexo do Rio Doce, que é de 892  
municípios da Amazônia brasileira, para que  
elos possam desempenhar

## Introdução

que é a realização das comunidades rurais de  
uma vida produtiva, sustentável e saudável, que é a  
realização das comunidades rurais de

## Exportação do Estado do Pará

## ÍNDICE

Exportação do Estado do Amapá	19
Exportação do Estado do Maranhão	24
Exportação do Estado de Tocantins	30
Exportação do Estado do Amazonas	35
Exportação do Estado de Roraima	47
Exportação do Estado do Acre	53
Exportação do Estado de Rondônia	59
Exportação do Estado de Mato Grosso	67
Trabalhos publicados pelo autor	75

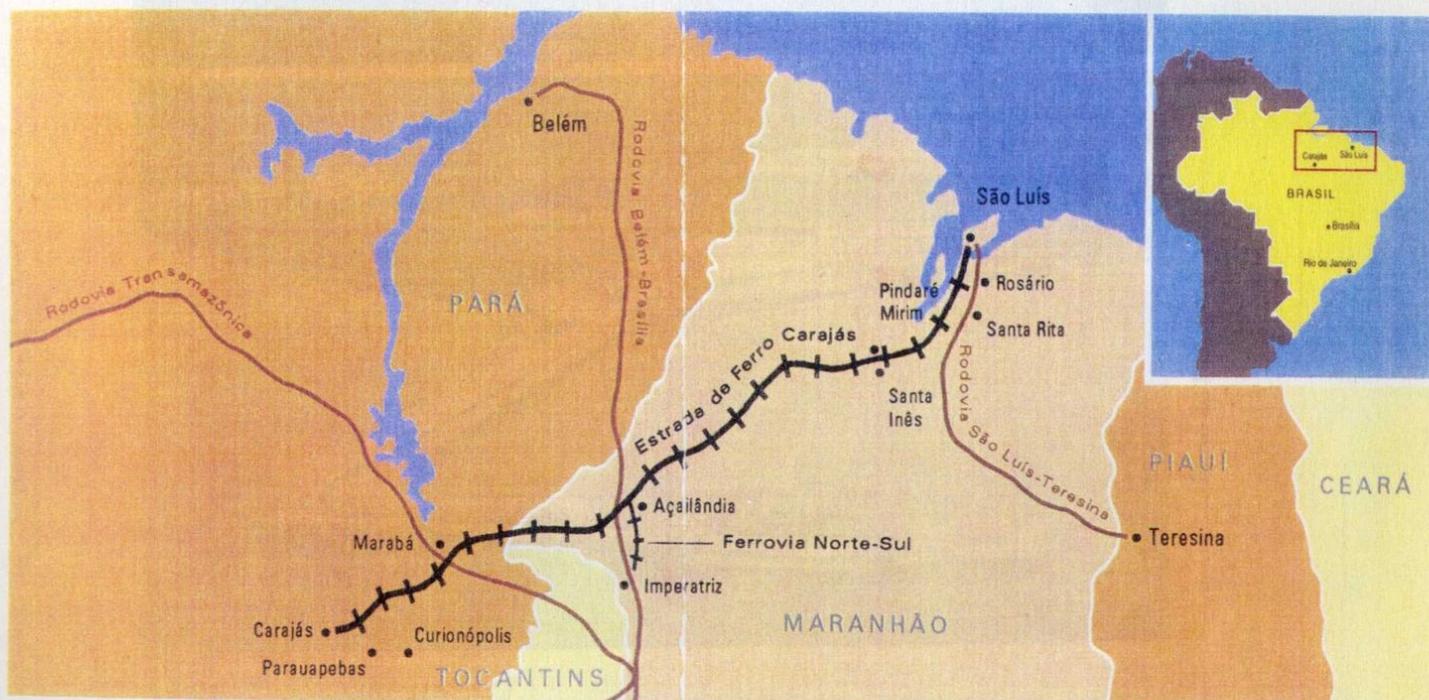


**A** Estrada de Ferro Carajás faz parte do Sistema Norte da Companhia Vale do Rio Doce, um sistema integrado mina-ferrovia-porto, composto ainda pela minas localizadas em Carajás, no sul do Pará e — na outra ponta — pelo Terminal Marítimo de Ponta da Madeira, situado em São Luís do Maranhão.

O objetivo básico da EFC é transportar economicamente o minério de ferro de alto teor de Carajás, até Ponta da Madeira. São 892 quilômetros de trilhos em via singela, com bitola de 1,60 metro e 44 pátios de cruzamento. A ferrovia atravessa terreno eminentemente plano, sem túneis ou grandes obras de engenharia. A extensão total de pontes e viadutos é de apenas 11,2 quilômetros. A maior ponte, rodoviária, tem 2.310 metros de comprimento e atravessa o rio Tocantins.

A superestrutura é formada por trilhos de 68 kg/m soldados continuamente e fixados elasticamente a dormentes de madeira. Esta superestrutura suporta composições de grande tonelagem e apresenta baixos custos de manutenção.

O trem-tipo de minério é formado por três locomotivas e 200 vagões, com capacidade de carga útil de 19.600 toneladas. A frota, dimensionada para transportar 35 milhões de t/ano de minério de ferro, é responsável por 27% de todo o transporte ferroviário nacional em TKU (tonelada/km útil) e é composta por 78 locomotivas e 2.946 vagões de minério. O ciclo completo da viagem, incluindo carga e descarga, é de 63 horas. A cada dia, cinco trens de minério e dois de cargas combinadas cruzam a EFC, que está capacitada para transportar 3,5 milhões de toneladas <sup>te</sup>

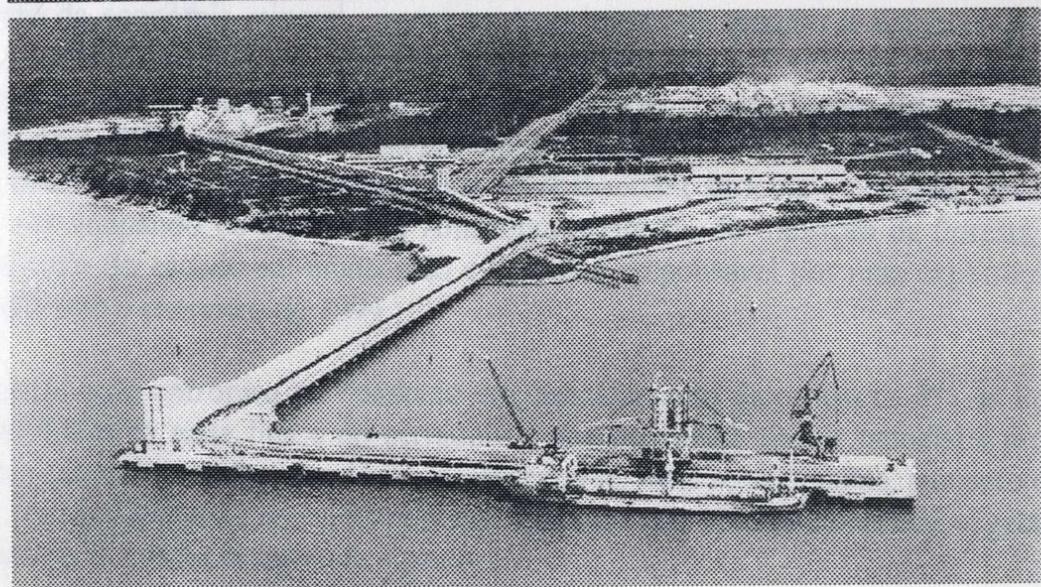


Ponte sobre o rio Tocantins.

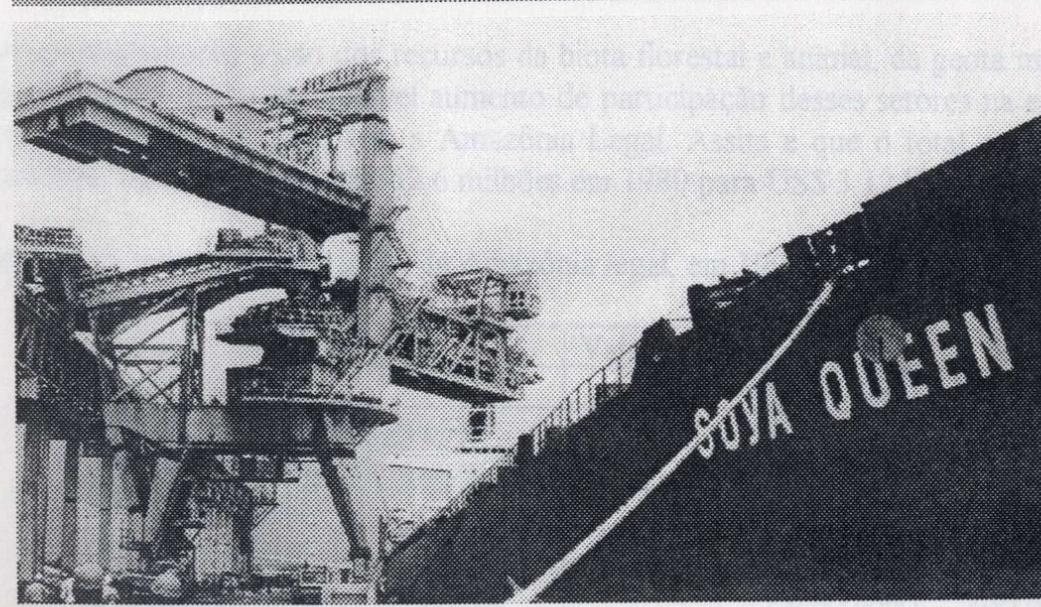




Porto de Manaus, Amazonas



Porto de Barcarena, Pará



Porto Ponta da Madeira-Itaqui, São Luis



## INTRODUÇÃO

Exportar sempre foi uma grande vocação e saída para a produção da Amazônia desde os tempos coloniais. Dotada de uma extensa e rica variedade de recursos naturais, provenientes da biota florestal, animal e aquática e de bens da geota mineral, a região somente conseguiu tornar-se viável quando foi possível colocar nos mercados internacionais as matérias primas e os produtos para os quais não havia suficiente demanda interna ou nacional.

Isto ocorreu tanto nos antigos tempos das “drogas do sertão” como por ocasião do ciclo da borracha e dos produtos do extrativismo da floresta e do rio. Mais recentemente, a partir da década dos anos setenta, os grandes investimentos do governo federal no campo da infra-estrutura de portos, transportes e hidreletricidade na Amazônia Oriental, proporcionaram as condições básicas para o desenvolvimento da economia mineral, graças as descobertas de grandes jazimentos de manganês, ferro, bauxita, caulim, cassiterita e outros bens que compõem a geo-diversidade regional. Durante esse período também houve o surgimento da economia agrícola e pastoril com mais intensidade na parte do sul e sudeste do Pará, na baixada e na pré-amazônia maranhense, no novo Estado de Tocantins e nos Estados de Rondônia e Mato Grosso. Essa nova fronteira agrícola e pecuária, descendo do planalto central, está ocupando os espaços da Amazônia periférica de transição da floresta tropical chuvosa para o cerrado do escudo sul-amazônico e hoje já é responsável por uma exportação de US\$ 506,0 milhões durante o exercício de 1994.

Apesar dessa ação antrópica ter resultado em desmatamento da ordem de 8% da floresta densa e da região periférica da mata fina e do cerrado - o que provocou clamor mundial e profecias de fim do mundo por parte dos ecologistas radicais - observa-se, mais recentemente, aumento de produtividade, eis que caiu sensivelmente nos anos noventa a taxa de alteração da cobertura vegetal, enquanto subiram os índices da produção agrícola e pastoril.

O melhor aproveitamento e uso dos recursos da biota florestal e animal, da geota mineral e do agropastoreio resultaram num considerável aumento de participação desses setores na exportação regional nos nove Estados que compõem a Amazônia Legal. Assim é que o total exportado, conforme quadros anexos, aumentou de US\$ 562,6 milhões em 1980 para US\$ 3,12 bilhões em 1994.

A composição da pauta de exportação da Amazônia legal, em 1994, foi a seguinte:

Produtos	Valor FOB em US\$ 1,00	%
Bens minerais	1.860.747.923	59,63%
Produtos florestais madeireiros	515.783.779	16,53%
Produtos florestais não madeireiros	62.170.713	2,00%
Produtos de pesca	50.330.832	1,61%
Produtos agrícolas	454.762.041	14,57%
Produtos pecuários	51.255.886	1,64%
Produtos industriais	78.327.577	2,52%
Outros	46.969.747	1,50%
<b>Total</b>	<b>3.120.348.498</b>	<b>100,00%</b>



Observa-se, pelo quadro acima, que a geota mineral - compreendendo o conjunto dos bens minerais metálicos e não-metálicos - constitui hoje a principal fonte de exportação para o exterior, com 59,63% do total embarcado, com uma geração de divisas da ordem de US\$ 1,86 bilhão, devido ao grande volume de embarques de minério de ferro, bauxita, alumínio, manganês e caulim; seguido dos produtos agro-pecuários, com uma contribuição de US\$ 506,1 milhões, em função do grande incremento do produto de grãos - sobretudo soja - em Mato Grosso cuja safra em 1995 deverá atingir a grandeza de cinco milhões de toneladas.

A contribuição da biota amazônica figura com US\$ 628,28 milhões, sendo que os produtos florestais madeireiros lideram os embarques do setor com US\$ 515,78 milhões. O tradicional setor extrativista de produtos florestais não madeireiros - que no passado lideraram a exportação regional com borra-chá, castanha e diversos outros produtos da economia extrativa - vem sofrendo, ao longo dos anos, sistemática redução de seu potencial participativo na exportação regional. Assim é que, somente a castanha contribuiu com apenas US\$ 28,2 milhões, valor esse ultrapassado pela exportação de palmítico de açaí com US\$ 31,2 milhões. Os restantes dos produtos do extrativismo perderam importância por falta de demanda, queda de preço e falência do setor produtivo. Os produtos de pesca, surgidos nesta última década com a descoberta dos bancos pesqueiros do litoral amapaense, tiveram uma significativa participação de US\$ 50,2 milhões. O setor industrial, representado pela exportação de produtos manufaturados da Zona Franca de Manaus, contribuiu com uma geração de divisas da ordem de US\$ 78,3 milhões.

Com relação aos maiores exportadores da Amazônia Legal figuram a Companhia Vale do Rio Doce, Albrás e Mineração Rio do Norte no Pará; Indústria e Comércio de Minérios (ICOMI), Amapá Florestal e Celulose (AMCEL) e Cia. Ferroligas no Amapá; Alcoa Alumínio, Billiton Metais e Usina Siderúrgica no Maranhão; Ceval Alimentos do Nordeste em Tocantins; Gillette da Amazônia, Gethal Madeiras Compensadas e Xerox S/A no Amazonas; Cendal Comercial Exportadora em Roraima; Brasil Amazônia, Esteves Irmãos e Lammy Industrial Madeireira em Rondônia; Olvepar da Amazônia, Sadia S/A e Ceval-Centro Oeste em Mato Grosso.

Pelos quadros apresentados a seguir conclui-se que a Amazônia Legal está se tornando um grande pólo de exportação, pois a geração de divisas de US\$ 3,12 bilhões em 1994 já representa cerca de 8% do valor total exportado pelo país. Espera-se que essa participação venha a aumentar ainda mais com a expansão dos projetos de mineração no Pará; da produção agrícola de soja em Mato Grosso, Tocantins, Maranhão e sul e sudeste do Pará; da produção madeireira de compensados, laminados e celulose; dos produtos industriais da Zona Franca de Manaus e de outros setores e segmentos da economia regional, que estão passando por um processo de intensificação de investimentos, incorporação de novas tecnologias e melhora de produtividade.

Sem esquecer a necessidade de promover o desenvolvimento sustentável da região, conciliando o uso dos recursos naturais com a proteção do meio-ambiente, os nove Estados da Amazônia Legal estão dando uma contribuição positiva em termos de exportação e geração de divisas para o balanço de comércio e de pagamentos do país.



**EXPORTAÇÃO DA AMAZÔNIA LEGAL**  
**VALOR DA EXPORTAÇÃO EM US\$ 1.000**

ESTADOS	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994
PARÁ	411.082	482.736	385.250	435.000	460.000	393.367	521.615	729.397	939.015	1.406.413	1.548.034	1.574.858	1.645.790	1.781.049	1.820.771
AMAPÁ	69.850	72.126	55.080	45.000	47.000	39.707	30.000	34.227	50.304	42.716	57.623	53.314	9.378	55.891	73.815
TOCANTINS	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	347	204
MARANHÃO	10.928	9.099	4.729	15.000	22.000	84.870	346.729	547.737	887.269	459.591	442.620	476.706	427.458	462.627	575.718
AMAZONAS	59.969	54.522	51.100	46.000	50.000	52.679	39.342	50.099	68.278	125.926	178.291	106.919	148.115	144.867	133.950
RORAIMA	4.504	4.559	4.503	0	0	411	267	539	536	198	182	270	3.465	6.554	5.633
RONDÔNIA	4.830	6.487	5.276	5.000	3.000	4.093	7.963	8.150	9.604	14.146	9.454	19.543	16.799	30.211	36.526
ACRE	1.502	93	169	0	0	102	5	11	595	2.584	2.660	2.211	1.927	4.094	4.146
M. GROSSO	*	*	*	*	*	*	*	695	415	17	185.423	253.996	223.601	311.737	329.546
TOTAL	562.665	629.622	506.107	546.000	582.000	575.229	946.616	1.370.575	1.955.618	2.236.997	2.492.860	2.457.422	2.565.016	2.815.043	3.120.314

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior - Anuário Estatísticas do IBGE - Secex DTIC para 1994.

Pesquisa, tabulação, mapeamento, ordenamento e observações feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.

Obs: 1. Os dados de 1993 do Amapá, Tocantins, Maranhão, Roraima, Rondônia, Acre e Mato Grosso foram obtidos no anuário do IBGE, 1994.

2. Os dados de 1994 e parte de 1993 foram obtidos junto à SECEX / DTIC / Serpro, e os de 1980 a 1992 foram transcritos dos Anuários Estatísticos do IBGE de 1980 a 1992.

3. A exportação de Tocantins até 1988, quando este Estado foi criado, fazia parte da balança comercial do Estado de Goiás, ao qual esteve ligado e, por este motivo, não existem dados para se avaliar a exportação nesses anos do Goiás Amazônico. O mesmo ocorreu com o Estado do Mato Grosso, criado pela Lei Complementar 31/1977, porém até 1985 não existiam dados repassados para a Amazônia Matogrossense.



## EXPORTAÇÃO DA AMAZÔNIA LEGAL

PERÍODO: JANEIRO A DEZEMBRO DE 1994

ESTADOS	VALOR DA EXPORTAÇÃO FOB EM US\$1,00	PESO LÍQUIDO EM TONELADAS
PARÁ	1.820.771.266	42.026.445
AMAPÁ	73.815.187	846.990
TOCANTINS	3.722.631	15.199
MARANHÃO	575.718.943	1.228.588
AMAZONAS	133.950.256	96.234
RORAIMA	5.633.551	2.893
RONDÔNIA	36.526.918	50.754
ACRE	4.146.391	5.713
MATO GROSSO	466.033.355	1.646.196
TOTAL	3.120.318.498	45.919.012

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC/SERPRO.

Pesquisa, tabulação e mapeamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.

EXP10-94



**EXPORTAÇÃO DE BENS MINERAIS DA AMAZÔNIA - 1994 - VALOR FOB US\$ 1.00 - QUANTIDADE EM TONELADAS**

BENS MINERAIS	PARÁ	AMAPÁ	MARANHÃO	RORAIMA	MATO GROSSO
	QUANT (TON)	VALOR US\$ 1.00	QUANT (TON)	VALOR US\$ 1.00	QUANT (TON)
MINÉRIO DE FERRO NÃO AGLOMERADO - HEMATITA	33.016.331	539.956.177	...	...	...
IDEML, NÃO AGLOMERADO - OUTRAS HEMATITA	2.145.313	39.347.074	...	...	...
ALUMÍNIO NÃO LIGADO EM FORMAS BRUTAS	344.616	461.168.502	...	318.236	403.201.976
LIGAS DE ALUMÍNIO EM FORMAS BRUTAS	...	...	...	15.753	22.811.294
MINÉRIO DE ALUMÍNIO - BAUXITA NÃO CALCINADA	4.302.961	101.024.828	...	...	...
IDEML, BAUXITA CALCINADA REFRATÁRIA	56.374	7.235.058	...	...	...
IDEML, BAUXITA NÃO CALCINADA	28.021	1.180.284	...	...	...
HIDRÓXIDO DE ALUMÍNIO	...	...	...	50	8.102
OUTROS ÓXIDOS DE ALUMÍNIO	...	...	...	285.387	43.450.857
CAULIM LAVADO OU BENEFICIADO	515.202	50.590.440	...	...	...
MINÉRIO DE MANGANESE NÃO AGLOMERADO	463.577	25.670.874	...	...	...
MINÉRIO DE MANGANESE E SEUS CONCENTRADOS	2.744	941.433	379.289	25.504.176	...
FERRO GUSA NÃO LIGADO	76.700	9.921.840	...	463.391	58.290.999
SILÍCIO COM PUREZA < 99,99%	15.638	14.020.140	...	...	...
MINÉRIO DE CROMO - CROMITA	...	...	156.154	9.221.763	...
MINÉRIO DE NIÓBIO (COLOMBIO) - NIOBITA	...	...	10	99.692	...
LIGAS DE FERRO MANGANESES	...	...	24.183	9.031.676	...
OURO EM BARRAS, FIOS E PERFILADOS (EM GRAMAS)	...	...	(83 kilos)	1.011.932	...
RUTOSÍDIO (RUTINA)	...	...	207	4.160.986	...
DERIVADOS DE RUTOSÍDIO (RUTINA)	...	...	3	23.400	...
OUTROS DIAMANTES INDUSTRIAS (EM QUILATES)	...	...	...	23.731	2.719.154
DIAMANTE INDUSTRIAL LAPIDADO (EM QUILATES)	...	...	...	3.546	1.679.242
DIAMANTE NÃO INDUSTRIAL EM BRUTO (EM QUILATE	...	...	...	1.103	129.845
DIAMANTE NÃO INDUSTRIAL LAPIDADO	...	...	...	...	...
CIMENTO PORTLAND COMUM	...	...	...	...	2.733
PEDRAS EM BRUTO DO CAPÍTULO 71-NBM	...	...	...	...	278.228
<b>TOTAL</b>	<b>40.967.477</b>	<b>1.251.056.650</b>	<b>560.136</b>	<b>44.869.239</b>	<b>1.083.027</b>
				<b>531.947.614</b>	<b>4.839.967</b>
					<b>2.733</b>
					<b>28.034.453</b>

Fonte: SECEX/DTIC, SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação, ordenamento e observações feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.

Obs: 1. Na relação não inclui o fornecimento de óleo combustível, gasolina automotiva, querosene de aviação e lubrificantes aos navios e aviões em trânsito.

2. Na exportação do Amazonas e Roraima não figura a exportação de cerca de 10.000 toneladas de estanho de Pitinga e Bom Futuro, pois a empresa Mineração Taboca, do Grupo Parapanema e outras remetem esses minérios em bruto para o Centro-Sul, onde são transformados em barras e ligas para exportação.

3. O total dos bens minerais exportados pela Amazônia Legal, em 1994, atingiu US\$ 1.860.747.923 (42.613.373 toneladas), que representa 59,63% do total exportado em 1994.



A EXPORTAÇÃO DA BIOTA AMAZÔNICA - 1994 - VALOR FOB EM US\$ 1.00 - QUANTIDADE EM TONELADAS

PRODUTOS DA BIOTA	PARÁ	AMAPÁ	TOCANTINS	MARANHÃO	AMAZONAS	RORAIMA	RONDÔNIA	ACRE	M. GROSSO	TOTAL
<b>1 PRODUTOS FLORESTAIS MADEIREIROS</b>	<b>408 926 208</b>	<b>18 684 880</b>	<b>83 509</b>	<b>6 323 495</b>	<b>36 581 148</b>	<b>748 783</b>	<b>19 274 971</b>	<b>3 963 535</b>	<b>24 197 170</b>	<b>615 783 779</b>
-MADEIRAS SERRADAS/ COMPENSADAS/ FOLHEADAS/LAMINADAS	310.155.027	18.684.880	83.509	4.989.431 1.334.064	36.581.148 5.287	743.496 54.793	19.220.178 ...	3.963.535 ...	23.167.193 1.029.977	417.588.397 9.079.405
-PRODUTOS MANUFATURADOS MADEIRA	6.655.284	...	...	...	...	...	...	...	...	89.115.977
-CELULOSE/PASTA QUÍMICA MADEIRA	89.115.977	...	...	...	...	...	...	...	...	...
<b>2 PRODUTOS FLORESTAIS NÃO MADEIREIRO</b>	<b>47 064 560</b>	<b>5 476 510</b>	<b>210 163</b>	<b>8 015 722</b>	<b>73 762</b>	<b>144 415</b>	<b>1 185 581</b>	<b>18.514</b>	<b>62 170 713</b>	<b>13.629.440</b>
-CASTANHA-DO-PARÁ SEM CASCA	13.610.926	...	...	...	...	...	...	...	...	8.045.325
-CASTANHA-DO-PARÁ COM CASCA	8.045.325	...	...	...	...	...	...	...	...	6.571.129
-CASTANHA-DO-PARÁ SECA/DESIDRATADA	...	...	...	...	...	6.177.202	...	125.901	268.026	31.221.136
-PALMITO PREPARADO OU CONSERVADO	25.408.309	5.476.510	...	...	...	27.762	...	...	308.555	988.236
-ÓLEO ESSENCIAL DE PAU-ROSA	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...
-ÓLEO DE BABAÇU	...	...	...	...	...	141.297	...	...	...	141.297
-BALSAMO DE COPAÍBA	...	...	...	...	...	...	...	...	...	392.390
-CUMARÚ OU FAVA TONCA	...	...	...	...	...	...	...	...	...	512.138
-OUTRAS PLANTAS/PARTES PERFUMADAS	...	...	...	...	...	...	...	...	...	60.622
-PELES DEPILADAS RÉPTEIS CURTIAS	...	...	...	...	...	...	...	...	...	609.000
<b>3 PRODUTOS DE PESCA</b>	<b>40.873.487</b>	<b>4.761.938</b>	<b>...</b>	<b>4.608.973</b>	<b>...</b>	<b>86.434</b>	<b>50.330.832</b>	<b>...</b>	<b>...</b>	<b>43.784.859</b>
-CAMARÕES CONGELADOS	39.022.921	4.761.938	...	...	...	...	...	...	...	1.249.255
-BEXIGAS NATATORIAS	1.249.255	...	...	...	...	...	...	...	...	3.166.336
-PEIXES VIVOS ORNAMENTAIS	601.311	...	...	...	...	...	...	...	...	1.680.914
-FILÉS DE PEIXES CONGELADOS	...	...	...	...	...	...	...	...	...	449.468
-CARNES DE PEIXES FRESCAS	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...
<b>TOTAL</b>	<b>493 864 335</b>	<b>28 923 326</b>	<b>83 509</b>	<b>6 533 658</b>	<b>19.205.843</b>	<b>748 783</b>	<b>19 348 733</b>	<b>4 107 950</b>	<b>25 459 185</b>	<b>626 285 324</b>

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/Secex/DTIC, Serpro, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e observações feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.

Obs: 1. A biota amazônica, através de seus produtos da flora e da fauna, foi no passado a única fonte de exportação da Amazônia para o exterior. Naquele tempo, a pauta da biodiversidade amazônica exportada era muito grande e compreendia aquelas especiais e outras drogas do sertão, como salaparrilha, cravo, pimenta, canela, anil e produtos do chamado extrativismo florestal e animal, como borracha, sernambi, caucho, balata, urucumurú, jatobá, murumurú, sorva, jutaíca, puxuri, murumurú, ucuúba, cipó-titica, piacava, andiroba, quina, macaranduba, ipêcacuanha, carajirú, marupá, banha de tartaruga, couros de queixada, caititú, lontra, ariranha, jacaré, orquídeas, penas de garça, sumáuma, tucum e dezenas de outros produtos da biota florestal e animal, que desapareceram da nossa pauta de exportação. Sobrou, apenas, a castanha-do-pará, o óleo de pau-rosa, a copalba, o cumaru e o palmito, em quantidades insignificantes face ao vulto dessas exportações no passado.

2. Somente cresceu de importância os produtos florestais madeireiros, dos quais a Amazônia exportou, em 1994, US\$ 426,6 milhões em madeira serrada e compensadas e U\$S 89,1 milhões em celulose, que assim se tornou o segundo produto da pauta de exportação depois dos minérios, que passaram a dominar a maioria da exportação amazônica.

3. Existe, também, um novo setor de biota aquática - o segmento pesqueiro, que vem aumentando a sua participação com os embarques de camarões, filets de peixes bagres e perixinhos ornamentais.



# EXPORTAÇÃO DE PRODUTOS AGRO-PECUÁRIOS DA AMAZÔNIA - 1994 - VALOR FOB EM US\$ 1,00

PRODUTOS	PARÁ	TOCANTINS	MARANHÃO	AMAZONAS	RONDÔNIA	MATO GROSSO	TOTAL
<b>PRODUTOS AGRÍCOLAS</b>							
PIMENTA PRETA	40.061.598 31.045.811	3.636.510	33.371.919	1.431.345 592.025	16.470.865	359.721.184	454.782.841 31.637.836
PIMENTA BRANCA	4.707.802	...	...	...	...	...	4.707.802
PIMENTA VERDE	1.131.891	...	...	...	...	...	1.131.891
CACAU	1.526.400	...	...	...	...	...	1.526.400
SUCO DE MARACUJÁ (JAN/JUL)	130.883	...	...	...	...	130.883	130.883
ÓLEO DE DENDÊ (PALMA) EM BRUTO	1.525.811	3.636.510	30.736.414	...	...	159.178.085 48.070.817	193.551.009 48.070.817
SOJA, MESMO TRITURADA	...	...	...	...	...	74.000	74.000
ÓLEO DE SOJA, MESMO EM BRUTO	...	...	...	...	...	152.444.262	2.635.505
ÓLEO DE SOJA REFINADO	...	...	...	...	...	...	...
FARELO DE EXTRACÇÃO DE SOJA	...	...	...	...	...	...	...
FIOS DE ALGODÃO	...	...	...	...	...	...	...
GUARANA EM GRÃO DESIDRATADO	...	...	...	...	...	...	...
GUARANA FRESCO OU SECO	...	...	...	...	...	...	...
CAFÉ NÃO TORRADO EM GRÃO	...	...	...	...	...	...	...
OUTRAS FRUTAS EM POLPA	...	...	...	...	...	...	...
<b>PRODUTOS PECUÁRIOS</b>	0	0	0	0	0	\$1.255.866	\$1.255.866
CARNE DE BOVINO, COZIDA E CONGELADA	...	...	...	...	...	19.070.138	19.070.138
CARNE DE BOVINO COZIDA - CORNED BEEF	...	...	...	...	...	17.809.621	17.809.621
CONTRAFILÉ DE BOVINO, DESOSSADO/CONGELADO	...	...	...	...	...	3.343.662	3.343.662
QUARTOS DIANTEIROS DE BOVINO, DESOSSADO	...	...	...	...	...	1.947.173	1.947.173
FILÉ DE BOVINO, DESOSSADO/CONGELADO	...	...	...	...	...	1.725.007	1.725.007
PATINHO DE BOVINO, DESOSSADO/CONGELADO	...	...	...	...	...	1.708.954	1.708.954
LÍNGUA DE BOVINO PREPARADA/CONSERVADA	...	...	...	...	...	1.679.749	1.679.749
BUCHOS DE ANIMAIS, EXCETO DE PEIXES	...	...	...	...	...	1.068.874	1.068.874
EXTRATO DE CARNE	...	...	...	...	...	794.178	794.178
FILÉ MIGNON DE BOVINO DESOSSADO	...	...	...	...	...	520.230	520.230
CONTRAFILÉ DE BOVINO, DESOSSADO	...	...	...	...	...	327.559	327.559
OUTROS MIUDOS COMESTÍVEIS DE BOVINO	...	...	...	...	...	267.129	267.129
OUTRAS PEÇAS DE BOVINO, DESOSSADO	...	...	...	...	...	247.242	247.242
LÍNGUAS DE BOVINO, CONGELADAS	...	...	...	...	...	207.781	207.781
ENCHIDOS E PRODUTOS SEMELHANTES DE CARNE	...	...	...	...	...	204.700	204.700
CORAÇÃO DE ALCATRA DE BOVINO, DESOSSADO	...	...	...	...	...	182.105	182.105
LAGARTO DE BOVINO, DESOSSADO	...	...	...	...	...	79.269	79.269
OUTRAS PARTES DE ALCATRA DE BOVINO	...	...	...	...	...	72.515	72.515
<b>TOTAL</b>	40.061.598	3.636.510	33.371.919	1.431.345 592.025	16.470.865	359.721.184	454.782.841 31.637.836

**Obs. 1.** Os Estados do Amapá, Roraima e Acre não comparecem com produtos agropecuários na sua pauta de exportação, pelo menos nas estatísticas oficiais podendo, no entanto, ter se realizada exportações informais, através do comércio da fronteira.

**2.** A exportação do Estado do Amazonas é insignificante, limitando-se às remessas de guaraná, um produto tradicional do Estado, cuja produção tem sido insuficiente para atender a procura mundial. Hoje, o maior produtor de guaraná é o Estado da Bahia, seguido de Mato Grosso.

**3.** A exportação agrícola do Pará está concentrada nos embarques de cacaueiro e sua exportação é realizada através dos portos de Santos e Paranaguá, por tradings e empresas do Centro-Sul. O Estado já desporta como grande exportador de café, que também tem a maior parte de sua safra escoada por terceiros pelos portos do Sul.

**4.** O Estado de Rondônia passou a ser um grande exportador de café, que também tem a maior parte de sua safra escoada por terceiros pelos portos do Sul.

**5.** O Estado de Mato Grosso tornou-se um grande produtor de soja, sendo a atual safra de 1994/1995 calculada em cerca de 5 milhões de toneladas, o que representa o segundo lugar no "ranking" dos estados brasileiros. A sua exportação de carne é significativa, com US\$ 5,25 milhões de produtos de carne de boi e derivados. É importante para este Estado viabilizar a sua exportação direta por intermédio da hidrovía do rio Madeira, que escoaria a produção de grãos e outros bens agrícolas por via fluvial para o exterior, por ser reconhecidamente mais barato que os atuais fretes rodoviários da BR-364 e outras rodovias federais e estaduais.



**EXPORTAÇÃO DA AMAZÔNIA LEGAL**  
**PERÍODO: JANEIRO A DEZEMBRO 1994**

**PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS, POR ESTADOS - VALOR FOB = US\$1,00**

ESTADOS	PRODUTOS						OUTROS	TOTAL
	MINERAL	MADEIRA	PASTA QUIM MADEIRA	AGRICOLA	PECUÁRIA	PESCA		
PARÁ	1.251.056.650	316.810.311	89.115.977	40.068.598	...	40.873.487	47.064.560	35.781.683
AMAPÁ	44.869.239	18.684.880	...	...	4.761.938	...	5.476.510	22.620
MARANHÃO	531.947.614	6.323.495	33.371.919	...	...	...	210.163	3.865.752
TOCANTINS	...	83.509	3.636.510	...	...	...	...	575.718.943
AMAZONAS	...	36.581.148	1.493.345	...	4.608.973	8.015.722	78.327.577	3.722.631
RORAIMA	4.839.967	748.783	...	...	...	...	...	2.612
RONDÔNIA	...	19.274.971	16.470.505	...	...	73.762	...	133.950.256
ACRE	...	3.963.535	...	...	...	144.415	...	5.663.551
MATO GROSSO	28.034.453	24.197.170	...	359.721.164	51.255.886	86.434	1.185.581	36.526.918
<b>TOTAL POR PRODUTO</b>	<b>1.480.717.823</b>	<b>428.667.462</b>	<b>R\$ 115.977</b>	<b>R\$ 1.256.698</b>	<b>R\$ 1.256.698</b>	<b>R\$ 1.256.698</b>	<b>62.179.713</b>	<b>48.969.747</b>
								<b>3.129.348.498</b>

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC, SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.



## ESTADO DO PARÁ

A economia paraense que, no passado, centrava-se na exportação de produtos florestais do extrativismo, passou por uma grande transformação a partir dos anos setenta. Nesta década foram descobertos grandes recursos minerais na Serra de Carajás (ferro e manganês), no rio Jari (caulim) e no rio Trombetas (bauxita) e realizados grandes investimentos na infra-estrutura como a construção da hidrelétrica de Tucuruí, a estrada de ferro de Carajás e os complexos portuários de Ponta da Madeira em São Luiz e Barcarena e rio Trombetas no Pará.

Assim é que, a exportação que em 1975 gerou apenas US\$ 88,85 milhões, cinco anos depois, em 1980, alcançava a expressiva soma de US\$ 411,0 milhões, com a entrada dos bens minerais na pauta de exportação do Estado. A partir desse ano, os valores exportados vem aumentando consideravelmente na medida em que se ampliam e se maturam os investimentos da principal empresa mineradora, a Cia. Vale do Rio Doce e suas subsidiárias ou coligadas. Os valores exportados se aproximam de um bilhão de dólares em 1988 (US\$ 939,01 milhões) e ultrapassam essa marca em 1989 com US\$ 1,40 bilhão, US\$ 1,54 bilhão em 1991, US\$ 1,64 bilhão em 1992, US\$ 1,78 bilhão em 1993 e US\$ 1,82 bilhão em 1994.

A pauta de exportação em 1994 e 1993 compreendia os seguintes produtos em valores FOB em dólares:

Produtos	1994	Δ %	1993	Δ %
Produtos minerais	1.251.056.650	68,71	1.257.871.460	70,62
Madeira serrada/compensada/laminada	316.810.311	17,40	244.226.772	13,71
Pasta química de madeira (celulose)	89.115.977	4,89	104.041.769	5,84
Produtos florestais do extrativismo não madereiro	47.064.560	2,58	42.628.005	2,39
Produtos agrícolas	40.068.598	2,20	42.575.450	2,40
Produtos de pesca	40.873.487	2,24	47.988.636	2,70
Outros produtos	35.781.683	1,98	41.715.812	2,34
<b>Total</b>	<b>1.820.771.266</b>	<b>100,00</b>	<b>1.781.047.904</b>	<b>100,00</b>

O principal produto mineral exportado em 1994 foi o minério de ferro com US\$ 579.303.251, seguido do alumínio metálico com US\$ 461.168.502, bauxita não calcinada e refratária com US\$ 109.440.100, caulim lavado ou beneficiado com US\$ 50.590.440, minério de manganês com US\$ 26.612.307, silício com pureza < 99,99% com US\$ 14.020.140 e ferro gusa não ligado com US\$ 9.921.840.

O segundo item da pauta de exportação paraense foi de produtos florestais madeireiros com um valor de US\$ 316.810.311. Os principais tipos de madeiras serradas, compensadas e laminadas foram provenientes das seguintes espécies: aguano, cedro, jatobá, angelim, virola, quaruba, tatajuba, sucupira, jatobá e ipê. Foram exportados, nesse ano, pasta química de madeira ou celulose, proveniente do antigo Projeto Jari, 233.574 toneladas no valor de US\$ 89.115.977, ao preço médio de US\$ 381,53 por tonelada, comparado com o valor médio de US\$ 288,11 por tonelada no ano de 1993, em virtude da recuperação dos preços do mercado mundial de celulose e papel.



A produção agrícola exportada montou a US\$ 40.068.598, sendo o principal produto a pimenta preta, branca e verde no valor de US\$ 36.885.504, ao preço médio de US\$ 1.888,27 por tonelada, comparado com o preço médio de US\$ 1.109,18 alcançado em 1993. Em 1994 teve início a exportação de óleo de dendê (palma), com um total de 2.304 toneladas no valor de US\$ 1.525.811.

Os produtos florestais do extrativismo não madeireiro que, no ano passado, foram as vigas mestras da economia e exportação paraense, continuam declinando de importância. Da pauta de exportação do passado sobrou apenas a castanha que, no ano de 1994, figurou com um valor de US\$ 21.656.251, com preço médio de US\$ 2,68 o kilo para a castanha seca sem casca e US\$ 1,06 por kilo para a castanha desidratada com casca. O palmito em conserva foi dentre os produtos florestais o de maior destaque, com um valor exportado de US\$ 25.408.309, ao preço médio de US\$ 3,30 por kilo FOB.

Desde a descoberta dos bancos camaroeiros na costa do Amapá e no litoral paraense que a pesca desse crustáceo vem figurando de forma crescente na relação dos produtos exportados pelo Pará e Amapá. A exportação dos produtos de pesca em geral rendeu, em valores exportados pela economia paraense, a quantia de US\$ 40.873.487.

O Pará exportou para mais de 30 países em 1994, sendo que os principais compradores foram o Japão em primeiro lugar, seguido dos Estados Unidos, França, Alemanha, Bélgica e Coréia. As principais firmas exportadoras foram a Companhia Vale do Rio Doce, Albrás-Alumínio Brasileiro, Mineração Rio do Norte, Jari Celulose e Caulim da Amazônia.

A economia paraense no setor minerário continua em franco processo de expansão e crescimento. A Companhia Vale do Rio Doce que tem a sua base de produção na Serra dos Carajás, espera produzir em 1995 cerca de 40 milhões de toneladas de ferro e 500.000 toneladas de manganês, além de iniciar o Projeto Salobo de mineração de cobre. A Mineração Rio do Norte S/A que explora a bauxita do rio Trombetas, consórcio liderado pela Vale do Rio Doce, estima exportar cerca de 6 milhões de toneladas de bauxita calcinada e refratária. A Albrás Alumínio Brasileiro S/A - empresa do Grupo Vale do Rio Doce associado com o consórcio japonês da Nippon Amazon Aluminium Co. Ltd. (NAAC), que detém 49% de participação acionária, já exportou, nos últimos dez anos de existência, dois milhões de toneladas de alumínio metálico, sendo sua capacidade de produção de 350.000 ton/ano, com perspectivas de ampliação para 500.000 ton/ano nos próximos anos. A sua subsidiária Alunorte, também localizada em Barcarena, perto de Belém, deverá iniciar a sua produção de alumina (óxido de alumínio sólido, gerado pelo processamento da bauxita e que depois será transformado em alumínio metálico através de um processo de eletrolise), ainda neste ano de 1995, esperando-se uma produção de 900.000 toneladas de bauxita para atingir a sua capacidade total de 1,1 milhão de toneladas em 1996. O preço da alumina, no mercado internacional, subiu para US\$ 240,00 por tonelada, o que significa um faturamento, já em 1995, de cerca de US\$ 216 milhões na exportação. A Alunorte é controlada pela CVRD que detém 54% do capital e está consorciada com o grupo japonês da NAAC com 15%, Mineração Rio do Norte com 25% e 6% da Companhia Brasileira de Alumínio do Grupo Votorantim.

Outro investimento de peso no setor de mineração é o da Pará Pigmentos S/A, empresa formada pela Caulim da Amazônia S/A (CADAM), controlada do Grupo CAEMI, com participação de 40%, pela Vale do Rio Doce com 40% e pela trading japonesa Mitsubishi, detentora de 20% de participação. Esta nova empresa explorará o caulim do rio Capim, no município paraense de Ipixuna, distante 200 km de Belém do Pará. O minério beneficiado será transportado por um mineroduto de 180 km de



extensão até o terminal portuário em Barcarena, próximo de Belém. As reservas de caulim da empresa no rio Capim estão avaliadas em 66 milhões de toneladas, podendo atingir até 100 milhões de toneladas. Espera-se que a produção inicial em 1996/97 atinja a 300.000 ton/ano até atingir 600.000 ton/ano no final do século. Este investimento deverá contribuir, assim, para a Balança Comercial do Pará com US\$ 72 milhões/ano inicialmente e depois com US\$ 144 milhões, quando operar com plena capacidade. O caulim tipo "coating" é muito usado para embranquecimento e revestimento de papéis como para fabricação de porcelana fina, sendo que a Amazônia paraense figura como uma das maiores produtoras desse mineral não metálico, com uma exportação de 1.200.000 ton/ano (600.000 ton da Codam e 600.000 ton da Pará Pigmentos), no valor aproximado de US\$ 300 milhões/ano, ao lado de outras regiões fabricantes desse produto como a Georgia nos Estados Unidos, a Cornualha na Inglaterra e o Cabo York na Austrália.

Outro minério da Província de Carajás é o cobre, para o qual a CVRD já tem um projeto de exploração pela Empresa Salobo Metais, com um investimento previsto de US\$ 5,5 bilhões e faturamento estimado de US\$ 550 milhões/ano, a ser localizado nas cidades de Marabá ou Parauapebas.

O Estado do Pará tornou-se líder na exportação de minérios do país com a sua produção de ferro, manganês, bauxita e caulim. A exportação paraense de minérios deve atingir US\$ 1,5 bilhão/ano e o total de todos os produtos embarcados pode gerar divisas da ordem de US\$ 2,0 bilhões no corrente ano de 1995. Face ao dinamismo deste setor, espera-se que o Estado do Pará consiga retirar dessa invejável liderança exportadora um maior proveito em termos de aumento do valor adicionado de produção através da criação de pólos de metalurgia para produtos de segunda e terceira gerações, de modo a produzir, também, artefatos de alumínio e ligas metálicas de mais alto valor agregado. Isto permitiria diminuir a grande concentração de renda das grandes mineradoras e criar novas fontes de renda e emprego para a população e impostos.

A economia paraense não vem crescendo apenas no setor de mineração. A pecuária vem se expandindo sistematicamente desde 1970, tendo o seu rebanho bovino e bubalino aumentado de 1.043.000 cabeças em 1970 para 3.933.000 em 1980 e 7.322.789 em 1991, o que mais tarde ou mais cedo contribuirá para a melhora do abastecimento de carne e leite para o mercado regional, hoje abastecido em parte por outras regiões do país. No campo da agricultura, além da produção de pimenta-do-reino, a produção agrícola vem crescendo para atender a demanda doméstica regional e de exportação. Na pauta de exportação de 1994 figura, pela primeira vez, uma exportação pioneira de 2.034 toneladas de óleo de palma ou dendê, no valor FOB de US\$ 1.525.811, ao preço médio de US\$ 661,95 por tonelada. Neste segmento, a Agropalma S/A, a Companhia Real Agro-Industrial e a Companhia Agroindustrial do Pará (AGROPAR), do Grupo Real, já implantaram 12.000 hectares de dendê no município de Tailândia no Pará. No ano passado, a produção alcançou um valor de US\$ 23 milhões de vendas no mercado interno e externo, sendo que para o corrente ano de 1995, a expectativa é de que a produção alcance 6.000 toneladas de óleo, devendo a área cultivada ser aumentada de 12.000 para 16.000 hectares. A produtividade da empresa chegou a atingir a média de 5 toneladas de óleo por hectare - com um teor de acidez de 1,6%, comparado com o padrão asiático de 5% - enquanto que a soja produz apenas 500 kilos por hectare.

No setor do agro também estão sendo feitos grandes investimentos em plantação de côco da Bahia e o Governo do Estado do Pará está incentivando a criação do Pólo Agro-Industrial de Soja em Conceição do Araguaia e em todo o sul e sudeste paraense.



No aspecto tributário, o Estado do Pará obteve menor arrecadação do que o Estado do Amazonas, pois grande parte de sua produção não é devidamente alcançada pelos impostos da União e do Estado. Enquanto o Estado do Amazonas, em 1994, arrecadava US\$ 594.604.787 de tributos federais, o Pará gerava apenas US\$ 370.283.535 nas suas delegacias de Belém, Santarém e Monte Dourado; no campo estadual o Amazonas arrecadou de ICMS, nesse mesmo ano, a importância de US\$ 528.151.399, enquanto o Pará produzia uma receita de US\$ 460.841.851 desse tributo. No ano corrente de 1995, a arrecadação federal nos Estados do Amazonas e Pará foi, respectivamente, de US\$ 481.136.204 e US\$ 265.324.472, no período de Janeiro a Junho. No que se refere ao ICMS, o Amazonas arrecadou, no período de Janeiro a Junho de 1995, a importância de US\$ 467.441.158 e o Estado do Pará apenas US\$ 325.490.414.

Pelos dados acima se confirma que o Estado do Pará, apesar de possuir uma grande base produtiva e exportadora, não vem conseguindo obter receitas públicas correspondentes à grandeza de sua economia e suficiente para o Estado cobrir as suas despesas e necessidade de investimento nos serviços públicos e obras de infra-estrutura econômica e social. A reivindicação do Pará no sentido de obter maiores proveitos decorrentes da implantação dos grandes projetos de mineração é inteiramente justa, destacando-se a necessidade de se conseguir implantar uma política tributária que compense a perda de receitas em virtude das exportações trazerem pequena contribuição para o Tesouro Estadual.



**EXPORTAÇÃO PARA O EXTERIOR**  
**ESTADO DO PARÁ - JANEIRO/DEZEMBRO 1994**  
**PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS - VALOR FOB = US\$1,00**

PRODUTOS	TONELADAS	VALOR FOB EXP US\$ 1,00	PREÇO MÉDIO EXPORTADO US\$1,00
<b>I - PRODUTO MINERAL</b>	<b>40.967.477</b>	<b>1.251.856.556</b>	
MINÉRIO DE FERRO NÃO AGLOMERADO - HEMATITA	33.016.331	539.956.177	16 ton
IDEML, IDEM NÃO AGLOMERADO - OUTRAS HEMATITAS	2.145.313	39.347.074	18 ton
ALUMÍNIO NÃO LIGADO, EM FORMAS BRUTAS	344.616	461.168.502	1.338 ton
MINÉRIO DE ALUMÍNIO - BAUXITA NÃO CALCINADA	4.302.961	101.024.828	23 ton
IDEML, IDEM - BAUXITA CALCINADA REFRATÁRIA	56.374	7.235.058	128 ton
IDEML, IDEM - BAUXITA NÃO CALCINADA	28.021	1.180.284	42 ton
CAULIM LAVADO OU BENEFICIADO	515.202	50.590.440	98 ton
MINÉRIO DE MANGANÊS NÃO AGLOMERADO	463.577	25.670.874	55 ton
MINÉRIO DE MANGANÊS E SEUS CONCENTRADOS	2.744	941.433	343 ton
SILÍCIO COM PUREZA <99,99%	15.638	14.020.140	897 ton
FERRO GUSA NÃO LIGADO	76.700	9.921.840	129 ton
<b>II - MADEIRA SERRADA/COMPENSADA/LAMINADA</b>	<b>754.762</b>	<b>316.810.311</b>	
MADEIRA SERRADA LONGITUDINALMENTE	403.185	107.226.572	107 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE CEDRO SERRADA LONGIT.	20.739	15.325.871	212 m <sup>3</sup>
MADEIRA AGUANO/MOGNO SERRADA	50.564	48.827.959	713 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE JATOBÁ SERRADA LONGIT.	38.480	11.965.265	22 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE TATAJUBA SERRADA LONGIT.	14.237	4.516.325	19 m <sup>3</sup>
MADEIRA ANGELIM VERMELHO SERRADA LONGIT.	15.326	3.389.987	243 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE VIROLA SERRADA LONGIT.	8.336	2.705.985	31 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE ANDIROBA SERRADA LONGIT.	8.116	2.312.518	227 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE CEDRORANA SERRADA LONGIT.	8.444	2.885.777	300 m <sup>3</sup>
MADEIRA QUARUBA SERRADA LONGIT.	7.702	1.704.487	140 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE SUCUPIRA SERRADA LONGIT.	3.363	1.166.707	331 m <sup>3</sup>
MADEIRA COMPENSADA C/FACE DE MADEIRA	88.583	51.512.099	1 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS COMPENSADA C/FACE DE MADEIRA	19.512	16.312.090	28 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS FOLHEADAS/ESTRAT	16.750	9.954.067	298 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS EM FOLHAS P/COMPENSADOS	12.921	8.171.844	0 m <sup>3</sup>
MADEIRA COMPENSADA C/FACE MADEIRA TROPICAL	8.646	5.624.667	34 m <sup>3</sup>
MADEIRA AGUANO/MOGNO FOLHA P/COMPENSADO	1.588	5.307.669	26 m <sup>3</sup>
PAINÉIS P/SOALHOS DE MADEIRA	6.208	4.000.178	135 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS APLAINADAS, POLIDAS OU UNIDAS	4.907	2.611.069	310 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS FOLHEADAS/ESTRAT C/PAINEL	2.195	1.605.842	319 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE IPÊ, APLAINADA, POLIDA OU UNIDA	2.184	1.230.836	533 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS NÃO CONÍFERAS PERFILEDAS	2.636	1.383.474	15 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE JATOBÁ APLAINADA/POLIDA OU UNIDA	2.798	1.261.566	323 m <sup>3</sup>
PORTAS E RESPECT CAIXILHOS/ALIZARES/SOLEIRAS	1.650	1.471.106	1 kg
MADEIRA NÃO CONÍFERA, EM TACOS E FRISOS	1.896	1.249.255	539 m <sup>3</sup>
CABOS P/FERRAMENTAS DE MADEIRA	1.243	1.184.000	1 um
MADEIRA DE VIROLA APLAINADA/POLIDA OU UNIDA	2.152	1.223.672	259 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS TROPICAIS FOLHA P/COMPENSADO	401	679.424	3 m <sup>3</sup>



<b>III - PASTA QUÍMICA DE MADEIRA (CELULOSE)</b>	<b>233.574</b>	<b>89.115.977</b>	
PASTA QUÍMICA DE MADEIRA CONÍFERA SODA/SULFATO	124.917	45.536.827	365 ton
PASTA QUÍMICA MADEIRA NÃO CONÍFERA SODA/SULFAT	108.657	43.579.150	401 ton
<b>IV - PRODUTOS AGRÍCOLAS</b>	<b>23.502</b>	<b>40.068.598</b>	
PIMENTA PRETA NÃO TRITURADA	7.421	14.963.140	2.008 ton
PIMENTA PRETA NÃO TRITURADA	7.657	13.928.203	1.814 ton
PIMENTA BRANCA NÃO TRITURADA	1.142	3.491.767	3.055 ton
PIMENTA BRANCA NÃO TRITURADA	374	1.216.035	3.251
PIMENTA PRETA NÃO TRITURADA	1.829	2.154.468	1.177 ton
PIMENTA VERDE NÃO TRITURADA	1.111	1.131.891	1 kg
CACAU	1.584	1.526.400	964 ton
SUCO DE MARACUJÁ (JAN/JUL)	80	130.883	
ÓLEO DE DENDÊ (PALMA) EM BRUTO	2.304	1.525.811	662 ton
<b>V. PRODUTOS FLORESTAIS DO EXTRATIVISMO</b>	<b>20.293</b>	<b>47.064.563</b>	
CASTANHA-DO-PARÁ (DO BRASIL) SECA S/CASCA	5.070	13.610.926	3 kg
CASTANHA-DO-PARÁ DESIDRATADA (C/CASCA)	7.527	8.045.325	1 kg
PALMITOS PREPARADOS OU CONSERVADOS	7.696	25.408.309	3 kg
<b>VI. PRODUTOS DE PESCA</b>	<b>6.122</b>	<b>40.873.487</b>	
CAMARÕES CONGELADOS	4.205	39.022.921	9 kg
BEXIGAS NATATÓRIAS	1.896	1.249.255	7 kg
PEIXES VIVOS ORNAMENTAIS	21	601.311	0 um
<b>VII - OUTROS PRODUTOS</b>	<b>47.130</b>	<b>35.781.683</b>	
AVIÕES A TURBO-HÉLICE	11.658	13.000.000	um
PARTES DE AVIÕES E HELICÓPTEROS	60	3.796.224	30.128 um
MOTORES DE EXPLOSÃO P/AVIAÇÃO	1	985.000	um
CIGARROS DE FUMO (JAN/JUL)	9	23.490	
TECIDOS OBT DE LÂMINA DE MATERIAL TÊXTIL	238	591.869	2 kg
OUTROS	35.164	17.385.100	2 kg
<b>TOTAL DAS EXPORTAÇÕES - JAN/DEZ 1994</b>	<b>42.026.445</b>	<b>1.820.771.266</b>	

Fonte: SECEX/DTIC - SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação, ordenamento e observações feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.

Obs: 1) Graças à cooperação do SECEX/DTIC/SERPRO do Rio de Janeiro foi possível apresentar um quadro da exportação do Pará, período JAN/DEZ 1994, com bastante detalhes, inclusive uma maior discriminação dos produtos exportados, sobretudo dos tipos e espécies de madeira.

2) Também estamos divulgando, pela primeira vez, o valor do preço médio da exportação de cada produto em dólares americanos por tonelada, kilo, metro cúbico ou unidade, conforme se verifica na última coluna. Estes últimos dados e mais a pauta detalhada são importantes para o conhecimento mais minucioso, pelos pesquisadores, da pauta da exportação, pois o preço unitário da exportação indica o montante do valor agregado e serve para comparar os níveis do preço do intercâmbio e relações de troca.

3) Esta nova metodologia de divulgação dos produtos exportados e seus respectivos preços unitários será de maior utilidade, ainda, quando pudermos comparar com o desempenho dos anos anteriores. Estes números já revelam que o Pará tornou-se um dos grandes centros exportadores do Brasil, graças à produção mineral, florestal, agrícola e pesca.

pol	388	14.239.854	124.811	ESTABILIZADORES DE VIBRAÇÃO - MOLDEADO A FRIA
pol	404	14.256.180	108.825	ESTABILIZADORES DE VIBRAÇÃO - MOLDEADO A FRIA
pol	800.5	14.689.740	152.5	AGARICOS
pol	118.7	18.859.811	178.7	AGARICOS
pol	205.0	24.481.161	241.7	PRIMEIRA ESEGUE
pol	225.8	4.578.032	475	PRIMEIRA ESEGUE
pol	577.1	5.104.488	658.7	PRIMEIRA ESEGUE
pol	7	168.181.7	777.7	PRIMEIRA ESEGUE
pol	484	100.450.1	922.1	ACAO
pol	598	130.883	93	SUCO DE MARACUJA (VANIL)
pol	598	1256.811	1004	OLEO DE DENDE (PALMA) EM BRUTO
pol	5	89.070.859	1010.3	CASQUA-DO-BARRA (CICABA)
pol	7	8.046.356	132.7	CASQUA-DO-BARRA (CICABA)
pol	8	35.400.506	169.7	PALMITOS PREPARADOS ON CONSERVADO
pol	9	159.055.651	202.7	CAMAROES CONGELADOS
pol	1	159.055.759	206.7	SEIXAS NATATORIAS
pol	0	111.511	21	PEIXES VIVOS ORNAMENTAIS
pol		100.000.000	222.11	AVOCAS A TUBO-HENGE
pol	152.06	100.254.3	25	PARTES DE AVOCAS E HENGOPTEROS
pol		299.000	1	MOTORAS DE EXPLORACAO PIANACAO
pol		23.400	9	CHIAVARROS DE FUMO (VANIL)
pol	2	261.988	28	TECIDOS GAT DE LAMINA DE MATERIAIS TEXTIL
pol	5	12.380.100	28.184	OUTROS

Fonte: SECEX/DTIC - SEBPRO, Rio de Janeiro  
 Periodo: Março a Junho de 2009  
 Origem: Exportações para o Brasil  
 Destino: Importações para o Brasil  
 Custo: Preços FOB  
 Unidade: Milhares de Reais  
 Nota: Os dados apresentados no quadro acima representam a média das exportações e importações de cada item entre Março e Junho de 2009.  
 O valor total das exportações é de R\$ 1.000.000.000,00 e o valor total das importações é de R\$ 1.000.000.000,00.  
 As exportações mais significativas foram: CHIAVARROS DE FUMO (VANIL), com um valor médio de R\$ 12.380.100,00; TECIDOS GAT DE LAMINA DE MATERIAIS TEXTIL, com um valor médio de R\$ 261.988,00; AVOCAS A TUBO-HENGE, com um valor médio de R\$ 222.110,00; SUCO DE MARACUJA (VANIL), com um valor médio de R\$ 1256.811,00; ETC.

## DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DO ESTADO DO PARÁ

## EXPORTAÇÃO PARA O EXTERIOR

OS MAIS ESTADO DO PARÁ TADORES

PERÍODO: JANEIRO/DEZEMBRO 1994

VALOR FOB - US\$1.00

MÊS	VALOR FOB EM US\$ 1,00
JANEIRO	109.803.196
FEVEREIRO	159.363.429
MARÇO	133.471.282
ABRIL	108.807.340
MAIO	198.437.573
JUNHO	120.565.475
JULHO	131.996.510
AGOSTO	175.523.652
SETEMBRO	183.586.907
OUTUBRO	194.015.925
NOVEMBRO	127.749.382
DEZEMBRO	177.450.595
<b>TOTAL</b>	<b>1.820.771.286</b>

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC, SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.

EXP0694



MAIORES EXPORTADORES DO ESTADO DO PARÁ  
PERÍODO: JANEIRO A DEZEMBRO DE 1994

**DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DO ESTADO DO PARÁ**

PERÍODO: JANEIRO/DEZEMBRO 1994

**OS MAIORES PAÍSES IMPORTADORES**

<b>PAÍSES</b>	<b>VALOR FOB - US\$1,00</b>
1. JAPÃO	531.434.049
2. ESTADOS UNIDOS	298.882.375
3. FRANÇA	134.692.039
4. ALEMANHA	127.044.496
5. BÉLGICA	120.827.521
6. REPÚBLICA DA CORÉIA	87.525.467
7. ITÁLIA	85.227.192
8. HOLANDA (PAÍSES BAIXOS)	62.293.403
9. REINO UNIDO GRÃ-BRETANHA	55.718.160
10. ESPANHA	53.985.634
11. CANADÁ	42.512.785
12. ARGENTINA	24.298.671
13. FILIPINAS	22.422.608
14. ILHAS VIRGENS (USA)	17.985.411
15. UCRÂNIA	16.599.266
16. IRLANDA	15.181.518
17. PORTUGAL	9.959.822
18. ROMÊNIA	9.401.810
19. GUADALUPE	9.140.104
20. MÉXICO	8.738.432
21. TAIWAN (FORMOSA)	8.159.098
22. REPÚBLICA POPULAR CORÉIA	7.842.850
23. PORTO RICO (USA)	7.279.037
24. CHINA	6.666.946
25. NORUEGA	4.443.555
26. FINLÂNDIA	4.440.941
27. MARTINICA	4.214.488
28. BAHAMAS	3.154.016
29. ILHAS DO PACÍFICO (USA)	3.145.835
30. INDONÉSIA	3.009.638
<b>SUB-TOTAL</b>	<b>1.786.227.167</b>
<b>OUTROS PAÍSES</b>	<b>34.544.099</b>
<b>TOTAL EXPORTAÇÃO</b>	<b>1.820.771.266</b>

Fonte: SECEX/DTIC - SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.



**MAIORES EXPORTADORES DO ESTADO DO PARÁ**  
**PERÍODO: JANEIRO A DEZEMBRO DE 1994**

EXPORTADORES	VALOR EXPORTAÇÃO FOB EM US\$1,00	QUANTIDADE EXPORTADA EM TON
1. COMPANHIA VALE DO RIO DOCE	606.173.400	35.629.518
2. ALBRÁS - ALUMÍNIO BRASILEIRO S/A	461.168.502	344.616
3. MINERAÇÃO RIO DO NORTE S/A	101.024.828	4.302.961
4. JARI CELULOSE S/A	89.115.977	233.574
5. CAULIM DA AMAZÔNIA S/A	50.512.240	514.882
6. EXPORTADORA PERACCHI LTDA	22.726.652	31.383
7. EIDAI DO BRASIL MADEIRAS	22.329.186	27.223
8. TRANSP AÉREOS REGIONAIS BACIA AMAZÔNICA	17.843.698	73
9. ELDORADO EXP E SERVIÇOS LTDA	15.370.430	31.323
10. SERRARIA MARAJOARA IND COM EXP	15.147.136	21.976
11. CAMARGO CORREIA METAIS S/A	14.020.140	15.638
12. MADEIRAS ACARÁ S/A	13.636.889	21.260
13. NORDISK TIMBER LTDA	10.986.499	28.738
14. CIA SIDERÚRGICA DO PARÁ - COSIPAR	9.921.840	76.700
15. CEMEX - COM MADEIRAS EXP S/A	9.879.139	19.262
16. MAGINCO COMPENSADOS S/A	9.440.926	16.913
17. MADENORTE LAMINADOS/COMPENSADOS	8.681.345	19.308
18. MSL MINERAIS S/A	8.415.342	84.396
19. UNIEX - UNIÃO COMÉRCIO EXTERIOR	8.095.933	17.090
20. MAGINCO - MADEIREIRA ARAGUAIA	7.876.958	10.929
21. AMAZÔNIA COMPENSADOS E LAMINADOS	7.873.662	13.515
22. BRASCOMP COMPENSADOS DO BRASIL	7.596.005	12.161
23. EMPESCA - CONSTRUÇÕES NAVAIS P/PESCA E EXP	7.387.446	1.061
24. CIKEL - COMÉRCIO E INDÚSTRIA KEILA S/A	7.045.643	41.205
25. IND E COM DE CONSERVAS MAIANATA LTDA	7.029.431	1.872
26. COM EXPORTADORA TEVEL LTDA	6.333.445	14.945
27. SELVAPLAC IND MADEIREIRA DO PARÁ	6.275.878	12.847
28. ATLÂNTICA PESCA LTDA	6.068.048	915
29. MADESTELO IND COM EXP LTDA	6.046.509	5.915
30. MADEIREIRA JUARY LTDA	5.999.053	6.847
31. J W COMÉRCIO INTERNACIONAL LTDA	5.957.023	10.519
32. JORGE MUTRAN - EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO	5.890.922	2.987
33. INAVE - INDÚSTRIA E NAVEGAÇÃO	5.732.204	746
34. BENEDITO MUTRAN & CIA LTDA	5.547.993	3.252
35. COPAL - COMPENSADOS PARAENSES LTDA	5.426.064	8.522
36. B D CARAJÁS - IND COM EXP DE MADEIRAS	5.410.749	3.733
37. PAMPA MADEIREIRA LTDA	4.811.780	12.318
38. MADEIRAS MAINARDI LTDA	4.580.894	17.063
39. MADEIREIRA CAMPOS ALTOS LTDA	4.484.540	7.367
40. EXPORTADORA MUTRAN LTDA	3.884.464	1.524
41. MADEIREIRA KARSON DO PARÁ LTDA	3.676.922	6.367
42. UNION MADEIRAS LTDA	3.484.597	5.532
43. PROMAR PESCA INDUSTRIAL LTDA	3.225.877	366
44. MADEIREIRA BANNACH LTDA	3.224.931	5.252
45. ROBRO MADEIRAS LTDA	3.200.368	12.459
46. CIAPESCA - CIA AMAZÔNICA DE PESCA	3.193.675	380
47. ROSA MADEIREIRA LTDA	3.117.077	5.105
48. INTERPARÁ COM IMP EXP LTDA	3.095.371	1.650
49. IRMÃOS SAMPAIO LTDA	3.085.962	1.545
50. Y WATANABE	3.074.969	1.530
51. CONTINENTAL DE PESCA LTDA	3.042.772	267
52. MASUL - IND COM EXP DE MADEIRAS	3.037.859	1.010
<b>SUB-TOTAL</b>	<b>1.660.209.193</b>	<b>41.668.549</b>
<b>OUTROS</b>	<b>160.562.076</b>	<b>358.948</b>
<b>TOTAL</b>	<b>1.820.771.269</b>	<b>42.027.487</b>

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC/SERPRO, Rio de Janeiro  
 Pesquisa, tabulação, mapeamento e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.  
 EXP34-94



## ESTADO DO AMAPÁ

### EXPORTAÇÃO PARA O EXTERIOR

A economia amapaense começou a ganhar destaque no conjunto regional quando, na década dos anos 50, começou a ser explorado o manganês da Serra do Navio e dos rios Amapari e Araguari, pela empresa Indústria e Comércio de Minério S/A (ICOMI), do grupo brasileiro Azevedo Antunes, que fez os investimentos de infra-estrutura na estrada de ferro de 194 km de extensão e no Porto de Santana. Desde então a produção de manganês começou a integrar a pauta de exportação da Amazônia como o primeiro minério industrial a ser explorado de forma sistemática e em grande escala. A produção se manteve ao redor de 700.000 ton/ano na década dos anos 70, mas começou a declinar nas décadas subsequentes, em função de exaustão da mina, após mais de quarenta anos de contínua exploração. Atualmente a produção de manganês do Amapá se situa em torno de 400.000 ton/ano, tendo no ano de 1994 sido exportado 379.289 toneladas, no valor de US\$ 25.504.176.

Outros minérios e ligas estão sendo explorados e produzidos no Amapá como o minério de cromocromita, que contribuiu com uma exportação em 1994 de US\$ 9.221.763, ligas de ferro-manganês no valor de US\$ 9.031.676, além do minério de nióbio e ouro em menores quantidades e valores. A totalidade da exportação mineral do Estado atingiu em 1994 a US\$ 44.869.239.

O segundo produto de exportação foram cavacos (*wood chips*) e madeira compensada de coníferas, que alcançaram o valor de US\$ 18.864.880, embarcado pela empresa Amapá Florestal e Celulose S/A (AMCEL).

Em seguida vem a exportação de palmito no valor de US\$ 5.476.510 e camarões congelados no valor de US\$ 4.761.938, proveniente dos bancos pesqueiros da costa do Amapá, rica em crustáceos. O total geral da exportação em 1994 alcançou a soma de US\$ 73.815.187.

A economia amapaense continua a mostrar a sua fragilidade com baixos índices de produção para o mercado local e regional. Repousando apenas sobre o minério de manganês em vias de exaustão, o Amapá se ressente de um projeto alternativo que diversifique a sua economia e aumento da atividade econômica em geral. Tentativa nesse sentido está sendo feita com a instalação da área de livre comércio de Porto de Santana-Macapá, que tem por objetivo básico promover o intercâmbio comercial e atividades industriais ligadas à produção de matérias primas regionais.

O principal país importador de seus produtos foi o Japão, seguido da Suécia, Estados Unidos e Venezuela. Os principais exportadores, em 1994, foram a ICOMI, AMCEL, Cia. Ferro-Ligas do Amapá, Indústrias Alimentícias Flórida S/A e Leal Santos Pescados S/A.

A fragilidade de sua economia é evidenciada pelos baixos índices de arrecadação de impostos federais e estaduais. Em 1994, o Amapá contribuiu para a arrecadação federal com apenas US\$ 20.724.263, que representou uma participação de 2,66% no total da região fiscal.

No primeiro semestre de 1995, a arrecadação federal subiu para US\$ 29.731.569. A arrecadação do ICMS estadual, em 1994, foi de US\$ 26.072.367 e nos primeiros seis meses de 1995, esse imposto gerou uma receita de US\$ 20.520.951, comparado com US\$ 9.101.707 do mesmo período do ano passado, pelo que se verifica que está havendo uma recuperação da economia amapaense.



## DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DO ESTADO DO AMAPÁ

## EXPORTAÇÃO PARA O EXTERIOR

ESTADO DO AMAPÁ - JANEIRO/DEZEMBRO 1994

PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS - VALOR FOB = US\$1,00

PRODUTOS	TONELADAS	VALOR FOB EXP US\$ 1,00	PREÇO MÉDIO EXPORTADO US\$1,00
<b>I - PRODUTO MINERAL</b>	<b>569.136</b>	<b>44.869.239</b>	
MINÉRIO DE MANGANÊS E SEUS CONCENTRADOS	379.289	25.504.176	67,24 ton
MINÉRIO DE CROMO-CROMITA	156.154	9.221.763	59,05 ton
LIGAS DE FERRO-MANGANÊS	24.183	9.031.676	373,44 ton
OURO EM BARRAS, FIOS E PERFILEADOS	(83 kilos)	1.011.932	12,19 g
MINÉRIO DE NIÓBIO (COLOMBIO)-NIOBITA	10	99.692	8.307,66 ton
<b>II - MADEIRA SERRADA/COMPENSADA/LAMINADA</b>	<b>285.299</b>	<b>18.684.880</b>	
MADEIRA DE CONÍFERAS, EM OUTRAS FORMAS	285.299	18.684.880	12,32 m <sup>3</sup>
<b>III - PRODUTOS FLORESTAIS DO EXTRATIVISMO</b>	<b>1.554</b>	<b>5.476.510</b>	
PALMITOS PREPARADOS OU CONSERVADOS	1.542	5.449.702	3,53 kg
PALMITOS PREPARADOS, CONSERVADOS EM VINAG	12	26.808	2,09 kg
<b>IV - PRODUTOS DE PESCA</b>	<b>486</b>	<b>4.761.938</b>	
CAMARÕES CONGELADOS	486	4.761.938	9,78 kg
<b>V - OUTROS PRODUTOS</b>	<b>9</b>	<b>22.620</b>	
OUTROS REBOQUES P/TRANSPORTE	9	15.700	um
BARRAS DE DIREÇÃO P/AUTOMÓVEIS		5.478	31,48 um
TECIDO COM FIBRA ARTIFICIAL		756	16,80 kg
COLCHAS DE OUTROS MATERIAIS TÊXTEIS		301	13,08 kg
MANCAIS S/ROLAMENTOS		239	23,90 um
SANDÁLIAS DE BORRACHA/PLÁSTICO		72	3,00 par
COPOS DE VIDRO		56	18,00 kg
JUNTAS/GAXETAS DE BORRACHA VULCANIZADA		18	2,47 kg
<b>TOTAL DAS EXPORTAÇÕES - JAN/DEZ 1994</b>	<b>846.990</b>	<b>73.815.187</b>	

Fonte: SECEX/DTIC, SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.

EXP11-94



DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DO ESTADO DO AMAPÁ  
 PERÍODO: JANEIRO/DEZEMBRO 1994  
 OS MAIORES PAÍSES IMPORTADORES

ESTADO DO AMAPÁ

PAÍSES	VALOR FOB - US\$1,00
1. JAPÃO	16.506.851
2. SUÉCIA	10.552.584
3. ESTADOS UNIDOS	9.184.776
4. VENEZUELA	5.689.816
5. PORTUGAL	4.815.874
6. ROMÊNIA	4.348.610
7. HOLANDA	3.955.655
8. ITÁLIA	3.840.391
9. ARGENTINA	2.474.373
10. POLÔNIA	2.314.925
11. FRANÇA	2.206.575
12. EGITO	2.151.294
13. ALEMANHA	1.381.913
14. TAIWAN (FORMOSA)	1.038.722
15. SUIÇA	1.011.932
16. BÉLGICA	737.343
17. ESPANHA	636.200
18. HOLANDA	294.180
19. CHILE	205.759
20. CANADÁ	204.473
21. URUGUAI	76.900
22. LÍBANO	76.750
23. REINO UNIDO (GRÃ-BRETANHA)	31.071
24. PARAGUAI	27.993
25. HONG-KONG	20.250
26. AUSTRÁLIA	19.400
27. ÁFRICA DO SUL	5.920
28. JORDÂNIA	4.400
29. MALÁSIA	239
30. TAILÂNDIA	18
<b>TOTAL EXPORTAÇÃO</b>	<b>73.815.167</b>

Fonte: SECEX/DTIC - SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.



**MAIORES EXPORTADORES DO ESTADO DO AMAPÁ**

**PERÍODO: DEZEMBRO DE 1994**

**ESTADO DO AMAPÁ**

**PERÍODO: JANEIRO/DEZEMBRO 1994**

MÊS	EMPRESA	VALOR FOB EM US\$ 1,00	VALOR EXPORTAÇÃO	QUANTIDADE
			FOB EM US\$ 1,00	EXPORTADORES
JANEIRO	ORIENTAL E CELULOSE S/A - IDOMI	10.684.680	3.176.045	
FEVEREIRO	COOPERATIVA DE COOPERATIVAS DO AMAPÁ	9.225.753	4.847.769	
MARÇO	ENTITIAS FLÓRIDA S/A	3.631.982	2.321.769	
ABIRL	ACORD IND E COM DE CONSERVAS LTDA	2.451.539	9.123.061	
MAIO	PANHÃA DE COMÉRCIO EXTERIOR	1.011.932	3.963.604	
JUNHO	ORIVAL PESCA E EXPORTAÇÃO LTDA	982.678	8.875.540	
JULHO	TRADING LTDA	654.852	2.654.631	
AGOSTO	PESCA LTDA	472.025	8.018.193	
SETEMBRO	AMBERT PESCA IMP EXP	190.852	12.460.938	
OUTUBRO	EXPORAMAPÁ EXPORTADORA LTDA	99.692		
NOVEMBRO	AP RODOVIÁRIOS	26.808	6.617.720	
DEZEMBRO	REFIN. DO BRASIL S/A	15.700	5.810.701	
<b>TOTAL</b>		<b>5.717</b>	<b>5.945.216</b>	
			<b>73.815.187</b>	

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC, SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.

0. DIAPAS - EQUIP INDUSTRIAS

EXP20-94

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC/SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, tabulação, mapeamento e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.

EXP35-94



**ESTADO DO MARANHÃO**  
**MAIORES EXPORTADORES DO ESTADO DO AMAPÁ**

**PERÍODO: JANEIRO A DEZEMBRO DE 1994**

O Maranhão é o Estado da área da SUDAM mais densamente povoado com uma população estimada em 1993 de 5.231.360 habitantes, compreendendo a parte amazônica e a bacia nordestina e leste do meandro do Araguaia. Sua economia tem base na agricultura, pesca, extração mineral e madeira. O Rio Amazonas nasce no Amapá e é que deve ter iniciado o processo de colonização do sertão maranhense no final do século XVII.

EXPORTADORES	VALOR EXPORTAÇÃO FOB EM US\$1,00	QUANTIDADE EXPORTADA EM TON
1. IND E COM DE MINÉRIOS S/A - ICOMI	34.535.852	403.473
2. AMAPÁ FLORESTAL E CELULOSE S/A - AMCEL	18.684.880	285.299
3. CIA FERRO LIGAS DO AMAPÁ	9.221.763	156.154
4. IND ALIMENTÍCIAS FLÓRIDA S/A	3.631.982	990
5. LEAL SANTOS PESCADOS S/A	2.451.539	259
6. EQUADOR IND E COM DE CONSERVAS LTDA	1.817.720	551
7. COMPANHIA DE COMÉRCIO EXTERIOR	1.011.932	
8. EQUATORIAL PESCA E EXPORTAÇÃO LTDA	982.670	92
9. CENTRAL TRADING LTDA	664.852	63
0. CENTRAL PESCA LTDA	472.025	53
1. EQUATORIAL NORTE PESCA IMP EXP	190.852	20
2. MINERVA EXPORTADORA LTDA	99.692	10
3. ILARIO SEGOVIA	26.808	12
4. IDERAL EQUIP RODOVIÁRIOS	15.700	9
5. MERCEDES BENZ DO BRASIL S/A	5.717	
6. TECELAGEM JACYRA LTDA	756	
7. TEXTIL OSMAN LTDA	301	
8. EXPORTADORA DE ARMARINHOS LÍDER	72	
9. COMERCIAL EXPORTADORA MANUF LISBOA	56	
0. DINAPAC - EQUIP INDUSTRIAIS	18	
<b>TOTAL</b>	<b>73.815.187</b>	<b>846.985</b>

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC/SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, tabulação, mapeamento e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.

EXP35-94

Os principais produtos exportados foram o fôlgote, ligas e óxidos de alumínio, no valor de U\$S 469,46 milhões, seguido do ferro-gusa na importância de U\$S 58,29 milhões, rutenídio e outros derivados de rutínia com U\$S 47,8 milhões.

O segundo produto de exportação provém da agricultura maranhense com uma contribuição de U\$S 33,37 milhões, destacando-se em primeiro lugar a soja com U\$S 30,73 milhões, seguido de pequenos valores embarcados de fios de algodão.



## ESTADO DO MARANHÃO

O Maranhão é o Estado da área da SUDAM mais densamente provado com uma população estimada em 1995 de 5.231.300 habitantes, compreendendo a parte amazônica e a banda nordestina a leste do meridiano de 44°. Sua economia tem raízes históricas mais profundas do que os demais Estados da Região Norte, pois lá é que teve início o processo de ocupação e povoamento da Amazônia no início do século XVII.

Em virtude de sua população ainda ser eminentemente rural, com cerca de 60% de seus habitantes vivendo no campo, a sua economia por longos anos viveu de uma precária agricultura de subsistência e de exportação baseada nas plantações de algodão, arroz, cana-de-açúcar, mandioca, milho e no extrativismo florestal do babaçu.

Este panorama do antigo Maranhão haveria de sofrer grandes transformações nas últimas décadas com a implantação de obras de infra-estrutura portuária em Itaqui e Ponta da Madeira, construídas, em grande parte, para atender as necessidades de escoamento da produção mineral do Projeto Carajás do Pará. Também o processo de modernização de sua agricultura e pecuária e a introdução mais recente da soja, que desceu do planalto central goiano, estão causando profundas modificações na estrutura e na dinâmica da economia maranhense.

A sua exportação vem crescendo aceleradamente nas últimas décadas em função da produção de alumínio metálico nas instalações da empresa Alumar do consórcio Alcoa/Billiton, localizadas na baía de São Marcos, com porto próprio por onde são exportados os lingotes de alumínio de sua fabricação, com energia fornecida pela hidrelétrica de Tucuruí. Os valores exportados que, em 1980, foram de apenas US\$ 10,92 milhões, subiram para US\$ 346,72 milhões em 1986, tendo atingido a expressiva soma de US\$ 575,71 milhões em 1994, tornando, deste modo, o segundo Estado maior exportador da Amazônia, depois do Pará.

A sua pauta de exportação em 1994 compreendia os seguintes produtos, em valores FOB em dólares:

Produtos	Valor FOB US\$	%
Produtos minerais	531.947.614	92,39
Produtos agrícolas	33.371.919	5,80
Madeira serrada/compensada/laminada	6.323.495	1,10
Produtos florestais do extrativismo não madeireiro	210.163	0,04
Outros produtos	3.865.752	0,67
<b>Total</b>	<b>575.718.943</b>	<b>100,00</b>

Os principais produtos exportados foram o lingote, ligas e óxidos de alumínio, no valor de US\$ 469,46 milhões, seguido do ferro-gusa na importância de US\$ 58,29 milhões, rutosídio e outros derivados de rutina com US\$ 4,18 milhões.

O segundo produto de exportação provém da agricultura maranhense com uma contribuição de US\$ 33,37 milhões, destacando-se em primeiro lugar a soja com US\$ 30,73 milhões, seguido de pequenos valores embarcados de fios de algodão.



O terceiro produto provém do extrativismo florestal madeireiro, representado por madeiras serradas, compensadas e laminadas no valor de US\$ 6,32 milhões. Grande parte desta madeira foi beneficiada nas serrarias do município de Imperatriz - situado ao longo da rodovia BR-10 (Belém-Brasília) - que se tornou um importante centro madeireiro de escoamento da produção florestal da Amazônia para os mercados domésticos e de exportação.

Os produtos florestais do extrativismo não madeireiros ficaram em último lugar, com uma exportação de apenas US\$ 210,16 mil. Entre estes últimos encontra-se o óleo de babaçu que, em outros tempos, chegou a constituir uma das principais atividades econômicas do Estado.

Grande parte da produção maranhense dos produtos agrícolas e de sua pecuária são vendidos no mercado interno ou para os Estados vizinhos, bem como a sua produção pesqueira e de camarão que ainda não figuram na pauta de exportação do Estado, pois sua produção é escoada para o sul do país. No entanto, é de se assinalar que o Maranhão, em 1992, produziu cerca de quatro milhões de toneladas de produtos agrícolas (cana-de-açúcar, arroz, mandioca, milho e soja). Este último produto é de recente introdução, esperando-se que no futuro o Estado venha a ser um dos grandes plantadores desse grão. O seu rebanho bovino e bubalino expandiu-se consideravelmente, passando de 2.836.000 cabeças em 1980 para 4.017.971 cabeças em 1991, esperando-se uma melhora nos padrões de abastecimento de carne e leite para a população.

A economia do Estado continua, no entanto, muito frágil e vulnerável, pois a sua produção mineral está concentrada em uma só empresa do grupo Alcoa/Billiton, cuja contribuição em termos de arrecadação tributária deve ser modesta, em função dos incentivos de que gozam os empreendimentos industriais na área da SUDAM/SUDENE e das isenções ou reduções usufruídas pela exportação de seus produtos.

As receitas públicas obtidas pelo Governo Federal na área e aquelas arrecadadas pelo próprio Estado são insuficientes para enfrentar as grandes carencias de serviços públicos e as necessidades de sua grande população que, na sua maioria, possui um baixo padrão de vida decorrente do desemprego e da baixa remuneração.

Neste aspecto tributário, a receita do ICMS arrecadado pelo Estado, em 1994, atingiu US\$ 254.566.288, enquanto o Pará atingiu a soma de US\$ 460.841.851 e o Estado do Amazonas liderou a arrecadação regional com US\$ 528.151.399. No corrente ano de 1995, no período de Janeiro a Maio, o Maranhão arrecadou de ICMS a importância de US\$ 153,22 milhões, comparado com uma receita de US\$ 62,14 milhões no mesmo período do ano de 1994. Deste modo espera-se que o Estado consiga superar os seus problemas e dificuldades, começando a produzir receitas públicas maiores para atender as necessidades de sua população.

CONSTRUÇÃO PRÉ-PARTEADA DE OUTROS MATERIAIS	1.032
PARTES PÓMICA PRÉ-CIDOS	10.500
OUTRAS MÁQUINAS E APARELHOS	10.000
TELHOS DE CERÂMICA P/CONSTRUÇÃO	8.332
CIRCUITO INTEGRADO HÍBRIDO	6.800
OUTRAS MÁQUINAS FURADEIRAS	5.700
MOTORES DE ARRANQUE	5.500
CONSULTO DE BORRIGO QUALQUER OUTRO MATERIAIS	5.000
OUTROS	10.000



**EXPORTAÇÃO PARA O EXTERIOR**  
**ESTADO DO MARANHÃO - JANEIRO/DEZEMBRO 1994**  
**PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS - VALOR FOB = US\$1,00**

PRODUTOS	TONELADA	VALOR FOB EXP US\$ 1,00	PREÇO MÉDIO EXPORTADO US\$1,00
<b>I - PRODUTO MINERAL</b>	<b>1.083.027</b>	<b>531.947.814</b>	
ALUMÍNIO NÃO LIGADO, EM FORMAS BRUTAS	318.236	403.201.976	1.268 ton
FERRO-GUSA NÃO LIGADO	463.391	58.290.999	126 ton
OUTROS ÓXIDOS DE ALUMÍNIO	285.387	43.450.857	0 kg
LIGAS DE ALUMÍNIO, EM FORMAS BRUTAS	15.753	22.811.294	1 kg
RUTOSÍDIO (RUTINA)	207	4.160.986	20 kg
DERIVADOS DE RUTOSÍDIO (RUTINA)	3	23.400	7 kg
HIDRÓXIDO DE ALUMÍNIO	50	8.102	162 ton
<b>II - PRODUTO AGRÍCOLA</b>	<b>124.684</b>	<b>33.371.919</b>	
SOJA, MESMO TRITURADA	123.802	30.736.414	248 ton
OUTROS FIOS FIBRA < 85% ALGODÃO	798	2.396.472	3 kg
FIO DE ALGODÃO > 85% CRU	47	124.499	3 kg
FIO DE ALGODÃO > 85% CRU	37	114.534	3 kg
<b>III - MADEIRA SERRADA/COMPENSADA/LAMINADA</b>	<b>11.407</b>	<b>6.323.495</b>	
OUTRAS MADEIRAS COMPENSADAS C/FACE MADEIRA	4.771	2.929.622	308 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE JATOBÁ SERRADA LONGIT.	3.865	1.219.476	327 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS COMPENSADAS C/FACE MADEIRA	717	414.579	311 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS SERRADAS LONGIT.	942	233.099	270 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE TATAJUBA SERRADA LONGIT.	467	160.775	357 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS SERRADAS LONGIT.	55	31.880	319 m <sup>3</sup>
PORTAS E RESPECTIVOS CAIXILHOS E ALIZARES/SOLEIRA	395	1.143.957	3 kg
MÓVEIS DE OUTROS MATERIAIS	73	100.953	130 um
CONSTRUÇÕES PRÉ-FABRICADAS DE MADEIRA	121	64.848	26.217 um
OUTRAS OBRAS DE MADEIRA	1	24.306	57.602 kg
<b>IV - PRODUTO FLORESTAL DO EXTRATIVISMO</b>	<b>182</b>	<b>210.163</b>	
ÓLEO DE BABAÇU, EM BRUTO	116	141.297	1 kg
OUTRAS PLANTAS E PARTES P/PERFUMARIA	65	60.622	2 kg
CUMARÚ OU FAVA-TONCA FRESCA/SECA	1	8.244	8 kg
<b>V - OUTROS PRODUTOS</b>	<b>9.288</b>	<b>3.865.752</b>	
OUTROS PAPEIS E CARTÕES C/10% DE FIBRA	2.885	1.577.006	1 kg
CONSUMO DE BORDO P/EMBARCAÇÕES	3.922	582.169	0 kg
PAPEL/CARTÃO	773	510.412	1 kg
FIO DE FIBRA POLIESTER + ALGODÃO CRU	174	504.077	3 kg
FIO DE FIBRA POLIESTER + ALGODÃO OUT. FORMA	75	241.144	3 kg
CONSUMO DE BORDO - COMBUSTÍVEIS/LUBRIFICANTES	1.032	215.345	0 kg
CONSTRUÇÃO PRÉ-FABRICADA DE OUTROS MATERIAIS	353	184.860	9.243 um
PARTES BOMBA P/LÍQUIDOS		10.938	214 um
OUTRAS MÁQUINAS E APARELHOS		10.000	5.000 um
TELHA DE CERÂMICA P/CONSTRUÇÃO	60	9.372	0 kg
CIRCUITO INTEGRADO HÍBRIDO		4.800	300 um
OUTRAS MÁQUINAS FURADEIRAS		3.750	3.750 um
MOTORES DE ARRANQUE		1.447	724 um
CONSUMO DE BORDO-QUALQUER OUTRO P/AERONAVES		380	1 kg
OUTROS	14	10.052	1 kg
<b>TOTAL DAS EXPORTAÇÕES - JAN/DEZ 1994</b>	<b>1.228.588</b>	<b>575.718.943</b>	

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.



DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DO ESTADO DO MARANHÃO

PERÍODO: JANEIRO/DEZEMBRO 1994

OS MELHORES DESTINOS DA EXPORTAÇÃO PARA O EXTERIOR

ESTADO DO MARANHÃO

PERÍODO: JANEIRO/DEZEMBRO 1994

PAÍSES

1. JAPÃO
2. ESTADOS UNIDOS
3. BÉLGICA
4. HOLANDA

MÊS	VALOR FOB EM US\$ 1,00
JANEIRO	
FEVEREIRO	107.078.015
MARÇO	
ABRIL	82.857.796
MAIO	56.417.502
JUNHO	51.481.631
JULHO	51.979.377
AGOSTO	54.176.977
SETEMBRO	29.808.846
OUTUBRO	56.098.488
NOVEMBRO	28.217.674
DEZEMBRO	57.602.637
<b>TOTAL</b>	<b>575.718.943</b>

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC, SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.

30. HONG-KONG	37.650
31. PERU	37.402
32. PORTO RICO	36.868
33. BÉLGICA	33.176
34. POLÔNIA	4.204
35. NORUEGA	3.126
36. BAHAMAS	1.923
37. IRLÂNDIA	1.594
38. PANAMÁ	1.366
39. CHIPRE	977
40. CINGAPURA	763

Fonte: SECEX/DTIC - SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.  
EXP2004



**MAIORES EXPORTADORES DO ESTADO DO MARANHÃO**

**DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DO ESTADO DO MARANHÃO**

PERÍODO: JANEIRO/DEZEMBRO 1994

**OS MAIORES PAÍSES IMPORTADORES**

PAÍSES	VALOR FOB - US\$1,00
1. JAPÃO	217.379.462
2. ESTADOS UNIDOS	114.888.587
3. BÉLGICA	69.590.186
4. HOLANDA	65.296.154
5. ARGENTINA	34.060.328
6. CANADÁ	16.440.612
7. CORÉIA, REPÚBLICA DA	13.468.754
8. TAIWAN (FORMOSA)	11.383.283
9. SUIÇA	10.244.301
10. TAILÂNDIA	8.663.764
11. REINO UNIDO (GRÃ-BRETANHA)	3.406.993
12. RÚSSIA, FEDERAÇÃO DA	3.345.008
13. ALEMANHA	3.277.202
14. ESPANHA	1.509.724
15. PROVISÃO NAVIOS E AERONAVES	537.846
16. CHILE	474.053
17. URUGUAI	414.840
18. GUIANA FRANCESA	392.003
19. BARBADOS	309.772
20. MÉXICO	99.750
21. REPÚBLICA DOMINICANA	97.011
22. PORTUGAL	67.037
23. TRINIDAD-TOBAGO	65.242
24. PARAGUAI	55.000
25. FILIPINAS	51.577
26. MARTINICA	37.650
27. FRANÇA	37.400
28. ITÁLIA	30.608
29. HONG-KING	26.160
30. PERU	21.345
31. PORTO RICO	20.603
32. GRÉCIA	13.176
33. POLÔNIA	4.204
34. NORUEGA	3.126
35. BAHAMAS	1.923
36. IRLANDA	1.594
37. PANAMÁ	985
38. CHIPRE	977
39. CINGAPURA	703
<b>TOTAL EXPORTAÇÃO</b>	<b>575.718.943</b>

Fonte: SECEX/DTIC - SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.

EXP29-94

DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DO ESTADO DO MARANHÃO  
PERÍODO: JAN/2002 DEZ/2002  
OS MAiores PAISES IMPORTADORES

PAÍSES	VALOR R\$0 - US\$1,00
1. JAPÃO	511.218.483
2. ESTADOS UNIDOS	111.488.581
3. BRÉSIL	80.000.100
4. HOLANDA	22.000.28
5. ARGENTINA	19.000.104
6. CANADÁ	8.950.000
7. COREIA, REPÚBLICA DA	8.844.015
8. TAIWAN (FORMOSA)	7.489.754
9. SUIÇA	5.380.583
10. ITALY/NOVA	4.500.301
11. REINO UNIDO (GRÄ-BRÉTANHA)	4.053.050
12. RÚSSIA FEDERAÇÃO DA	3.515.205
13. ALÉMANIA	3.250.500
14. ESPANHA	2.870.000
15. CHIPE	2.520.414
16. URUGUAI	2.320.000
17. GUIANA FRANCESA	2.000.000
18. BARBADOS	1.771.000
19. MÉXICO	1.650.000
20. REPÚBLICA DOMINICANA	1.110.78
21. PORTUGAL	1.060.78
22. TRÍNIDAO-TOBAGO	1.000.000
23. PARAGUAI	1.000.00
24. FILIPINAS	1.000.00
25. MARTINICA	1.000.00
26. FRANÇA	980.000
27. ITÁLIA	980.00
28. HONG KONG	980.00
29. PERU	980.00
30. PORTO RICO	980.00
31. GRECIA	931.118
32. POLÔNIA	800.00
33. NORUEGA	800.00
34. BAHAMAS	769.1
35. IRLANDA	742.7
36. PANAMÁ	742.7
37. CHIPRE	742.7
38. CINGAPURA	742.7

Fonte: SECEMDOC - SERPRO. Rio de Janeiro.  
Páginas intencionais, paginas e outras páginas que não fazem parte da estrutura do documento.

**MAIORES EXPORTADORES DO ESTADO DO MARANHÃO**  
**PERÍODO: JANEIRO A DEZEMBRO DE 1994**

EXPORTADORES	VALOR EXPORTAÇÃO FOB EM US\$1,00	QUANTIDADE EXPORTADA EM TON
1. ALCOA ALUMÍNIO S/A	240.909.855	371.487
2. BILLITON METAIS S/A	215.251.533	171.237
3. USINA SIDERÚRGICA DO MARANHÃO S/A	22.753.461	184.890
4. CEVAL ALIMENTOS DO NORDESTE S/A	19.443.823	76.774
5. ALCAN ALUMÍNIO DO BRASIL S/A	12.814.645	76.399
6. CIA SIDERÚRGICA VALE DO PINDARÉ	10.808.423	84.830
7. SIDERÚRGICA DO MARANHÃO S/A	9.303.117	76.451
8. MARGUSA - MARANHÃO GUSA S/A	6.846.632	48.536
9. CEVAL ALIMENTOS S/A	5.982.651	25.028
10. SAGEL IMP EXP LTDA	5.310.140	22.000
11. GUSA NORDESTE S/A	4.526.462	36.283
12. FIAÇÃO NORDESTE DO BRASIL S/A	3.364.779	1.132
13. MERCK S/A - IND QUÍMICAS	3.302.546	171
14. GRAMACOSA - GRANDE MARANHÃO COMPENSADOS	2.961.502	4.826
15. FERROESTE INDUSTRIAL LTDA	2.487.362	19.800
16. ITAPEGE S/A - CELULOSE PAPEIS ARTEFATOS	1.588.426	2.883
17. SHALOM S/A - IND MADEIREIRA	1.168.263	396
18. ARBI TRADING S/A	963.592	7.649
19. MERCK MARANHÃO PRODUTOS VEGETAIS	881.840	39
20. MAPOAM MADEIREIRA PORTÃO DA AMAZÔNIA	755.100	2.375
21. BBM TRADING S/A	598.950	4.950
22. SUPRIMAR - SUPRIMENTOS MARÍTIMOS LTDA	508.284	213
23. CIA COMERCIAL COTIA OMB	496.196	301
24. FGF EXP IM E COMERCIAL LTDA	439.742	750
25. LOWEN IND MADEIREIRAS DO MARANHÃO LTDA	393.977	693
26. INDUSPAR - IND DE PARQUET DA AMAZÔNIA	369.492	1.183
27. MADEIREIRA LISBOA LTDA	365.574	1.127
28. PETROBRÁS DISTRIBUIDORA S/A	241.144	1.032
29. CASANOBORE - IND E COM LTDA	144.128	328
30. MAINCO - COMÉRCIO EXTERIOR LTDA	126.182	171
31. OLEAGINOSAS MARANHENSES S/A	102.993	94
32. COLONIAL - IND E COM DE MÓVEIS LTDA	100.953	73
33. ÁSIA FORNECIMENTO LTDA	74.265	3.710
34. THAGEX - COMÉRCIO EXTERIOR LTDA	59.250	75
35. COMODITY S/A - IMP COM EXPORTAÇÃO	53.824	167
36. CIKEL - COM E IND KEILA S/A	53.577	394
37. TRANSCONTINENTAL - COM TRANSPORTES LTDA	49.066	31
38. COOPERATIVA PEQ PROD RURAIS LAGO DO JUNCO	38.304	21
39. CIA VALE DO RIO DOCE	30.935	
40. ÁGUIA - IMP EXP LTDA	18.800	36
41. BAISA GALLETI AGRO-INDUSTRIAL	17.783	28
42. BARRO FORTE - INDÚSTRIA DE CERÂMICA LTDA	9.372	60
43. OUTROS	2.000	
<b>TOTAL</b>	<b>575.718.943</b>	<b>1.228.623</b>

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC/SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, tabulação, mapeamento e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.

EXP36-94



## ESTADO DE TOCANTINS

O Estado de Tocantins foi criado pelo art. 13 do Ato das Disposições Transitórias da Constituição de 1988, desmembrado do Estado de Goiás, naquela parte que integrava a Amazônia Legal da área da SUDAM, conforme Lei nº 1806/1953, com algum acréscimo do território dos municípios da divisa do antigo paralelo 13º.

O Estado foi integrado à Região Norte que, desde então, passou a contar com sete Estados e nove se considerarmos a área da chamada Amazônia Legal. Situado entre os rios Araguaia e Tocantins, no seu interflúvio encontra-se o corredor rodoviário de Belém-Brasília (BR-010), por onde se realiza a maior parte do intercâmbio comercial do Pará, Maranhão e outros estados amazônicos com o resto do país. Esta posição estratégica lhe assegura grandes facilidades de transporte por estradas de rodagem ou por via fluvial, aproveitando a profunda penetração desses dois rios no planalto brasileiro que se conecta com o rio Amazonas, onde desemboca no seu delta-estuário. É um Estado de grande vocação agrícola e pecuária, com uma área plantada de 654.954 hectares de lavoura temporária e permanente e mais 3.297.579 hectares de pastagens que abrigam um rebanho bovino e bubalino de 4.460.310 cabeças, conforme dados de 1991.

Como grande parte de sua produção agrícola de arroz, cana-de-açucar, mandioca, milho e soja são destinados ao mercado interno, a sua exportação para o exterior está limitada a colocação dos seus excedentes. A soja, no entanto, promete ser um produto de larga presença na pauta de exportação do Estado, pois já em 1994 liderava os embarques para o exterior com US\$ 3.635.510, seguida da modesta participação do setor madeireiro com apenas US\$ 83.509. As duas principais empresas que atuam no comércio exterior são a Ceval Alimentos do Nordeste S/A e a Noroeste Indústria de Madeiras S/A.

A economia do Estado ainda não é capaz de gerar receitas públicas suficientes para iniciar um programa de investimentos de infra-estrutura e promoção do desenvolvimento por parte do Estado, dependendo assim de recursos e transferências do governo federal. Em 1994 o Estado de Tocantins conseguiu arrecadar apenas US\$ 82.033.534 de ICMS. No período de Janeiro a Maio de 1995, essa arrecadação subiu para US\$ 51.119.517, comparados com US\$ 23.142.494 do mesmo período de 1994. Isto demonstra que a economia está conseguindo crescer e gerar receitas públicas para o Estado e expandir as atividades econômicas do seu empresariado rural e urbano.



EXPORTAÇÃO PARA O EXTERIOR  
ESTADO DO TOCANTINS  
PERÍODO: JANEIRO/DEZEMBRO 1994

EXPORTAÇÃO PARA O EXTERIOR  
ESTADO DO TOCANTINS - JANEIRO/DEZEMBRO 1994  
PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS - VALOR FOB = US\$1,00

PRODUTOS	TONELADAS	VALOR FOB EXP US\$ 1,00	PREÇO MÉDIO EXPORTADO US\$1,00
I - PRODUTO AGRÍCOLA SOJA, MESMO TRITURADA	15.070	3.636.510	241 ton
II - MADEIRA SERRADA/COMPENSADA/LAMINADA MADEIRA COMPENSADA C/FACE DE MADEIRA	129	83.509	415 ton
III - OUTROS CONGELADORES (FREEZERS) HORIZONTAIS		2.612	653 um
TOTAL DAS EXPORTAÇÕES - JAN/DEZ 1994	15.199	3.722.631	

Fonte: SECEX/DTIC, SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.

EXP13-94

DEZEMBRO

TOTAL

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC - SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.



**EXPORTAÇÃO PARA O EXTERIOR**

**ESTADO DO TOCANTINS**

**PERÍODO: JANEIRO/DEZEMBRO 1994**

<b>MÊS</b>	<b>VALOR FOB EM US\$ 1,00</b>
JANEIRO	0
FEVEREIRO	0
MARÇO	0
ABRIL	2.612
MAIO	50.065
JUNHO	2.580.954
JULHO	0
AGOSTO	1.089.000
SETEMBRO	0
OUTUBRO	0
NOVEMBRO	0
DEZEMBRO	0
<b>TOTAL</b>	<b>3.722.631</b>

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC, SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.



**MAIORES EXPORTADORES DO ESTADO DO TOCANTINS**  
**DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DO ESTADO DE TOCANTINS**

**PERÍODO: JANEIRO/DEZEMBRO 1994**

**OS MAIORES PAÍSES IMPORTADORES**

EXPORTADORES	VALOR EXPORTAÇÃO	QUANTIDADE
	FOB EM US\$1,00	EXPORTADA EM TON
PAÍSES	VALOR FOB - US\$1,00	TON
1. HOLANDA	3.636.510	129
2. REPÚBLICA DA CORÉIA	83.509	129
3. BOLÍVIA	2.612	129
TOTAL EXPORTAÇÃO	3.722.631	129

Fonte: SECEX/DTIC - SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.



## ESTADO DO AMAZONAS

O atual Estado do Amazonas é o sucessor da antiga Capitania de São José do Rio Negro, criada por D. José I pela carta régia nº 3 de maio de 1750, com o objetivo de estabelecer um território governado nos confins ocidentais da Ilha do Grão-Pará e Maranhão, com Sede na aldeia de São José do Rio Negro, no Alto Amazonas. A capital, por decisão de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, foi instalada na antiga vila de Manaus, que recebeu o nome italiano de Barcelos, para servir de sede à Companhia dos J�mores, P[ro]prietários de Portugal e Espanha para a demarcação da fronteira norte, conforme previa o Tratado de Mauro de 1750.

### MAIORES EXPORTADORES DO ESTADO DO TOCANTINS

PERÍODO: JANEIRO A DEZEMBRO DE 1994

EXPORTADORES	VALOR EXPORTAÇÃO FOB EM US\$1,00	QUANTIDADE EXPORTADA EM TON
1. CEVAL ALIMENTOS DO NORDESTE S/A	3.636.510	15.070
2. NOROESTE INDÚSTRIA DE MADEIRAS S/A	83.509	129
3. A.V. DE LIMA	2.612	
<b>TOTAL</b>	<b>3.722.631</b>	<b>15.199</b>

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC/SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, tabulação, mapeamento e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.

Entre a volta da ditadura, com os entraves do produto plantado pelos concorrentes estrangeiros, a economia entrou em longo período de crise e depressão, que somente viu começar a sair durante a II Guerra Mundial, em 1942, com a reativação efêmera dos termômetros nativos decorrente dos Acordos de Bretton Woods.

A criação da SPVCA pela Lei 1806, em 1953, iniciou-se um novo processo de valorização econômica, com recursos abandono da receita da União, que promoveu a implantação de alguns ministérios, uma estrutura e de estabelecimentos industriais. A sua reformulação com a criação da SUDAM em 1967 e 1968 trouxe para a Amazônia um novo alento à economia regional com uma série de incentivos que visavam a redução de imposto de renda, aporte financeiro para a capitalização das empresas, incentivo ao início dos investimentos em projetos agrícolas e, sobretudo, incentivo que visava a causar aos ecologistas nos anos cintura pelos desmatamentos e destruição que causaram a alteração da cobertura vegetal da floresta densa e do cerrado e o item de R\$ 1.000.000.000,00 de investimentos de bônus. Grande parte desses investimentos foram feitos no sul do Pará, norte do Mato Grosso e em Rondônia, sendo que a Amazônia Oriental foi também beneficiada



## ESTADO DO AMAZONAS

O atual Estado do Amazonas é o sucessor da antiga Capitania de São José do Rio Negro, criada por D. José I, pela carta-régia de 3 de março de 1755, com o intuito de estabelecer um terceiro governo nos confins ocidentais do Estado do Grão-Pará e Maranhão, com sede na aldeia de São José do Javari, no Alto Solimões. A capital, por decisão de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, foi instalada na antiga aldeia de Mariuá, que recebeu o nome lusitano de Barcelos, para servir de sede à Conferência dos Ministros Plenipotenciários de Portugal e Espanha para a demarcação da fronteira norte, conforme previa o Tratado de Madrid de 1750.

A nova capitania viveu longas décadas de abandono e esquecimento, enquanto Portugal, frustrado com a não descoberta de ouro e minas, pedia mais especiarias e drogas do sertão para animar o intercâmbio comercial. Francisco Xavier de Mendonça, meio irmão do Marquês de Pombal e Governador Geral do Estado do Grão Pará, em carta ao Ministro do Ultramar informava que havia descoberto 39 gêneros que podiam ser explorados e cultivados como cravo, canela, anil, andiroba, baunilha, carajuru, castanha, puxuri, pinhão, urucú, cacau, bacaba, copaíba, jalapa, gengibre, ipecacuanha, breu, almacega, piaçaba, castanheiro, além de *"uma infinidade de madeiras para navios e móveis, as quais são tratadas com tal desprezo e ignorância nas roças que se queima madeira que valeria muitos mil cruzados para semearem uns poucos feijões"*.

Estas especiarias e drogas do sertão serviriam de base para as primeiras exportações do Amazonas até que o ciclo da borracha, no terceiro quartel do século XIX, empolgasse a economia da Província, que se tornou autônoma em 1850, atraindo centenas de milhares de imigrantes nordestinos, enriquecendo o erário público, construindo a infra-estrutura de portos, transportes e serviços públicos e permitindo a exploração dos seringais mais distantes por parte dos coronéis de barranco, seringalistas e seringueiros, atraídos pela euforia de fortuna e aventura. O Estado do Amazonas, no ano áureo da borracha, em 1910, chegou a arrecadar 17.356.133\$, equivalente a 59.636.626 libras esterlinas de 1992 com a exportação da borracha, enquanto que o Pará, nesse mesmo ano, obtinha uma receita um pouco maior de 69.597.303 esterlinos.

Passada a euforia da borracha, com a entrada do produto plantado pelos concorrentes asiáticos, a região entrou em longo período de crise e depressão, que somente viria começar a sair durante a II Grande Guerra, em 1942, com a reativação efêmera dos seringais nativos decorrente dos Acordos de Washington.

Com a criação da SPVEA pela Lei 1806, em 1953, inicia-se um novo processo de valorização econômica com recursos abandonados da receita da União, que promoveu a implantação de alguns projetos de infra-estrutura e de estabelecimentos industriais. A sua reformulação com a criação da SUDAM pela Lei 5173 de 1966 veiu permitir um novo alento à economia regional com uma série de incentivos fiscais como isenção ou redução de imposto de renda, aporte financeiro para a capitalização das empresas, que permitiu o início dos investimentos em projetos agrícolas e, sobretudo, pecuários que tanto clamor iriam causar aos ecologistas nos anos oitenta pelos desmatamentos e queimadas que provocaram a alteração da cobertura vegetal da floresta densa e do cerrado da ordem de 250.000 km<sup>2</sup>, ou 25 milhões de hectares. Grande parte desses investimentos foram feitos no sul do Pará, norte de Goiás e Mato Grosso e em Rondônia, sendo que a Amazônia Oriental foi, também, beneficiada



com a instalação de grandes projetos de infra-estrutura e indústrias em Tucuruí, Barcarena, Ponta da Madeira, Trombetas, Carajás, Projeto Jari e outros.

A Amazônia Ocidental se ressentia de um programa autônomo de desenvolvimento. Este veio, finalmente, com a criação da Zona Franca de Manaus pelo Decreto-Lei 288, de 28.02.1967, ao final da administração do Presidente Castelo Branco. O objetivo básico do referido projeto foi o de “*criar uma área de livre comércio de importação e exportação e de incentivos fiscais especiais, estabelecido com a finalidade de criar no interior da Amazônia um centro industrial, comercial e agropecuário dotado de condições econômicas, que permitisse o seu desenvolvimento em face dos fatores locais e da grande distância em que se encontram os centros consumidores dos seus produtos*”.

Uma série de incentivos fiscais foram previstos no Dec-Lei 288, entre os quais: isenção do imposto sobre produtos industrializados (IPI); isenção ou redução do imposto de importação (I.I.) conforme o índice de nacionalização e depois de acordo com o processo produtivo básico; isenção do imposto de exportação; isenção do imposto sobre serviços; redução do imposto sobre circulação de mercadorias (ICM e depois transformado no atual ICMS).

Esse elenco de isenções e reduções tributárias desonerando os produtos fabricados na Zona Franca de Manaus, a competir com os incentivos da SUDAM, conseguiu atrair para Manaus e seu Distrito Industrial mais de 300 grandes e médias empresas industriais multinacionais e nacionais, fazendo-se presente com os seus investimentos japoneses, ingleses, holandeses, alemães e brasileiros, que implantaram no Distrito Industrial as suas fábricas para gozar das vantagens dos incentivos fiscais produzindo os seus bens a custo menores, permitindo assim dominar o mercado brasileiro nos setores eletro-eletrônico, relojoeiro, duas rodas, termoplástico, metalúrgico, ótico, brinquedos, produtos como isqueiros, barbeadores, canetas e outros segmentos, perfazendo um total de 22 pólos industriais de fabricação e montagem.

O sucesso desse modelo pode ser avaliado pela evolução do faturamento, massa salarial, empregos gerados, insumos adquiridos, conforme segue:

INDICADORES INDUSTRIALIS DA ZONA FRANCA DE MANAUS					
Ano	Faturamento (milhões de US\$)	Dispêndio com Pessoal (milhões de US\$)	Número de Em- pregados Diretos (média anual)	Aquisição de Insu- mos do Exterior (milhões de US\$)	Aquisição de Insumos Nacional e Regional (milhões de US\$)
1988	5.076	370	60.669	497	2.272
1989	6.901	541	69.471	698	2.742
1990	8.425	848	76.798	767	3.273
1991	6.984	556	68.875	756	2.208
1992	4.523	364	40.355	664	1.460
1993	6.643	440	37.734	1.378	1.655
1994	8.737	521	41.086	1.706	2.551
1995 (Jan/Jun)	5.485	328	46.216	1.422	1.388

O quadro acima bem demonstra a força do modelo industrializador que conseguiu produzir um grande volume de vendas, geração de empregos e de massa salarial, responsáveis pela recuperação urbana de Manaus e geração de grandes receitas públicas no campo federal, estadual e previdenciário.



Argumenta-se, hoje, que esse resultado foi conseguido à custa de uma renúncia fiscal da União da ordem de US\$ 2 bilhões/ano, o que realmente não procede, pois a desagravação fiscal tributária produziu grandes ganhos de qualidade e produtividade, permitindo que os produtos oferecidos pelas indústrias da ZFM fossem oferecidos ao consumidor nacional, a preços competitivos e de baixo custo. Assim, essa desoneração favoreceu, também, ao consumidor brasileiro do centro-sul que recebeu esses benefícios através de desembolsos menores na aquisição dos produtos. Outrossim, a compra de insumos, preços e componentes no mercado nacional da ordem de US\$ 2,5 bilhões no ano fiscal de 1994, permitiu criar um grande volume de empregos e massa salarial em São Paulo e outras cidades industriais do país.

O modelo ZFM, no entanto, por ser baseado na política de substituição de importações de reserva de mercado - que hoje vem sendo substituído pela abertura do mercado nacional à competição dos produtos estrangeiros e à inserção da economia do país no contexto da globalização e dos mercados comuns sem fronteiras - necessita criar alternativas e opções que garantam, no futuro, a continuidade e sustentação do desenvolvimento econômico no longo prazo. Assim, é importante não apenas lutar para manter esse centro industrial de grande porte no centro da Amazônia Ocidental com todo o seu acervo de tecnologia de ponta e aporte de recursos gerenciais e administrativos das grandes empresas que se localizaram nessa área - mas também transformá-lo num centro irradiador de incentivos e criatividade para o interior do Estado, fazendo com que este também venha a usufruir de novos investimentos agro-industriais, que gerem emprego e renda e possam alavancar e contribuir para aumentar as exportações do Estado e a melhora nas condições de vida e bem-estar das populações que não foram beneficiadas pela implantação da estrutura industrial da ZFM. Neste aspecto, uma longa lista de perfis e projetos econômicos são assinalados tanto no campo agrícola, pastoril como no setor mineral, que podem servir de contribuição para a complementação do modelo industrial da ZFM. Este tem provado ser capaz de dar uma grande sustentação e apoio à economia local e nacional, gerar empregos e produzir receitas públicas que fizeram o Estado do Amazonas liderar o ranking das contribuições tributárias federais, com uma participação de 51,44% sobre o total arrecadado na 2ª Região Fiscal, em 1994, e que no primeiro semestre do exercício de 1995 já cresceu para 53,59%.

A excessiva urbanização verificada no Estado do Amazonas, com especial referência a Manaus, que teve sua população aumentada de 311.622 habitantes em 1970 para 1.010.544 habitantes em 1991, com crescimento de 224% em duas décadas, precisa ser contrabalançada por políticas públicas que detenham o êxodo rural, criando condições de sustentabilidade e oportunidade de vida e trabalho em todo o interior, sobretudo naqueles espaços e micro-regiões mais adequadas e que possuam capacidade de dar uma resposta mais ágil e urgente, para depois vir a alcançar as sub-regiões mais remotas. Uma análise da atual estrutura da exploração agro-pecuária do Estado nos informa que o Amazonas possuía, por ocasião do último censo agrícola de 1985, as seguintes áreas de lavouras e pastagens em hectares:

Cultivos Permanentes	Lavouras Temporárias	Pastagens	Total em hectares
117.100	169.676	266.608	553.404

Esse quadro bem demonstra a fragilidade da economia interiorana quando se compara que a Amazônia Legal, nesse mesmo ano, cultivava 84.745.794 hectares, ou seja, o Amazonas participava apenas com 2,24% da área cultivada na região. Por este motivo é que o Estado comparece nas estatísticas oficiais como o campeão da conservação e preservação da floresta tropical chuvosa, com índice de alteração da cobertura vegetal até 1988 de 12.836,88 km<sup>2</sup>, ou 1.283.688 hectares, comparado



com o desmatamento de 251.429 km<sup>2</sup> (ou 25.142.900 hectares) para a região da Amazônia Legal, com um quinhão de apenas 5,10% do total.

Por sua vez, a atividade agrícola do Estado do Amazonas era insignificante, como se verifica nas estatísticas de 1992, que apontam uma produção de 443.228 toneladas, comparadas com 20.846.126 toneladas cultivadas em toda a Amazônia Legal, ou seja, o correspondente a uma participação de 2,12%, enquanto o vizinho Estado do Pará apresentou uma produção agrícola, nesse mesmo ano de 1992, de 4.145.871 toneladas, equivalente a 19,88% do total regional.

Vale acrescentar que do total produzido no Amazonas de 443.228 toneladas de gêneros agrícolas, 384.701 toneladas eram de mandioca, sobrando apenas 58.527 toneladas para outras culturas. De outro lado, a atividade pecuária era modesta, representada em 1991 por um rebanho bovino de 645.714 e bubalino de 27.498 cabeças, comparados com 353.000 em 1980 e 263.000 em 1970. No ano de 1991, o rebanho total da Amazônia Legal era de 30.233.066, participando o Amazonas com o insignificante percentual de 2,23%.

No setor mineral o rush iniciado na Amazônia Ocidental - com os grandes projetos de mineração de manganês, ferro, bauxita e caulim, responsáveis pela liderança do Pará na exportação, com US\$ 1,82 bilhão em 1994 - praticamente ainda não alcançou, como deveria ter ocorrido, no Amazonas. Temos apenas dois setores minerais em exploração: o da cassiterita no rio Pitinga, às margens da BR-174, perto de Manaus, da Mineração Taboca do Grupo Paranapanema, que produz cerca de 9.000 toneladas desse mineral por ano, é exportado em forma bruta, para ser reduzido em lingotes nas metalúrgicas do Rio e São Paulo, e daí exportado para o exterior, que deve gerar uma receita de divisas da ordem de US\$ 52 milhões (preço atual de US\$ 6.450 a tonelada do estanho); e o do petróleo e gás da província de Urucú, no rio Coari, afluente do rio Solimões, a cerca de 520 km de distância de Manaus, com uma produção de 14.000 barris/dia e 90 toneladas de gás liquefeito/dia, que devem gerar uma receita à Petrobrás de cerca de US\$ 120 milhões/ano, e que se devidamente explorados podem atingir uma produção da ordem de US\$ 500 milhões nos próximos 5 anos. No entanto, as reservas de nióbio encontradas no Morro dos 6 Lagos em São Gabriel da Cachoeira, o potássio em Fazendinha no rio Madeira e o caulim da BR-174 permanecem intocáveis, à mingua de investimentos e iniciativas empresariais de grandeza compatível com a importância dessas jazidas.

Por todos esses motivos, o valor exportado e a pauta de produtos comercializados no exterior é ínfimo em relação a potencialidade do Estado. No ano de 1994, a exportação cifrou-se em US\$ 133.950.256, com um crescimento negativo em relação a 1993 (US\$ 144.539.681) e 1992 (US\$ 148.132.589). A composição das exportações em 1994 foi a seguinte:

Produtos	Valor FOB em US\$1,00	%
Produtos Florestais Madeireiros (madeira serrada/compensada/laminada)	36.581.148	27,31
Produtos Florestais do Extrativismo não Madeireiro	8.015.722	5,98
Produtos Agrícolas	1.493.345	1,12
Produtos de Pesca	4.608.973	3,44
Produtos Industriais	78.327.577	58,47
Outros Produtos	4.923.491	3,68
<b>Total</b>	<b>133.950.256</b>	<b>100,00</b>

Pelo quadro acima deduz-se a pobreza do comércio exterior tanto no setor primário como no secundário.



Os produtos industriais fabricados pela Zona Franca de Manaus vêm em primeiro lugar na pauta de exportação com US\$ 78,3 milhões, comparados com US\$ 81.033.404 em 1993. Aparelhos e lâminas de barbear com US\$ 23,44 milhões, aparelhos de fotocópia com US\$ 13,92 milhões e motocicletas com US\$ 15,66 milhões foram os produtos de maior exportação em 1994.

Em segundo lugar aparecem os produtos florestais madeireiros (madeiras serradas, compensadas e laminadas) com uma exportação de US\$ 36,58 milhões, com grande parte desse valor proveniente das serrarias localizadas em Itacoatiara (Gethal e Carolina). Esta cidade tem uma vocação extraordinária para se tornar um grande pólo madeireiro à semelhança de Vilhena, Santarém, Belém e Imperatriz. No entanto, as restrições de caráter ecológico e a ausência de novos empreendedores e investimentos no setor tem confinado o setor a uma pequena contribuição para a dinamização da economia do Estado que, em contraste com o grande potencial de produção deste segmento, desde que se consiga conciliar o uso desses recursos naturais com a proteção do meio ambiente.

A participação do setor extrativista florestal não-madeireiro, que no passado teve importância extraordinária na composição da pauta de exportação do Estado com a liderança da borracha e castanha, agora se vê restrita a uma pequena exportação de castanha-do-Pará com casca e descascada da ordem de US\$ 6.177.202, que corresponde a 4.562 toneladas, ou cerca de 100.000 hectolitros, para uma safra que no passado atingia no Estado a mais de 300.000 hectolitros/ano. Esse valor é insignificante se considerarmos a sua grande participação na pauta de produção do Estado, nas décadas anteriores, antes que se verificasse o esvaziamento das atividades econômicas interioranas. Os três últimos produtos do extrativismo vegetal: o óleo essencial de pau-rosa com uma exportação de US\$ 988 mil, o cumarú com US\$ 503 mil e o bálsamo de copaíba com US\$ 346 mil, são os remanescentes do antigo vigor do extrativismo florestal amazonense.

Por este motivo o Estado do Amazonas é considerado o paraíso dos ambientalistas, pois os recursos da biota florestal e animal pouco estão sendo usados, restaurando-se assim o império absoluto da intocabilidade e do preservacionismo ambiental, muito embora à custa do sacrifício e da pobreza dos homens e mulheres do interior, que perderam as suas fontes de sustentabilidade. Por esse motivo, a proposta do atual Governador do Estado Amazonino Mendes de iniciar um programa de interiorização do desenvolvimento, chamado de *terceiro ciclo*, deve merecer o apoio de toda a comunidade e das lideranças políticas, empresários e dos trabalhadores.

Encerrando a pobreza desta pauta figuram os produtos agrícolas com uma receita de US\$ 1,5 milhão, dos quais o guaraná contribuiu com US\$ 901 mil e a pimenta-do-reino com US\$ 592 mil; e a pesca com uma contribuição de US\$ 2,47 milhões de peixes ornamentais e US\$ 2,13 milhões provenientes da exportação de peixes-bagres congelados. Considerando o potencial do setor pesqueiro e da piscicultura, este setor pode vir a ser muito importante no futuro, se devidamente potencializado por empresas e investimentos públicos e privados, instrumentado por conhecimento e tecnologias novas.

Os exportadores que mais se destacaram, em 1994, foram a Gillette, Gethal Madeireira, Xerox, Moto Honda, Carolina Madeiras, Basf e os dois tradicionais exportadores do extrativismo: Ciex e I.B. Sabbá.

Devido ao porte e a grande contribuição do setor industrial da Zona Franca de Manaus, o Estado do Amazonas lidera as arrecadações dos impostos e contribuições federais na região. No ano passado de 1994, no período de Janeiro a Dezembro, foi arrecadado pela Delegacia de Manaus a importância de US\$ 594.604.788, que correspondeu a 51,44% do total de US\$ 1.155.987.926 pela Superintendência



da 2ª Região Fiscal. O Estado do Pará teve uma participação de 31,39%, incluindo as delegacias de Belém, Monte Dourado e Santarém, que arrecadaram US\$ 370.283.537.

No atual exercício de 1995, no primeiro semestre, o Amazonas continua liderando a arrecadação com US\$ 481.136.204, que representa 53,59% do total de US\$ 897.810.916 recebido pela 2ª Região Fiscal nesse mesmo período do corrente ano. No ano de 1994, no período de Janeiro a Junho, a arrecadação federal no Amazonas foi de US\$ 181.089.256, pelo que se confirma que a participação do Amazonas, nesse período do corrente ano de US\$ 481.136.204 aumentou de 165,69% em relação ao ano de 1994, o que revela um excelente desempenho da economia do Estado e do aparelho arrecadador federal.

No que se refere ao ICMS, o Amazonas arrecadou no exercício de 1994 US\$ 528.151.399, comparados com uma receita de US\$ 316.223.736 de 1993. No atual exercício de 1995, no tempo de Janeiro a Junho, a arrecadação subiu para US\$ 467.441.158, comparados com US\$ 160.260.093 de 1994. Em virtude da taxa de câmbio do real estar supervalorizada em relação ao dólar é possível que haja distorções quando comparadas essas receitas. Mesmo assim, as estatísticas indicam que a indústria e o comércio vêm se expandindo no Estado e gerando receitas públicas para enfrentar as grandes despesas da dívida pública, contraídas no passado com o governo federal, e as despesas correntes e uma parte dos investimentos necessários à adequação de infra-estrutura às necessidades de sua população. Apesar da aparente prosperidade, essas receitas ainda são insuficientes para atender as exigências e as notórias carências dos serviços de utilidade pública.

Toda esta arrecadação pode ficar comprometida se vingar a pretendida reforma fiscal que transforma o IPI em ICMS federal, a ser cobrado juntamente com o ICMS estadual no lugar do destino, ao invés de sua atual incidência na fonte de produção. Esse novo ICMS, de dupla face, com essa transposição de cobrança passará a incidir, no caso do Amazonas, sobre uma pequena base tributária de consumo, quando atualmente recai sobre a atividade produtiva industrial que gera um faturamento da ordem de US\$ 10 bilhões/ano. A base de cálculo desse imposto abandona, assim, o nosso grande poder de produzir, que é muitas vezes maior do que o nosso poder de consumir.

Outrossim, a extinção do IPI acarretará a perda de vantagem fiscal comparativa da ZFM, atualmente isenta desse imposto, que será incorporada ao preço do produto na lugar do destino. A União Federal vai perder o seu grande instrumento de política fiscal que é o IPI, de fácil arrecadação e que está isento do princípio de anualidade e que é bastante flexível no reajuste de suas alíquotas à flutuação cíclica e conjuntural em favor da rigidez do novo ICMS, que vai atuar em uma grande base de cálculo que inclui a energia elétrica, telecomunicações, transportes e combustíveis, que passaram a pertencer ao quinhão estadual no capítulo da repartição de renda da Constituição de 1988.

Longe de ser neutro, como se anuncia a nova política fiscal, vai provocar ganhos e perdas absolutos e relativos em toda a cadeia produtiva, a nível regional e de distribuição de renda de duvidosa compensação fiscal, econômica e social.

A prometida simplificação burocrática e eficiência arrecadadora do novo imposto de venda é muito discutível pois, do ponto de vista do fisco estadual, o atual ICMS por incidir sobre um menor número de contribuintes, torna a exação mais ágil e fácil. A nova modalidade ao recair sobre um grande universo de pequenos e médios comerciantes varejistas - como ocorre no primeiro mundo - vai pulverizar a futura arrecadação dos Estados e da União, obrigando o erário a se armar de novos investimentos para penetrar no mundo da economia informal, cuja cultura de evasão fiscal é sabida e notória.



Se não forem constituídas suficientes e seguras salvaguardas, o parque industrial da ZFM e a própria economia e finanças do Estado sofrerão grandes turbulências e terão que enfrentar a sua mais dura prova de sobrevivência nos próximos anos.

Se esse perverso cenário de reforma fiscal vingar, torna-se necessário e vital redirecionar a economia do Estado do Amazonas com a perda de sua base industrial. Restará como alternativa a realização de grandes investimentos do poder público federal na implantação de infra-estrutura e de externalidades indispensáveis à criação de um novo projeto econômico de longa maturação - baseado em conhecimento novo e tecnologia inventiva e inovadora - voltado para a exploração dos recursos naturais da biota florestal, do agro e da geota mineral. Esta nova política vai entrar em rota de colisão com as intenções, pressões e reivindicações de opinião pública mundial e dos ambientalistas, que atuam nos órgãos e entidades internacionais, e que desejam, a qualquer custo, a preservação dos nossos primitivos ecossistemas. Estamos, assim, ameaçados a perder a atual cadeia produtiva industrial sem a contra-partida e certeza de uma nova era de desenvolvimento duradoura e sustentável.

CASCA-DO-PARA (O) BRASIL DESDRATADA	4.445	1.491.161	1.177	KG	
CASCA-DO-PARA SECA	423	1.177.777	2.711	KG	
CASCA-DO-PARA, OUTRAS	34	252.382	2.671	KG	
ÓLEO ESSENCIAL DE PAU-ROSA	1	488.238	23.544	KG	
CUMARU OU FAVA-TONCA FRESCA/SECA	69	502.594	20.981	KG	
BALSAMO DE COPAÍRA	87	348.350	3.265	KG	
CHOCOLATE	1.000	1.000.000	1.000	KG	
GUARANÁ EM GRÃO DESDRATADO	82	675.411	8.116	KG	
GUARANÁ FRESCO OU SECO	18	124.960	13.294	KG	
PIMENTA PRETA NÃO TRITURADA	303	592.025	1.966.856	KG	
PIRELLA D'ALMIRANTE	779	1.000.000	1.000	KG	
PEIXES VIVOS ORNAMENTAIS	145	2.478.564	0.111	KG	
PIRES DE PIRAMUTABA CONGELADO	388	1.278.390	3.471	KG	
CANTOS FILES DE PEIXES CONGELADOS	106	402.824	3.761	KG	
OUTRAS CARMES DE PEIXES, FRESCAS	30	240.478	7.990	KG	
CARNE DE PIRAMUTABA, FRESCA	94	208.988	2.231	KG	
PIRES DE PIRAMUTABA, FRESCA	1.000	1.000.000	1.000	KG	
PESSOAL FOTOCOPIA P/ SISTEMA ÓTICO	341	13.925.384	1.750.511	UN	
APPARELHOS DE BARBEAR	1.069	13.032.367	12.716	KG	
LÂMINAS DE BARBEAR	448	10.407.902	28.095	KG	
APARELHOS C/MOTOR PISTÃO CIL > 50 C	803	11.779.941	1.837.511	UN	
APARELHOS C/MOTOR PISTÃO CIL > 125 C	209	3.983.420	1.686.921	UN	
APARELHOS C/MOTOR PISSOM NÃO GRAVADA	1.113	6.323.148	0.473	UN	
APARELHO C/VIDEO NÃO GRAVADA	372	895.545	1.411	UN	
APARELHO C/VIDEO NÃO GRAVADA	15	127.577	0.110	UN	
APARELHO D'AVING CURTIDO AO CROMO	93	836.540	10.822	UN	
APARELHO E' AOFINO PREPARADO	40	370.960	0.111	KG	
APARELHO MEDICO MÓCULOS BIFÍTICOS	32	1.434.297	5.207	KG	
APARELHO MEDICO	57	1.428.578	101.087	UN	
APARELHO MEDICO OCULAR	1	636.623	1.562	PAR	
APARELHO MEDICO, BIFÍTICOS MÓCULOS	4	350.176	10.056	PAR	
APARELHO MEDICO OCULAR	8	248.727	1.622	PAR	
APARELHO MEDICO, OCULAR	163	1.154.904	6.380	KG	



**EXPORTAÇÃO PARA O EXTERIOR**

ESTADO DO AMAZONAS - JANEIRO/DEZEMBRO 1994

PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS - VALOR FOB = US\$1,00

PRODUTOS	TONELADAS	VALOR FOB EXP US\$ 1,00	PREÇO MÉDIO EXPORTADO US\$1,00
<b>I - MADEIRA SERRADA/COMPENSADA/LAMINADA</b>	<b>58.224</b>	<b>36.581.148</b>	
OUTRAS MADEIRAS EM FOLHAS P/COMPENSADOS	27.139	16.430.921	53,91 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS COMPENSADAS	17.503	11.684.619	10,22 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS FOLHEADAS/ESTRAT.	8.250	5.279.955	308,40 m <sup>3</sup>
MADEIRA MURATINGA - FOLHAS P/COMPENSADO	3.461	1.884.710	228,39 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS TROPICAIS - FOLHAS P/COMPENSADO	1.871	1.300.943	1,43 m <sup>3</sup>
<b>II - PRODUTO FLORESTAL DO EXTRATIVISMO</b>	<b>4.756</b>	<b>8.015.722</b>	
CASTANHA-DO-PARÁ (DO BRASIL) DESIDRATADA	4.045	4.749.142	1,17 kg
CASTANHA-DO-PARÁ SECA	423	1.175.777	2,77 kg
CASTANHA-DO-PARÁ, OUTRAS	94	252.283	2,67 kg
ÓLEO ESSENCIAL DE PAU-ROSA	41	988.236	23,54 kg
CUMARÚ OU FAVA-TONCA FRESCA/SECA	66	503.894	20,96 ton
BÁLSAMO DE COPAÍBA	87	346.390	3,95 kg
<b>III - PRODUTO AGRÍCOLA</b>	<b>399</b>	<b>1.493.345</b>	
GUARANÁ EM GRÃO DESIDRATADO	82	676.411	8,19 kg
GUARANÁ FRESCO OU SECO	16	224.909	13,29 kg
PIMENTA PRETA NÃO TRITURADA	301	592.025	1.966,86 ton
<b>IV - PRODUTO DE PESCA</b>	<b>747</b>	<b>4.608.973</b>	
PEIXES VIVOS ORNAMENTAIS	149	2.478.591	0,11 um
FILÉS DE PIRAMUTABA CONGELADO	368	1.278.390	3,47 kg
OUTROS FILES DE PEIXES CONGELADOS	106	402.524	3,76 kg
OUTRAS CARNES DE PEIXES, FRESCAS	30	240.479	7,90 kg
CARNE DE PIRAMUTABA FRESCA	94	208.989	2,20 kg
<b>V - PRODUTO INDUSTRIALIZADO ZONA FRANCA MANAUS</b>	<b>27.404</b>	<b>78.327.577</b>	
APARELHOS FOTOCÓPIA P/SISTEMA ÓTICO	341	13.925.384	1.750,51 um
APARELHOS DE BARBEAR	1.069	13.032.367	12,18 kg
LÂMINAS DE BARBEAR	448	10.407.902	28,05 mil
MOTOCICLETAS C/MOTOR PISTÃO CIL > 50 C	803	11.779.941	1.634,51 um
MOTOCICLETAS C/MOTOR PISTÃO CIL > 125 C	269	3.888.420	1.536,92 um
FITA MAGNÉTICA P/SOM NÃO GRAVADA	1.113	6.323.146	0,43 um
FITA MAGNÉTICA P/VÍDEO NÃO GRAVADA	372	2.095.845	1,41 um
FITA MAGNÉTICA > 6,5 mm P/V SOM NÃO GRAVADA	15	177.577	3,10 um
COURO PELE BOVINO CURTIDO AO CROMO	33	835.640	10,92 m <sup>2</sup>
COURO PELE BOVINO PREPARADO	40	370.960	9,11 kg
LENTE DE VIDRO P/ÓCULOS BI/TRIFOCais	32	1.434.237	5,20 par
MOLDE PARA VIDRO	52	1.425.578	107,66 um
OUTRAS LENTES PARA ÓCULOS	11	838.823	1,80 par
LENTES DE OUTROS MATERIAIS P/ÓCULOS	4	350.188	10,08 par
OUTRAS LENTES DE VIDRO P/ÓCULOS	9	246.727	1,62 par
OUTRAS PARTES DE NAVALHA P/BARBA	183	1.154.904	6,30 kg



OUTROS PRODUTOS RESIDUAIS DA IND QUÍMICA	216	949.120	4,39	kg
ISQUEIRO DE BOLSO A GÁS	95	931.229	0,21	um
PEDRA P/ISQUEIRO OU ACENDEDOR	20	263.088	12,76	kg
CIRCUITO IMPRESSO	45	749.122	0,17	um
OUTRAS PARTES E ACESSÓRIOS P/MÁQ AUTOMÁTICAS	2	660.694	124,14	um
RELÓGIO DE PULSO PILHA	3	391.339	6,25	um
CANETA ESFEROGRÁFICA	31	344.574	0,31	um
JOGO DE VÍDEO P/APARELHO TV	7	341.325	36,25	um
CARTUCHO PARA JOGO DE VÍDEO	2	208.067	21,45	um
DISCO MAGNÉTICO P/MAQ PROC DADOS	15	337.760	0,54	um
OUTRAS TOMADAS DE CORRENTE	17	314.147	0,01	um
FILTRO SELETIVO P/APARELHO RÁDIO	1	354.202	0,54	um
CONES DE OUTROS MATERIAIS	1	238.741	1.176,06	um
OUTROS ARTIGOS DE TRANSPORTE	32	222.653	6,93	kg
CONDENSADORES COM DIELETR. CERÂMICA	4	196.992	0,01	um
BOMBAS CENTRÍFUGAS	27	182.041	286,22	um
OUTRAS MÁQ/APAR P/MISTURAR	3	178.670	277,86	um
GASOLINA AUTOMOTIVA TIPO B	3.683	1.084.628	166,35	m <sup>3</sup>
QUEROSENE DE AVIAÇÃO	1.307	253.150	153,70	m <sup>3</sup>
ÓLEO COMBUSTÍVEL - FUEL OIL	1.682	182.087	105,31	m <sup>3</sup>
COMBUSTÍVEIS LUBRIFICANTES P/CONSUMO BORDO	15.375	1.656.309	0,10	kg
<b>VI - OUTROS PRODUTOS</b>	<b>4.748</b>	<b>4.923.491</b>		
<b>TOTAL DAS EXPORTAÇÕES - JAN/DEZ 1994</b>	<b>96.276</b>	<b>133.850.258</b>		

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC - SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.

SETEMBRO

OUTUBRO

NOVEMBRO

DEZEMBRO

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC - SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.



DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DO ESTADO DO AMAZONAS  
PERÍODO: JANEIRO/DEZEMBRO 1994  
OS MAIORES PAÍSES IMPORTADORES

EXPORTAÇÃO DO AMAZONAS

1992/1994 - US\$1,00

MÊS	1994	1993	1992
JANEIRO	6.449.621	16.326.025	9.176.218
FEVEREIRO	6.625.835	8.376.491	6.773.383
MARÇO	13.345.869	8.903.087	12.111.648
ABRIL	10.653.523	15.091.077	8.041.951
MAIO	11.177.563	6.782.036	15.226.024
JUNHO	12.005.541	13.619.941	10.425.107
JULHO	14.468.498	15.084.314	12.682.915
AGOSTO	13.069.604	14.483.736	19.647.913
SETEMBRO	12.423.048	10.033.526	12.103.602
OUTUBRO	9.915.305	12.366.639	10.551.610
NOVEMBRO	10.398.655	9.984.557	10.258.014
DEZEMBRO	13.417.194	13.488.252	21.134.204
<b>TOTAL</b>	<b>133.950.256</b>	<b>144.539.681</b>	<b>148.132.589</b>

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC, SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.

- 40 HUNGRIA
- 41 GUIANA FRANCESA
- 42 PROVISÃO NAVIOS E AERONAVES
- 43 OUTROS



## DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DO ESTADO DO AMAZONAS

PERÍODO: JANEIRO/DEZEMBRO 1994

OS MAIORES PAÍSES IMPORTADORES

PAÍSES	VALOR FOB - US\$ 1,00
1. ESTADOS UNIDOS	34.266.757
2. MÉXICO	13.685.022
3. ALEMANHA	13.441.610
4. ARGENTINA	8.838.703
5. COLÔMBIA	6.958.763
6. JAPÃO	6.564.843
7. REINO UNIDO (GRÂ-BRETANHA)	6.165.489
8. PERU	3.964.805
9. CINGAPURA	3.829.967
10. PARAGUAI	3.828.980
11. FRANÇA	2.851.042
12. AUSTRÁLIA	2.689.757
13. URUGUAI	2.366.312
14. BÉLGICA	1.944.698
15. RÚSSIA, FEDERAÇÃO DA	1.819.348
16. VENEZUELA	1.816.013
17. CHILE	1.675.018
18. PORTUGAL	1.492.382
19. ESPANHA	1.460.805
20. ÁFRICA DO SUL	1.326.818
21. POLÔNIA DE RÉLOGIOS S/A	1.282.351
22. SUIÇA	1.104.837
23. CANADÁ	1.034.363
24. EMIRADOS ÁRABES UNIDOS	893.874
25. BOLÍVIA	856.883
26. EQUADOR	814.748
27. ITÁLIA	805.308
28. HOLANDA	527.902
29. DINAMARCA	502.979
30. MARROCOS	438.375
31. FILIPINAS	412.374
32. BANGLADESH	402.500
33. REPÚBLICA DA CORÉIA	319.288
34. REPÚBLICA DA GUIANA	272.367
35. PANAMÁ	271.908
36. PORTO RICO (USA)	247.377
37. HONG-KONG	186.451
38. REPÚBLICA DOMINICANA	184.400
39. ISRAEL	158.363
40. HUNGRIA	69.703
41. GUIANA FRANCESA	50.911
42. PROVISÃO NAVIOS E AERONAVES	1.635.534
43. OUTROS	490.328
<b>TOTAL EXPORTAÇÃO</b>	<b>133.950.258</b>

Fonte: SECEX/DTIC - SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.



**MAIORES EXPORTADORES DO ESTADO DO AMAZONAS**

**PERÍODO: JANEIRO A DEZEMBRO DE 1994**

<b>EXPORTADORES</b>	<b>VALOR EXPORTAÇÃO FOB EM US\$1,00</b>	<b>QUANTIDADE EXPORTADA EM TON</b>
1. GILLETTE DA AMAZÔNIA S/A	18.514.575	1.127
2. GETHAL AMAZONAS - IND MAD COMPENSADOS	16.906.970	29.908
3. XEROX DO AMAZONAS S/A	13.958.768	342
4. MOTO HONDA DA AMAZÔNIA LTDA	12.259.230	827
5. CAROLINA - IND COM MADEIRAS TROPICais	9.056.499	12.520
6. BASF DA AMAZÔNIA S/A	9.051.097	1.523
7. CIEX - COM IND EXPORTAÇÃO LTDA	4.890.969	3.400
8. I B SABBÁ S/A	4.218.945	1.786
9. WILKISON SWORD DA AMAZÔNIA S/A	3.310.790	239
10. PETRÓLEO BRASILEIRO S/A - PETROBRÁS	3.281.394	22.676
11. TECNOCÉRIO S/A	2.896.078	303
12. YAMAHA MOTOR DA AMAZÔNIA LTDA	2.700.125	196
13. MADEIRAS COMPENSADAS DA AMAZÔNIA - COMPENSA	2.675.045	4.031
14. AMAPLAC IND DE MADEIRAS S/A	2.432.003	3.398
15. WAGNER DA AMAZÔNIA S/A	2.294.213	2.960
16. FRIUBA - FRIGORÍFICO IRANDUBA S/A	2.130.382	600
17. COMPANHIA INDUSTRIAL DE MADEIRAS	1.970.196	3.118
18. IALO IND AMAZONENSE LENTES OFTÁLMICAS	1.694.871	41
19. CIFEC - COMPENSADOS DA AMAZÔNIA LTDA	1.657.295	2.986
20. CISPER DA AMAZÔNIA S/A	1.425.578	52
21. CURTUME CANADENSE LTDA	1.206.600	379
22. ESSILOr DA AMAZÔNIA IND E COM LTDA	1.183.249	14
23. FÁBRICA AMAZONENSE DE COMP PLÁSTICOS/METÁLICO	906.847	175
24. TECTOY IND DE BRINQUEDOS S/A	862.114	15
25. TURKYS AQUARIUM LTDA	715.769	65
26. COMPUBRAS DA AMAZÔNIA IND COM LTDA	680.555	2
27. J. A. LOUREIRO	474.120	19
28. NELIMA - INDÚSTRIA DE RELÓGIOS S/A	450.639	4
29. BRASILJUTA - FIAÇÃO TECELAGEM DE JUTA	436.500	304
30. AGRALE AMAZÔNIA S/A	435.800	28
31. COIMPA - SOC IND METAIS PRECIOSOS DA AMAZÔNIA	401.061	4
32. AQUARIUM CORYDORAS TETRA LTDA	393.788	19
33. INTERMERCANTIL EXP LTDA	382.947	23
34. ITAUTEC PHILCO S/A - GRUPO ITAUTEC/PHILCO	380.493	45
35. TANARI INDUSTRIAL LTDA	368.744	
36. MURATA AMAZÔNIA IND COM LTDA	360.420	1
37. PHILCO DA AMAZÔNIA S/A	359.906	21
38. BENCHIMOL, IRMÃO & CIA LTDA	285.752	34
39. ALTIPLAN EXPORTAÇÃO LTDA	273.196	7
40. COSMOPOLITA AQUÁRIO LTDA	267.318	15
41. PRB - PRODUTOS REGIONAIS DO BRASIL LTDA	257.206	43
42. PROTAM - PRODUTOS DA AMAZÔNIA LTDA	241.910	25
43. AGRALE COMPONENTES S/A	211.370	18
44. PRESTIGE AQUARIUM LTDA	199.163	8
45. THOMSON COMPONENTES DA AMAZÔNIA LTDA	196.992	10
46. MOLEX DA AMAZÔNIA LTDA	190.453	10
47. CCE - IND COM COMPONENTES ELETRÔNICOS	190.360	28
48. PARANAPANEMA S/A - MINERAÇÃO, IND, CONST	183.967	95
49. KSB DA AMAZÔNIA SA	182.041	27
50. EXPORTADORA DE ALIMENTOS BRABO LTDA	178.935	7
51. TALISMÃ AQUÁRIO IMP EXP LTDA	174.684	8
52. MOLEX ELETRÔNICA LTDA	168.687	9
53. NAKAMEX - COMP EXP DE MADEIRAS LTDA	147.636	302
54. IND BEBIDAS ANTARCTICA DA AMAZÔNIA LTDA	147.484	227
55. BOODY COMÉRCIO DE ALIMENTOS LTDA	118.534	6
SUB-TOTAL	130.940.263	94.030
56. OUTROS	3.009.993	2.236
TOTAL	133.950.256	96.266

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC/SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, tabulação, mapeamento e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.



## ESTADO DE RORAIMA

O atual Estado de Roraima foi criado há 52 anos pelo Decreto-lei nº 5.812, de 13 de setembro de 1943, pelo governo do Presidente Getúlio Vargas, com o nome de Território Federal do Rio Branco, juntamente com os Territórios Federais de Guaporé (atual Estado de Rondônia) e Amapá e os Territórios de Ponta Porã e Iguaçu (estes dois últimos extintos pela Constituição Federal de 1946).

Situado no extremo norte, na região da fronteira com a Venezuela por uma linha divisória de 958 km e com a República Cooperativa da Guiana por uma linha de 964 km, o atual Estado de Roraima foi elevado a essa condição pelo art. 14 da Disposição Transitória da Constituição Federal de 1988 (juntamente com o Território Federal do Amapá). O Estado tem uma grande potencialidade de recursos minerais e uma grande vocação pecuária em face da extensa região de lavrados e campos gerais que cobrem grande parte do território.

A sua economia, no entanto, ressente-se de um grande isolamento, de vez que o rio Branco é somente navegável durante o período das enchentes, interrompendo o tráfego fluvial durante os meses de vazante. Por outro lado, a rodovia BR-174, que liga Manaus a Caracaraí, Boa Vista e até a fronteira da Venezuela (BV-8-Pacaraima), ainda está aguardando o asfaltamento que a transforme numa via rodoviária segura e capaz de servir de corredor de importação, exportação e turismo entre o Amazonas, Roraima e a Venezuela e o Caribe. O trecho de Rio Branco a BV-8 já foi asfaltado, de forma precária, com recursos do governo do Estado e o trecho de 255 km, de Manaus até o rio Alalau, na divisa com Roraima, está sendo agora revestido com recursos próprios do governo do Estado do Amazonas, apesar da BR-174 ser uma estrada federal. Espera-se que, esta estrada, quando concluída o seu revestimento asfáltico, venha a se tornar um importante meio de transporte para o escoamento da produção do Distrito Industrial da Zona Franca de Manaus e de intercâmbio comercial e turístico intenso com a Venezuela e a Guiana (rodovia BR-401 que liga Rio Branco a Lethen e Bonfim, na fronteira). Essa estrada deve viabilizar o Estado de Roraima pois acelerará o intercâmbio do comércio exterior com os países do Caribe, abrindo as portas do exterior para os minérios e produtos madeireiros de Roraima e para a importação direta da Venezuela, Caribe e demais países do hemisfério norte, através da importação de insumos e bens a preços mais competitivos, fazendo baixar o custo de vida no Estado e dar continuidade aos suprimentos, que hoje sofrem interrupção frequente devido à vazão do rio Branco/rio Negro e às péssimas condições de tráfego da rodovia BR-174.

Por sua vez, tanto o Estado do Amazonas como o Estado de Roraima, atualmente, têm déficits de produção e distribuição de energia elétrica, pois a Usina Hidrelétrica de Balbina tem a sua potência de 250.000 kw reduzida para menos da metade durante o verão e a vazante do rio Uatumã, e a pequena hidrelétrica do Alto Rio Jatapú, com potência de 5.000 kw, construída pelo Governo do Estado de Roraima - ambas são insuficientes para atender a atual demanda de Manaus e Boa Vista. Por isso, a oferta da Venezuela de suprir essa demanda com a energia da grande Hidrelétrica de Guri, no rio Caroni, é uma alternativa bastante viável e sem nenhum dano ecológico, pois bastaria construir uma linha de transmissão, cujos postes seriam colocados às margens da BR-174, já existente. Isto sem prejuízo do possível aproveitamento do gás natural do rio Urucú.

O Estado de Roraima enfrenta, também, um grande problema com a sua população indígena, que reclama mais da metade do território do Estado como reserva, o que inviabiliza o aproveitamento dos recursos naturais abundantes de ouro, diamante, cassiterita, nióbio e outros minérios existentes em



seu território, cuja exploração vai depender da demarcação dessas reservas indígenas, em dimensão condizente com a sua população e as necessidades de instalação de projetos agrícolas, pecuários e minerais.

Por tudo isso, a economia e o governo de Roraima ressentem-se de um maior dinamismo e se encontram em estagnação há décadas, necessitando para sobreviver de transferências federais para a manutenção dos seus serviços públicos e de apoio à iniciativa privada. As recentes tentativas de encontrar alternativas para a saída desse impasse, através da criação de áreas de livre comércio de Pacaraima (BV-8) e Bonfim constituem uma pequena abertura para dinamizar o seu intercâmbio com o exterior, mas que está ainda nos primórdios de sua implantação.

O Estado de Roraima possui apenas 23.173 hectares de lavouras temporárias e 4.658 hectares de agricultura permanente e uma área de pastagens de 147.005 hectares, na sua maior parte proveniente da região natural dos lavrados. O seu rebanho bovino, cuja introdução data dos tempos coloniais da antiga capitania de São José do Rio Negro (Fazendas Nacionais de São Bento, São José e São Marcos) está hoje representado por 347.650 cabeças.

Por todos esses motivos, a sua exportação em 1994 foi bastante modesta, atingindo apenas US\$ 5.663.551. Deste total, US\$ 4.839.967 referem-se a exportação de diamante e ouro, seguido de US\$ 748.783 de produtos madeireiros. Os seus principais mercados importadores são a Suiça e a vizinha Venezuela e os seus maiores exportadores são as empresas Cendam S/A - Comercial Exportadora e a Indústria de Laminados e Compensados de Roraima.

O Estado de Roraima, em virtude da precariedade de sua base econômica, tem uma pequena participação na arrecadação de impostos federais e estaduais. A receita arrecadada pela Delegacia Federal de Boa Vista, em 1994, atingiu somente US\$ 18.771.660 e no primeiro semestre de 1995 alcançou US\$ 15.579.778. Com referência ao ICMS foi arrecadado apenas US\$ 24.406.889 em 1994, sendo que no primeiro semestre de 1995 a receita desse imposto subiu para US\$ 18.875.282, quase o dobro da arrecadação no mesmo período do ano de 1994.

SEMENTES FORRAGEIRAS P/SEMAVO	1.00	1.00
SANDUICHES DE BORRACHA PLÁSTICO	0.72	0.72
COMBUSTÍVEIS LÍQUIDOS P/CONSUMO BÔRGO	0.57	0.57
PETROS	0.62	0.62

Fonte: Sistema de Informações Econômicas do SEPLAC, SEPLAC, Rio de Janeiro.

Preços, movimento, taxa real e orientação nôtas do Prof. Serafim Bandeira.



EXPORTAÇÃO PARA O EXTERIOR  
ESTADO DE RORAIMA - JANEIRO/DEZEMBRO 1994  
PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS - VALOR FOB = US\$1,00

PRODUTOS	TONELADAS	VALOR FOB EXP US\$ 1,00	PREÇO MÉDIO EXPORTADO US\$1,00
<b>I - PRODUTO MINERAL</b>		<b>4.839.967</b>	
OUTROS DIAMANTES NÃO INDUSTRIAL	23.731 quilates	2.719.154	114,58 quilates
DIAMANTE NÃO INDUSTRIAL LAPIDADO	3.546 quilates	1.679.242	473,55 quilates
DIAMANTE NÃO INDUSTRIAL EM BRUTO	1.103 quilates	129.845	117,71 quilates
OURO EM BARRAS, FIOS E PERFILEADOS	24.730 grama	311.726	12,60 grama
<b>II - MADEIRA SERRADA/COMPENSADA/LAMINADA</b>	<b>2.839</b>	<b>748.783</b>	
OUTRAS MADEIRAS COMPENSADAS C/FACE MADEIR	1.156	604.176	348,22 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS SERRADAS	964	73.514	76,18 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE CEDRO SERRADA	339	30.990	91,14 m <sup>3</sup>
MADEIRA CEDRORANA SERRADA	251	20.026	79,46 m <sup>3</sup>
MADEIRA APLAINADA	112	11.640	103,00 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE JATOBÁ SERRADA	15	3.150	70,00 m <sup>3</sup>
MÓVEIS DE MADEIRA	2	5.287	50,35 um
<b>III - OUTROS PRODUTOS</b>	<b>54</b>	<b>74.801</b>	
SEMENTES FORRAGEIRAS P/SEMEADURA	24	24.000	1,00 kg
SANDÁLIAS DE BORRACHA/PLÁSTICO		5.602	9,72 par
COMBUSTÍVEIS LUBRIF P/CONSUMO BORDO	26	15.199	0,57 kg
OUTROS	4	30.000	0,69 kg
<b>TOTAL DAS EXPORTAÇÕES - JAN/DEZ 1994</b>	<b>2.893</b>	<b>5.663.551</b>	

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC, SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.



**EXPORTAÇÃO PARA O EXTERIOR**  
**ESTADO DE RORAIMA**  
**PERÍODO: JANEIRO/DEZEMBRO 1994**

MÊS	VALOR FOB EM US\$ 1,00
JANEIRO	47.357
FEVEREIRO	480.654
MARÇO	462.812
ABRIL	286.970
MAIO	134.780
JUNHO	438.937
JULHO	196.409
AGOSTO	51.847
SETEMBRO	734.860
OUTUBRO	1.261.792
NOVEMBRO	146.612
DEZEMBRO	1.390.521
<b>TOTAL</b>	<b>5.633.551</b>

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC, SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.



**MAIORES EXPORTADORES DO ESTADO DE RORAIMA**

PERÍODO: JANEIRO A DEZEMBRO DE 1994

**DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DO ESTADO DE RORAIMA**

PERÍODO: JANEIRO/DEZEMBRO 1994

**OS MAIORES PAÍSES IMPORTADORES**

EXPORTADORES	PAÍSES	VALOR FOB - US\$1,00	QUANTIDADE EXPORTADA EM TON.
1. CEMEX COMERCIAL E INDUSTRIAL LTDA	1. SUIÇA	125.845	4.710.122
2. INDUSOL S.A.	2. VENEZUELA	80.273	767.496
3. EDCOM S.A.	3. BÉLGICA	33.369	129.845
4. ARAGUAIA S.A.	4. ESTADOS UNIDOS	27.460	15.199
5. ODEBRAZ S.A.	5. PARAGUAI	20.340	5.602
6. RARAL S.A.	6. URUGUAI	15.108	5.287
7. RAFAEL DA LUVA EXP. MANUFATURADOS LTDA	<b>TOTAL EXPORTAÇÃO</b>	<b>1.820.771.266</b>	

Fonte: SECEX/DTIC - SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC/SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, mapeamento e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.



ESTADO DO ACRE

O Acre foi incorporado ao território brasileiro pelo Tratado de Petrópolis, assinado em 17 de novembro de 1903, após a Revolução Acreana comandada por Plácido de Castro. Esse espaço passou a constituir o Território Federal do Acre, organizando conforme a Lei nº 1.181 de 25 de fevereiro de 1904 e Decreto nº 5.866 de 7 de abril de 1905.

**MAIORES EXPORTADORES DO ESTADO DE RORAIMA**

**PERÍODO: JANEIRO A DEZEMBRO DE 1994**

EXPORTADORES	VALOR EXPORTAÇÃO FOB EM US\$1,00	QUANTIDADE EXPORTADA EM TON
1. CENDAM S/A - COMERCIAL EXPORTADORA	4.710.122	
2. IND DE LAMINADOS E COMPENSADOS DE RORAIMA	604.176	1.156
3. A B DIAMANTES LTDA	129.845	
4. IMP EXP TREVO LTDA	80.273	724
5. EXP IMP BRASILEIRA LTDA	33.369	485
6. ARAUJO & CIA LTDA	27.450	265
7. OAZIS CONSTRUÇÕES LTDA	20.340	204
8. PETROBRÁS DISTRIBUIDORA S/A	15.199	26
9. RAIO DE LUAR - EXP MANUFATURADOS LTDA	5.602	
10. REMARKET COMÉRCIO EXTERIOR LTDA	5.287	2
11. ILONEIDE P. DA SILVA - M.E.	1.890	27
<b>TOTAL</b>	<b>5.633.553</b>	<b>2.889</b>

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC/SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, tabulação, mapeamento e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.

No final dos anos 60 e 70, a construção dos eixos rodoviários de Belém-Brasília (BR-153) e Manaus-Santarém (BR-163), Cuiabá-Porto Velho-Rio Branco (BR-166), abriu o moderníssimo amazônico à exploração pioneira das fronteiras de ocupação e colonização. Sul do Pará, norte da Mato Grosso e Roraima foram os grandes beneficiários dessa nova abertura das fronteiras agro-pequenas, porém o Acre permaneceu isolado, já que a BR-364 somente há poucos anos, foi asfaltada no trecho de 500 km, de Porto Velho a Rio Branco, permanecendo intransitável a sua continuação até Cruzeiro do Sul, no Alto Juruá. Os dois rios principais - Purus e Juruá - constituiram, no passado, a única saída para a produção acreana e, durante os períodos de várzea, as dificuldades de navegação tornavam o escoamento da produção muito oneroso ou impossível. A população acreana que, ainda hoje, vive no vale do Juruá não tem como transportar a sua produção para os cidades e sítios do vale do rio Purus, e não sur fazendo o longo trajeto de descida do médio-nível rio Juruá até o Solimões, descendo a foz do



O Acre foi incorporado ao território brasileiro pelo Tratado de Petrópolis, assinado em 17 de novembro de 1903, após a Revolução Acreana comandada por Plácido de Castro. Esse espaço passou a constituir o Território Federal do Acre, organizado conforme a Lei nº 1.181 de 25 de fevereiro de 1904 e Decreto nº 5.188 de 7 de abril de 1904.

Estávamos nessa época em plena euforia do ciclo da borracha, cujos altos preços que chegaram a atingir 21 sh, 3 pences (um guinéu inglês) a libra peso no pregão da bolsa de Londres, em 10 de abril de 1910, equivalente ao valor atualizado da libra esterlina para o ano de 1992 de 118,7 esterlinos, ou US\$ 178,00 o kilo da borracha fina. No pico do apogeu do ciclo, no ano de 1910, foram exportados pela Amazônia 38.547 toneladas de borracha silvestre, no valor de 25.254.371 libras esterlinas da época, correspondente a 1.295.296.689 esterlinos de valor corrente de 1992. Não é difícil pois entender por que regiões tão distantes como a cidade de Rio Branco, que se encontra situada a uma distância continental de 2.590 milhas náuticas de Belém (4.796 km) e 1.665 milhas náuticas de Manaus (3.083 km) e Cruzeiro do Sul distante de 3.320 milhas náuticas de Belém (6.148 km) e de Manaus 2.395 milhas náuticas (4.435 km) e todas as áreas longínquas do Alto Purus e do Alto Juruá, pudessem ser exploradas economicamente e atrair grandes contingentes de imigrantes cearenses e nordestinos.

O Acre tornou-se, assim, no símbolo do sucesso de empresa seringalista naquele tempo, que haveria de ruir quando a revolução britânica de heveicultura na Ásia derrubou os preços nas décadas subsequentes até atingir o fundo do poço em 1932, quando a Amazônia exportou apenas 6.224 toneladas no valor de 7.330.665 esterlinos, ou equivalente a uma média de 34,62 esterlinos por tonelada FOB nos portos de Belém e Manaus.

Durante as décadas que se seguiram, o Acre tentou sobreviver através de outros produtos do extrativismo florestal não madeireiro como além da borracha, balata, maçaranduba, ucuquirana, sorva e outros produtos da biota como castanha-do-Pará, cipó-titica, bálsamo de copaíba, andiroba, puxuri, jarina, penas de garça e outros gêneros da indústria extrativa florestal e animal. Quando estes produtos passaram a se tornar inviáveis, quer pela baixa de preços nos mercados internacionais, quer pelo seu anacronismo e obsolescência face aos novos produtos substitutos e concorrentes surgidos em outras áreas ecologicamente similares, a economia acreana - como de resto toda a economia interiorana de base extrativa - desabou, tornando a região extremamente pobre e inviável.

Na década dos anos 60 e 70, a construção dos eixos rodoviários de Belém-Brasília (BR-10), Cuiabá-Santarém (BR-163), Cuiabá-Porto Velho-Rio Branco (BR-364), abriu o mediterrâneo amazônico à exploração pioneira das frentes de ocupação e colonização. Sul do Pará, norte de Mato Grosso e Rondônia foram os grandes beneficiários dessa nova abertura das frentes agro-pecuárias, porém o Acre permaneceu isolado, eis que a BR-364 somente, há poucos anos, foi asfaltada no trecho de 500 km, de Porto Velho a Rio Branco, permanecendo intransitável a sua continuação até Cruzeiro do Sul, no Alto Juruá. Os dois rios principais - Purus e Juruá - constituíam, no passado, a única saída para a produção acreana e, durante os períodos de vazante, as dificuldades de navegação tornavam o escoamento da produção muito oneroso ou impossível. A população acreana que, ainda hoje, vive no vale do Juruá não tem como transportar a sua produção para as cidades e sítios do vale do rio Purus, a não ser fazendo o longo trajeto de descida do meandrício rio Juruá até o Solimões, descendo a foz do



rio Purus e daí subir novamente até Rio Branco e Xapuri em determinadas épocas do ano, quando o rio cheio permite o tráfego fluvial.

A mediterraneidade do Acre - uma espécie de Bolívia brasileira encravada no extremo do sudoeste amazônico - e as grandes distâncias que o separam dos portos de exportação e dos mercados consumidores dos seus produtos tornam difíceis o escoamento de sua produção nesses tempos de integração e competitividade, quando o mercado nacional se abre para o intercâmbio com o exterior. Por isso, é urgente retomar o projeto de saída para o Pacífico através do prolongamento da estrada BR-317, que saindo de Rio Branco passa por Xapuri, Brasiléia e Assis Brasil até alcançar Inapari no Peru e daí, aproveitando a precária estrada já existente, subir os Andes até Cuzco e depois descê-lo, até encontrar as cidades e portos gêmeos de Ilo e Matarani. O outro projeto, mais ousado mas que viabilizaria todo o território acreano, seria prosseguir com a BR-364 até Cruzeiro do Sul e daí alcançar a fronteira peruana para chegar a Pucalpa-Lima e Callao na costa do Pacífico, aproveitando a *carretera central* já existente, que liga a Amazônia Peruana ao litoral marítimo.

Enquanto não chega esse novo tempo de quebra do isolamento do Acre, o Estado tenta sobreviver com a ajuda do Governo Federal, enquanto espera que as frentes pioneiras agrícolas de Mato Grosso e Rondônia alcancem o Acre e iniciem o processo de colonização e introduzam mais dinamismo e diversificação em sua economia. Essa frente encontra resistência por parte das organizações não governamentais e dos grupos de ecologistas, que advogam a manutenção e integridade do maciço florestal acreano, aceitando apenas o modelo das reservas extrativistas para a sobrevivência dos povos da floresta.

As terras acreanas consideradas de melhor aptidão agrícola estão, ainda, sendo modestamente exploradas. O último Censo Agropecuário de 1985 revelou que existiam apenas 326.400 hectares plantados, sendo 17.054 ha de culturas permanentes, 51.665 ha de lavouras temporárias e 257.681 ha de pastagens. Esta situação deve ter sido alterada, pois os números revelam que o Acre produziu 284.240 ton de gêneros agrícolas em 1980 e 550.947 ton em 1992, indicando assim maior intensidade no uso da terra. O rebanho bovino cresceu também exponencialmente, passando de 72.000 em 1970 para 404.434 cabeças em 1991, o que já indica melhora no sistema de abastecimento de carne e leite.

A centralidade do Estado acreano faz com que grande parte de sua produção seja escoada através de Porto Velho, pela atual BR-364 ou através de exportadores de Belém e Manaus. Por isso, as estatísticas de exportação direta mostram modestos valores nominais. No balanço desse intercâmbio com o exterior, o Acre comparece vendendo apenas US\$ 4.146.391 no ano de 1994. Desse total, US\$ 3.963.533 referem-se à venda de madeira serrada, destacando-se as espécies de aguano e cedro exportadas ao preço médio de US\$ 603 e US\$ 372 o metro cúbico, respectivamente. Em seguida vem os produtos florestais do extrativismo não madeireiro com um único item: castanha-do-Pará desidratada com casca e descascada. Tratando-se do maior produtor de castanha-do-Pará da Amazônia, o resto de sua produção é vendida aos exportadores de Manaus e Belém, passando a figurar, assim, na pauta de exportação do Amazonas e Pará. Justifica-se, assim, a recente lei que criou as áreas de livre comércio de Brasiléia-Epitaciolândia e Cruzeiro do Sul, como tentativa para intensificar o intercâmbio comercial na fronteira e atrair indústrias de processamento de matéria prima regional.

O Estado do Acre, considerando a fragilidade e a pequena grandeza de sua vulnerável economia, tem pouca participação na arrecadação dos tributos federais e estaduais. A receita federal arrecadada pela Delegacia de Rio Branco, em 1994, atingiu somente US\$ 31.846.617, equivalente a 2,76% do total



arrecadado na 2ª Região Fiscal amazônica, que produziu, nesse ano, uma receita global de US\$ 1.155.987.926. No atual exercício de 1995, no período de Janeiro a Junho, a receita dos tributos e contribuições federais alcançou US\$ 24.250.000, comparados com US\$ 12.513.976 do mesmo período de 1994.

Com referência ao ICMS do Estado, o Acre arrecadou durante o exercício de 1994, somente US\$ 22.435.151, com uma média mensal de US\$ 1.869.595. No exercício de 1995, nos primeiros seis meses, a arrecadação importou em US\$ 19.724.098, com média mensal de US\$ 3.287.349, mais do que o dobro da receita desse tributo no ano precedente.

Considerando as carências e necessidades do Estado e de sua população, a economia acreana não tem podido, devido aos fatores adversos acima analisados, produzir receitas públicas para atender as demandas sociais de sua população.

#### PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS - VALOR FOB = US\$ 1.000,00

PRODUTOS	VALOR FOB TONELADAS EXP US\$ 1.000,00	PREÇO MÉDIO EXPORTADO US\$ 1.000,00	VALOR FOB TONELADAS EXP US\$ 1.000,00	PREÇO MÉDIO EXPORTADO US\$ 1.000,00
			VALOR FOB TONELADAS EXP US\$ 1.000,00	VALOR FOB TONELADAS EXP US\$ 1.000,00
MADEIRA AGUANO/MOCNO SERRADA LONGIT	1.480	3.398.229	603.48	m³
MADEIRA DE CEDRO SERRADA LONGIT	1.058	595.309	572.64	m³
CASTANHA-DO-PARA (DO BRASIL) DESIDRATADA	1.561	125.901	8.33	kg
CASTANHA-DO-PARA (DO BRASIL) SECA SEM CASCA	1.141	13.514	11.20	kg
PILAS PREPARADAS	4	30.071	7.52	kg
ALÉS PITENSAO > 30 VOLTS		2.470	822.30	amp

Fonte: Secretaria do Comércio, Edital SEC/CECOP/IC, SERPHO, Rio de Janeiro.

Adaptação: Projetos Sociais. Tudo o que está circundado é exclusivamente feito pelo Prof. Samuel Benchimau.



DESTINO DAS EXPORTAÇÕES - ESTADO DO ACRE

EXPORTAÇÃO PARA O EXTERIOR

ESTADO DO ACRE - JANEIRO/DEZEMBRO 1994

PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS - VALOR FOB = US\$1,00

PRODUTOS	TONELADAS	VALOR FOB EXP US\$ 1,00	PREÇO MÉDIO EXPORTADO US\$1,00
<b>I - MADEIRA SERRADA/COMPENSADA/LAMINADA</b>	<b>5.542</b>	<b>3.863.535</b>	
MADEIRA AGUANO/MOGNO SERRADA LONGIT	4.486	3.398.226	603,48 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE CEDRO SERRADA LONGIT	1.056	565.309	372,64 m <sup>3</sup>
<b>II - PRODUTOS FLORESTAIS DO EXTRATIVISMO</b>	<b>165</b>	<b>144.415</b>	
CASTANHA-DO-PARÁ (DO BRASIL) DESIDRATADA	151	125.901	0,83 kg
CASTANHA-DO-PARÁ (DO BRASIL) SECA SEM CASCA	14	18.514	1,26 kg
<b>III - OUTROS PRODUTOS</b>	<b>4</b>	<b>38.441</b>	
COLAS PREPARADAS	4	35.971	8,37 kg
RELÉS P/TENSÃO > 60 VOLTS		2.470	823,33 um
<b>TOTAL DAS EXPORTAÇÕES - JAN/DEZ 1994</b>	<b>5.711</b>	<b>4.146.381</b>	

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC, SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.



EXPORTAÇÃO PARA O EXTERIOR

ESTADO DO ACRE

PERÍODO: JANEIRO/DEZEMBRO 1994

DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DO ESTADO DO ACRE

PERÍODO: JANEIRO/DEZEMBRO 1994

OS MAIORES PAÍSES IMPORTADORES

PAÍSES	VALOR FOB - US\$ 1,00
1. ESTADOS UNIDOS	2.521.942
2. REINO UNIDO (GRÂ-BRETANHA)	554.144
3. MÉXICO	394.669
4. PORTO RICO (USA)	347.143
5. AUSTRÁLIA	111.151
6. REPÚBLICA DOMINICANA	94.899
7. CHILE	35.971
8. ITÁLIA	35.926
9. IRLANDA	31.616
10. BÉLGICA	13.000
11. NOVA ZELÂNDIA	3.460
12. PERÚ	2.470
<b>TOTAL EXPORTAÇÃO</b>	<b>4.146.391</b>

Fonte: SECEX/DTIC - SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC - SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.



**ESTADO DE RONDÔNIA**

O atual Estado de Rondônia foi criado em 1943, durante o governo do Presidente Getúlio Vargas.

Terrenos de Rio Branco e Guaporé foram desmembrados

pela Constituição de 1945.

**EXPORTAÇÃO PARA O EXTERIOR**

**ESTADO DO ACRE**

**PERÍODO: JANEIRO/DEZEMBRO 1994**

A criação do Estado de Rondônia em novas unidades políticas do país em 1943 marcou o final da era das fronteiras abertas, quando o território brasileiro era dividido entre os Estados e os Territórios, e o surgimento de novas unidades administrativas, como o Mato Grosso, o Amazonas, o Pará, o Acre, o Amapá e o Roraima.

A criação do Estado de Rondônia, dividindo o território da Federação, foi resultado de uma política de reorganização territorial que, na região norte, era impulsionada por Estados de grandeza continental como o Amazonas, Pará, Acre, Amapá e Roraima.

A criação do Estado de Rondônia em novas unidades políticas do país em 1943 marcou o final da era das fronteiras abertas, quando o território brasileiro era dividido entre os Estados e os Territórios, e o surgimento de novas unidades administrativas, como o Mato Grosso, o Amazonas, o Pará, o Acre, o Amapá e o Roraima.

<b>MÊS</b>	<b>VALOR FOB EM US\$ 1,00</b>
JANEIRO	246.709
FEVEREIRO	117.728
MARÇO	178.945
ABRIL	11.211
MAIO	341.314
JUNHO	32.540
JULHO	453.561
AGOSTO	408.176
SETEMBRO	640.790
OUTUBRO	443.067
NOVEMBRO	941.830
DEZEMBRO	330.520
<b>TOTAL</b>	<b>4.146.391</b>

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC, SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.



## ESTADO DE RONDÔNIA

O atual Estado de Rondônia foi criado pelo Dec-lei nº 5.812, de 13 de setembro de 1943, durante o governo do Presidente Getulio Vargas, como Território Federal de Guaporé, juntamente com os Territórios de Rio Branco (atual Roraima), Amapá, Ponta Porã e Iguaçu (estes dois últimos extintos pela Constituição de 1946). Em 1956, o Território de Guaporé passou a denominar-se Rondônia, em homenagem ao Marechal Rondon, que foi o grande pacificador dos grupos indígenas e construtor da linha telegráfica de Mato Grosso, que ajudou a integrar o sudoeste amazônico ao restante do país no campo das telecomunicações. A lei complementar nº 41, de 22 de dezembro de 1981, elevou o Território à categoria de Estado de Rondônia, completando assim o ciclo de sua evolução política dentro da Federação Brasileira.

A criação desses Territórios em novas unidades políticas do país em 1942 marcou o início do processo de reorganização do espaço político brasileiro que, na região norte e centro-oeste, por fatores históricos, estava marcado por Estados de grandeza continental como o Amazonas, Pará, Mato Grosso e Goiás. O desdobramento desses Estados, já ocorrido em parte, em novas unidades federativas, é uma necessidade que, mais tarde ou mais cedo, deve ocorrer com a redivisão territorial da Amazônia, como um passo no sentido de tornar o espaço regional mais governável e administrável.

O Estado de Rondônia é um exemplo de que esta política de reorganização do espaço político amazônico, iniciada por Getulio Vargas, foi uma medida política e economicamente correta pois favoreceu o surgimento de novas atividades econômicas além de contribuir para aumentar o poder político da região com maior representatividade nas duas casas do Congresso Nacional. A viabilidade econômica e social do antigo Território de Guaporé, hoje Estado de Rondônia deve-se, em grande parte, à construção, na década dos anos 60 e 70, da rodovia federal BR-364, ligando o centro-sul a Cuiabá e Porto Velho e prosseguindo para Rio Branco, até chegar a Cruzeiro do Sul no Acre. O asfaltamento dessa estrada, no seu trecho de Cuiabá até Porto Velho e Rio Branco, veio complementar o investimento básico no setor de transporte, pois Rondônia passou a depender dessa estrada para o seu intercâmbio comercial e social com o sul do país. Daí a importância de manter e conservar essa rodovia em condições de trafegabilidade o ano inteiro, pois a sua deterioração implicaria no colapso da atividade econômica do sudoeste amazônico (Rondônia e Acre), onde já vivem hoje cerca de 1,894 milhão de habitantes, dos quais 1,339 milhão em Rondônia e 455,2 mil no Acre, segundo as estimativas do IBGE.

Após a construção da BR-364 foi possível iniciar a colonização do Estado, com um natural desdobramento da fronteira humana e econômica do Brasil Central. Deste modo, grandes contingentes humanos provenientes de Mato Grosso, Goiás, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, além das tradicionais correntes migratórias do Nordeste, vieram a se estabelecer no novo Estado de Rondônia, dando início à colonização agrícola e abertura de novas atividades rurais com as suas lavouras temporárias, permanentes e campos de pastagens. Essa corrida à Rondônia foi incentivada pela mecanização agrícola do centro-sul e pela extinção do colonato do café, substituídas pelo cultivo da soja e outras lavouras mecanizadas, que fizeram surgir o movimento dos bôias-frias e grande massa de camponeses e pequenos proprietários agrícolas, que viram em Rondônia, uma oportunidade para melhorar o seu padrão de vida e construir um novo lar. Os números da evolução demográfica do Estado atestam o intenso movimento ocorrido nestas últimas décadas. Rondônia que, em 1960, tinha



uma população de 111.064 habitantes, passou para 491.069 pessoas no censo de 1980 e 1.130.874 no recenseamento de 1991, estimando-se que a sua população venha a atingir 2 milhões no ano 2000.

É verdade que a ação antrópica no início do rush colonizador, nas décadas dos anos setenta, provocou danos ambientais com a alteração da cobertura vegetal, mediante os desmatamentos e queimadas, mas devemos entender que o colono precisa abrir espaço na floresta para a instalação de sua atividade agrícola e pastoril. Essa modificação do meio ambiente, em parte foi mitigada pela nova política de desenvolvimento sustentado do zoneamento econômico-ecológico que Rondônia está implantando no Estado, com a ajuda do governo federal, entidades financeiras internacionais e não governamentais.

Os últimos dados disponíveis para 1985 nos informam que as atividades agrícola e pastoril implantaram-se em Rondônia 215.465 hectares de cultivo permanente, 315.079 ha de lavoura temporária e 879.304 ha de pastagens, perfazendo um total de 1.409.848 ha de estabelecimentos no setor primário. Estes dados demonstram que Rondônia está se tornando um grande celeiro produtor de grãos para toda a Amazônia, inclusive soja, cuja introdução nos últimos anos bem atesta a vocação agrícola e aptidão de uma boa parte de seu território. Em termos de área plantada, Rondônia já é o segundo maior Estado agro-pastoril da Amazônia Clássica, vindo logo após o Estado do Pará.

Os dados de 1992 nos informam a seguinte produção agrícola:

Arroz	191.055 ton
Café em côco	137.227 ton
Cacau em amêndoas	20.468 ton
Feijão	67.993 ton
Mandioca	496.784 ton
Milho em grão	265.672 ton
<b>Total</b>	<b>1.179.199 ton</b>

Esta produção agrícola de 1992, de 1,18 milhão de toneladas se compara com 640,30 mil ton de 1980, o que atesta que o Estado vem obtendo expansão e diversificação agrícola e aumento de produtividade, a despeito de alguns percalços como a vassoura-da-bruxa nos seus cacaueiros, que também já afetou as plantações da Bahia.

Em termos de pecuária, o registro dos efetivos bovinos nos informa que, em 1970, o Estado tinha um rebanho de apenas 23.000 cabeças, que passaram para 254.000 em 1980 e 2.846.872 cabeças em 1991, dos quais 20.469 bubalinos e 2.826.403 bovinos. Esta expansão da pecuária de Rondônia nos leva à conclusão de que o aumento do efetivo do rebanho foi decorrente da maior aptidão dessa atividade na região, conjugada com a ocupação das terras degradadas resultantes do fracasso de outras atividades agrícolas, melhora da genética do rebanho, maior produtividade das novas forrageiras implantadas e novas técnicas de manejamento e combate às zoonoses. Esta expansão considerável se fez sem que houvesse ocorrido incorporação de novas terras provenientes de desmatamento, pois este têm decrescido em toda a região amazônica nesta década.

Não é apenas no campo da agro-pecuária que Rondônia se sobressai no conjunto da Amazônia Legal. No setor mineral, destaca-se a exploração da cassiterita desde a década dos anos 60, quando foram descobertas importantes jazidas estaníferas em Massangana, Igarapé Preto, São Francisco, Candeias, Jacundá e, mais recentemente, em Bom Futuro, onde foi localizada a maior mina de cassiterita do



país, superior em quantidade às minas localizadas no rio Pitinga, na BR-174, perto de Manaus. Esta atividade minerária, bem como a exploração do ouro aluvionar no rio Madeira, que tantos problemas ambientais têm causados em função do uso do mercúrio, praticamente não figuram nas estatísticas de exportação, pois a cassiterita é vendida em bruto para ser fundida em lingotes em São Paulo, passando a figurar no Balanço do Comércio deste Estado, e o ouro se esvai através do descaminho e da economia informal. Com os atuais preços de US\$ 6.500 a tonelada no mercado internacional, a produção rondoniense que deve se aproximar de 5.000 ton/ano deve proporcionar um valor de cerca de US\$ 30 milhões/ano, de exportação solidária que precisa ser adicionada aos valores formais das estatísticas da exportação de Rondônia.

Este intercâmbio externo, em 1994, atingiu a US\$ 36.526.918, com a seguinte composição por produto:

Madeiras serradas/compensadas/laminadas	19.274.971
Produtos agrícolas	16.470.505
Produtos do extrativismo florestal não madeireiro	73.762
Outros produtos	707.680
<b>Total US\$ 36.526.918</b>	

Rondônia tornou-se um importante centro de produção madeireira e centenas de serrarias foram instaladas ao longo do eixo rodoviário da BR-364 e na cidade de Vilhena, na extrema com Mato Grosso, tornando-se um grande centro de beneficiamento. Grande parte da produção florestal de madeiras é remetida, por via rodoviária, para compradores e moveleiras do centro-sul, que passaram a utilizar a madeira das espécies amazônicas provenientes de Belém e Rondônia, graças às facilidades de escoamento pelas rodovias Belém-Brasília e Cuiabá-Porto Velho.

Apenas uma pequena parte é exportada diretamente para o exterior, sendo que dentre as espécies mais procuradas são o cedro, aguano, ipê, tatajuba, cerejeira, jatobá, freijó, angelim e imbuia.

Quanto aos produtos agrícolas, o café torrado em grão aparece como o primeiro da lista, com uma exportação de US\$ 16.419.827, seguido de um pequeno embarque de farelo de soja, que deverá crescer nos próximos exercícios dado a grande expansão da sojicultura ocorrida nos últimos anos em Rondônia e especialmente em Mato Grosso.

Os produtos florestais do extrativismo não madeireiro que, no passado, eram os mais importantes produtos de produção como a borracha, castanha e outros gêneros, tiveram uma participação bem pequena, com uma exportação de US\$ 46.000 de bálsamo de copaíba e US\$ 27.622 de palmito.

A exportação de Rondônia ainda não reflete a potencialidade do seu setor agrícola, pecuário e mineral, pois as dificuldades portuárias e de transporte, via fluvial, do rio Madeira não induzem a busca dos mercados do exterior, fazendo com que grande parte de sua produção de café e cacau seja exportada via Santos e Paranaguá, o mesmo acontecendo com a sua exploração mineral.

Devido o seu grande potencial agro-pastoril e mineral, Rondônia tem boas perspectivas de crescimento, pois o nível de sua população, proveniente de regiões mais avançadas do centro-sul, tem um maior índice de escolaridade, conhecimento e experiência do que a população nativa, daí o grande número de empresas e estabelecimentos econômicos existentes, tanto no meio rural como no meio urbano. Recentemente foi implantada, com o propósito de melhorar o intercâmbio comercial e industrial na



**ESTADO DE RONDÔNIA - JANEIRO/DEZEMBRO 1994**  
**PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS - VALOR FOB - US\$ 1.000**

fronteira, a área livre de comércio em Guajará Mirim, que se espera venha a funcionar como ponto de atração turística e intercâmbio, bem como de incentivo e implantação de projetos industriais de aproveitamento das matérias primas regionais no vale do Guaporé.

A economia do Estado continua, no entanto, aguardando a retomada dos investimentos de infraestrutura na área do setor energético, concluindo as obras da Hidrelétrica de Samuel, no rio Jamari, e as linhas de transmissão para regularizar o abastecimento de eletricidade às cidades do eixo da BR-364. A boa manutenção e recuperação de muitos trechos dessa rodovia é vital para a economia do Estado.

Dada a pujança das atividades econômicas, o Estado de Rondônia conseguiu se situar no terceiro lugar do ranking da arrecadação federal na 2ª Região Fiscal. No ano passado de 1994, o Estado contribuiu com US\$ 109.756.058, logo depois do Amazonas (US\$ 594.604.787) e Pará (US\$ 329.350.400), figurando assim com uma participação de 9,49% da arrecadação da 2ª Região Fiscal. No corrente ano de 1995, no primeiro semestre, Rondônia já arrecadou a soma de US\$ 81.788.893, comparados com US\$ 36.101.379 do mesmo período de 1994, mais que dobrando a sua arrecadação.

Com referência a receita estadual do ICMS, Rondônia arrecadou durante todo o exercício de 1994 a importância de US\$ 154.704.543, o que dá uma média mensal de US\$ 12.892.045. Neste ano de 1995, nos primeiros seis meses, a receita do ICMS atingiu US\$ 90.115.448, com uma média mensal de US\$ 15.019.241, comparados com uma arrecadação de US\$ 43.853.950, de Janeiro a Junho de 1994, equivalente a uma média mensal de US\$ 7.308.991, pelo que se confirma que o Estado de Rondônia mais que dobrou a sua receita do ICMS, no atual exercício de 1995 em relação a 1994.

PRODUTO	VALOR FOB - US\$ 1.000	PRODUTO	VALOR FOB - US\$ 1.000
MADEIRA SERRADA EM PÓLTICO PREPARADO	1.000	OUTRAS MADEIRAS	3.515
OUTRAS MADEIRAS COMPENSADAS	4.000	MADEIRA CANAFISTOLA SERRADA LONGA	0.940
MADEIRA DE CEDRO SERRADA LONGA	27	MADEIRA DE CEDRO SERRADA LONGA	1.120
OUTRAS MADEIRAS POLHEADAS	1.000	OUTRAS MADEIRAS SERRADAS	1.172
MADEIRAS OUTRAS CONFERAS SERRADAS	1.000	OUTRAS MADEIRAS	1.187
OUTRAS MADEIRAS APLANADAS	1.000	PRODUTO DE ALIMENTAÇÃO	1.250
PRODUTO DE ALIMENTAÇÃO	1.000	CAFE NÃO TORRADO EM GRAO	1.271
CAFÉ NÃO TORRADO	1.000	FAFETO DE EXTRACAO DE ÓLEO DE SOJA	1.300
OUTRAS FRUTAS EM PÓ, PA, CONSERVADAS	1.000	OUTRAS FRUTAS	1.300
PRODUTOS FLORAIS E FLORESTAIS VIVOS	1.000	PRODUTO DE ALIMENTAÇÃO	1.300
BALMÃO DE COPAÍBA	1.000	CAFE NÃO TORRADO	1.300
PALMITO PREPARADO/CONSERVADO	1.000	CAFÉ NÃO TORRADO	1.300
OUTRAS FRUTAS DURAS	1.000	CAFE NÃO TORRADO	1.300
CASCAS DE ESSÊNCIA CONCRETO	1.000	CAFÉ NÃO TORRADO	1.300
CIMENTO PORTLAND COMUM	1.000	CAFÉ NÃO TORRADO	1.300
VELAS DE PARAFINA	1.000	CAFÉ NÃO TORRADO	1.300
CONSTRUÇÃO PRÉ-FABRICADA	1.000	CAFÉ NÃO TORRADO	1.300
ENCIETAR SEM MOTOR	1.000	CAFÉ NÃO TORRADO	1.300
TELHA DE CERÂMICA	1.000	CAFÉ NÃO TORRADO	1.300
CALHAS/CUMBERA FIBROCIMENTO	1.000	CAFÉ NÃO TORRADO	1.300
PASTELAS DE CERÂMICA	1.000	CAFÉ NÃO TORRADO	1.300
UREIA COM TEOR SUPERIOR A 45% NITROGÉNIO	1.000	CAFÉ NÃO TORRADO	1.300
TANQUE RESERVATÓRIO FIBROCIMENTO	1.000	CAFÉ NÃO TORRADO	1.300
JUNTAS/IGLAETAS DE BORRACHA VULCANIZADA	1.000	CAFÉ NÃO TORRADO	1.300
OUTROS	1.000	CAFÉ NÃO TORRADO	1.300



**EXPORTAÇÃO PARA O EXTERIOR**  
**ESTADO DE RONDÔNIA - JANEIRO/DEZEMBRO 1994**  
**PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS - VALOR FOB = US\$1,00**

PRODUTOS	TONELADAS	VALOR FOB EXP US\$ 1,00	PREÇO MÉDIO EXPORTADO US\$1,00
<b>I - MADEIRA SERRADA/COMPENSADA/LAMINADA</b>	<b>36.767</b>	<b>19.274.971</b>	
MADEIRA COMPENSADA C/FACE DE MADEIRA	12.653	8.306.384	341,58 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE CEDRO SERRADA LONGIT.	4.343	2.562.152	69,57 m <sup>3</sup>
MADEIRA AGUANO/MOGNO SERRADA	2.580	1.854.787	543,92 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS TROPICAL FOLHA P/COMPENSA	3.345	1.552.958	196,17 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS SERRADA LONGIT.	2.113	952.015	289,19 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS COMPENSADAS	1.703	924.575	304,43 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS SERRADA LONGIT. EM FOLHAS	2.414	872.561	203,06 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE IPÊ SERRADA LONGIT.	2.331	439.951	197,81 m <sup>3</sup>
MADEIRA DENSIFICADA EM PRANCHAS	831	333.374	0,40 kg
MADEIRA DE TATAJUBA SERRADA LONGIT.	820	282.657	317,94 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE CEREJEIRA SERRADA LONGIT.	770	244.177	229,05 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE JATOBÁ SERRADA LONGIT.	709	216.036	309,06 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS FOLHEADAS	903	185.258	155,80 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE FREIJÓ SERRADA LONGIT.	245	114.046	309,06 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS NÃO CONÍFERAS PERFILEDAS	119	92.560	130,18 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE CEDRORANA SERRADA LONGIT.	198	58.163	266,80 m <sup>3</sup>
JANELAS E RESPECTIVOS CAIXILHOS E ALIZARES	116	47.226	0,40 kg
OUTRAS MADEIRAS CONÍFERAS PERFILEDAS	172	43.314	325,66 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS EM FOLHAS P/COMPENSADO	71	33.986	0,20 m <sup>3</sup>
MADEIRA AGUANO/MOGNO SERRADA LONGIT.	15	23.746	913,30 m <sup>3</sup>
MADEIRA NÃO CONÍFERA EM TACOS E FRISOS	36	19.560	0,59 m <sup>3</sup>
MADEIRA PAM-MARFIM SERRADA LONGIT.	42	19.525	390,50 m <sup>3</sup>
MADEIRA DARK/LIGHT/RED SERRADA	44	18.666	339,38 m <sup>3</sup>
MADEIRA CEREJEIRA SERRADA LONGIT.	9	14.091	828,88 m <sup>3</sup>
MADEIRA ANGELIM VERMELHO SERRADA LONGIT	60	12.889	222,22 m <sup>3</sup>
MADEIRA OUTRAS CONÍFERAS EM FOLHAS P/COMP	27	12.770	240,94 m <sup>3</sup>
MADEIRA CEDRORANA SERRADA LONGIT	18	8.938	343,76 m <sup>3</sup>
OUTRAS OBRAS DE MARCENARIA/CARPINTARIA	22	7.567	0,34 kg
MADEIRA IMBUIA SERRADA LONGIT	10	4.500	450,00 m <sup>3</sup>
MADEIRA CEREJEIRA EM FOLHAS P/COMPENSADO	1	4.065	1,19 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS COMPENSADAS	4	3.515	390,55 m <sup>3</sup>
MADEIRA CANAFISTULA SERRADA LONGIT	27	2.640	120,00 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE CEDRO SERRADA LONGIT	1	2.243	1.121,50 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS FOLHEADAS	3	2.157	359,50 m <sup>3</sup>
MADEIRAS OUTRAS CONÍFERAS SERRADAS	11	1.809	180,90 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS APLAINADAS	1	110	110,00 m <sup>3</sup>
<b>II - PRODUTOS AGRÍCOLAS</b>	<b>6.905</b>	<b>16.470.505</b>	
CAFÉ NÃO TORRADO EM GRÃO	6.704	16.419.827	2,44 kg
FARELO DE EXTRAÇÃO DE ÓLEO DE SOJA	200	46.000	230,00 ton
OUTRAS FRUTAS EM POLPA CONSERV	1	4.678	4,67 kg
<b>III - PRODUTOS FLORESTAIS DO EXTRATIVISMO</b>	<b>22</b>	<b>73.762</b>	
BÁLSAMO DE COPAÍBA	11	46.000	4,09 kg
PALMITO PREPARADO/CONSERVADO	11	27.762	2,34 kg
<b>IV - OUTROS PRODUTOS</b>	<b>7.060</b>	<b>707.680</b>	
CASCALHO/PEDRA P/CONCRETO	5.247	310.960	80,00 ton
CIMENTO PORTLAND COMUM	1.156	130.276	189,35 ton
VELAS DE PARAFINA	37	78.909	2,10 kg
CONSTRUÇÃO PRÉ-FABRICADA	176	76.733	8.525,88 um
BICICLETAS SEM MOTOR	18	63.450	30,10 um
TELHA DE CERÂMICA	267	18.946	0,07 kg
CALHAS/CUMIEIRA FIBROCIMENTO	85	16.307	0,18 kg
PASTILHAS DE CERÂMICA	26	6.000	3,00 m <sup>2</sup>
URÉIA COM TEOR SUPERIOR A 45% NITROGÊNIO	30	5.886	196,20 ton
TANQUE RESERVATÓRIO FIBROCIMENTO		80	1,33 kg
JUNTAS/GAXETAS DE BORRACHA VULCANIZADA		44	4,88 kg
OUTROS	6.919	679.363	
<b>TOTAL DAS EXPORTAÇÕES - JAN/DEZ 1994</b>	<b>50.754</b>	<b>36.526.918</b>	

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC - SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.



**DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DO ESTADO DE RONDÔNIA**

PERÍODO: JANEIRO/DEZEMBRO 1994

OS MAiores PAISES IMPORTADORES

PAISES	VALOR FOB - US\$ 1,00
1. ESTADOS UNIDOS	18.571.963
2. REINO UNIDO	5.473.258
3. ITALIA	1.931.094
4. URUGUAI	1.754.808
5. BRÉSIL	1.521.948
6. ISRAEL	1.041.207
7. ALEMANHA	1.007.544
8. JAPÃO	857.727

**EXPORTAÇÃO PARA O EXTERIOR**  
**ESTADO DE RONDÔNIA**

PERÍODO: JANEIRO/DEZEMBRO 1994

MÊS	VALOR FOB EM US\$ 1,00
JANEIRO	2.048.394
FEVEREIRO	1.644.624
MARÇO	2.099.010
ABRIL	1.182.702
MAIO	2.496.244
JUNHO	3.922.444
JULHO	4.138.759
AGOSTO	4.862.563
SETEMBRO	3.504.095
OUTUBRO	3.464.188
NOVEMBRO	4.979.991
DEZEMBRO	2.183.904
<b>TOTAL</b>	<b>36.526.918</b>

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC, SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.



## DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DO ESTADO DE RONDÔNIA

PERÍODO: JANEIRO/DEZEMBRO 1994

OS MAIORES PAÍSES IMPORTADORES

PAÍSES	VALOR FOB - US\$ 1,00
1. ESTADOS UNIDOS	16.671.963
2. REINO UNIDO (GRÂ-BRETANHA)	5.473.259
3. ITÁLIA	1.931.994
4. URUGUAI	1.754.808
5. BÉLGICA	1.521.949
6. ISRAEL	1.041.207
7. CANADÁ	1.007.894
8. ALEMANHA	957.230
9. PORTO RICO (USA)	793.870
10. ARGENTINA	771.107
11. BOLÍVIA	624.928
12. ESPANHA	607.944
13. IRLANDA	419.142
14. JAPÃO	373.695
15. GRÉCIA	292.602
16. VENEZUELA	273.402
17. SÍRIA	262.251
18. REPÚBLICA DA CORÉIA	189.818
19. AUSTRÁLIA	163.174
20. NORUEGA	134.725
21. LÍBANO	116.900
22. FINLÂNDIA	112.771
23. HOLANDA	107.451
24. DINAMARCA	92.227
25. PORTUGAL	82.302
26. TAIWAN (FORMOSA)	80.175
27. ÁFRICA DO SUL	72.273
28. SUÉCIA	69.176
29. MÉXICO	62.092
30. FRANÇA	59.415
31. GAMBIA	58.387
32. SUIÇA	53.294
33. REPÚBLICA DOMINICANA	46.028
34. PERU	46.000
35. EGITO	42.450
36. MARTINICA	32.207
37. HONG-KONG	28.498
38. PARAGUAI	27.762
39. REPÚBLICA DOMINICANA	25.050
40. MARROCOS	18.666
41. MALTA	12.437
42. MAURÍCIO	8.938
43. LIBÉRIA	4.413
44. EQUADOR	44
45. OUTROS	1.000
<b>TOTAL EXPORTAÇÃO</b>	<b>36.526.918</b>

Fonte: SECEX/DTIC - SERPRO, Rio de Janeiro

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.



**MAIORES EXPORTADORES DO ESTADO DE RONDÔNIA**  
**PERÍODO: JANEIRO A DEZEMBRO DE 1994**

EXPORTADORES	VALOR EXPORTAÇÃO FOB EM US\$1,00	QUANTIDADE EXPORTADA EM TON
1. BRAMAZÔNIA - BRASIL AMAZÔNIA IMP EXP	8.958.446	3.680
2. ESTEVE IRMÃOS COM IND S/A	7.158.223	2.880
3. LAMMY INDUSTRIAL MADEIREIRA AMAZÔNIA	4.224.844	6.267
4. INDÚSTRIA TRIÂNGULO DE RONDÔNIA LTDA	1.515.028	2.650
5. MABRESA - EXP DE MADEIRAS NOBRAS LTDA	1.348.404	2.123
6. C.A. SCHUMANN & CIA LTDA	1.180.018	1.588
7. NAKAMEX - COM EXP DE MADEIRAS LTDA	1.133.224	1.767
8. MADEIREIRA URUPÁ LTDA	1.120.459	2.197
9. BAPU - BRASIL COM EXP LTDA	1.035.717	2.026
10. COMETA INDUSTRIAL DE MADEIRAS LTDA	908.809	1.677
11. IMARIBO TRADING S/A	786.108	1.170
12. ITAUBA COM EXP DE MANUFATURADOS	759.314	1.093
13. FERNANDO ORIBE DE MELLO BUSTAMANTE	709.146	3.453
14. SOL MADEIRAS DA AMAZÔNIA LTDA	605.026	1.697
15. FORESTRY MADEIRAS LTDA	596.810	794
16. LAMINADORA NICOMAR LTDA	582.159	1.357
17. PEDREIRA E EXTRAÇÃO FORTALEZA LTDA	310.960	5.247
18. COIMBRA CENTRO-OESTE IND E COM S/A	303.158	144
19. SINTER EXP IMP LTDA	297.854	941
20. EXPORTADORA IMP BRASILEIRA LTDA	273.402	1.352
21. DAIWA MOGNO COM DE MADEIRAS LTDA	252.194	247
22. MARODIN S/A EXPORTAÇÃO	197.432	368
23. MADEIREIRA ABIXI LTDA	195.926	357
24. 3 M COMÉRCIO IMP EXP LTDA	146.183	1.240
25. COM EXP IMP MONTES CANTRÁBICOS LTDA	131.596	186
26. BAMEX IND COM DE MADEIRAS LTDA	121.087	179
27. IMARIBO INDÚSTRIA DE MÓVEIS LTDA	108.951	159
28. APUI COM INTERNACIONAL DE MADEIREIRAS	103.958	256
29. ABRELINO ZILIO GUARNIERI	99.975	402
30. EXIMAR MADEIRAS COM EXTERIOR LTDA	94.825	118
31. FRIGOCONSULTORIA ENGENHARIA INT'L LTDA	89.423	250
32. INDÚSTRIA DE MADEIRAS TABOCA LTDA	89.059	195
33. MADEX COM EXP DE MADEIRAS	88.961	177
34. INDÚSTRIA NASSAR COM IMP EXP LTDA	82.711	359
35. CANOS IND COM REP EXP IMP LTDA	78.909	37
36. ASAA NORTE IND MADEIREIRA LTDA	69.981	178
37. L.A. DE SOUZA COM REP IMP EXP	63.450	18
38. REUTTMAN & FILHOS LTDA	61.033	124
39. CANADIAN EXPORT IMP EXP LTDA	58.097	113
40. KIMPEX IMP EXP LTDA	53.103	247
41. IND COM GÊNEROS ALIMENTÍCIOS RISADINHA	46.000	200
42. MERCANTIL JAÚ PARANÁ LTDA	41.553	9
43. MADEMAR - IND COM DE MADEIRAS	37.502	70
44. ADAIR PAULO ZANELATO	35.600	128
45. B.E. MENDY BICCA & CIA LTDA	35.398	82
46. BEST TIMBER IMP EXP LTDA	34.800	42
47. ILARIO SEGOVIA	27.762	11
48. LAMMY COMPENSADOS CUIABÁ LTDA	22.911	35
49. VECOLLS IMP COM DE VEÍCULOS LTDA	21.000	22
50. J. D. GOUVEIA IMP EXP	18.946	267
51. RAZ EXPORT COM EXPORTADORA LTDA	18.666	44
52. MADRON - IND COM DE MADEIRAS LTDA	16.745	27
53. ROBCO MADEIRAS LTDA	16.664	48
54. MADEMARCKI IND COM EXP MADEIRAS	16.595	30
55. INDÚSTRIA DE COMPENSADOS TRIÂNGULO LTDA	16.300	18
56. OVERT MADEIRAS LTDA	13.886	27
<b>SUB-TOTAL</b>	<b>36.414.291</b>	<b>50.373</b>
<b>57. OUTROS</b>	<b>112.627</b>	<b>381</b>
<b>TOTAL</b>	<b>36.526.918</b>	<b>50.754</b>

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC/SERPRO, Rio de Janeiro.  
 Pesquisa, tabulação, mapeamento e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.



*dos dois Mato Grosso adquiriu status de província a partir de 1950, quando o Estado que tinha apenas 532.044 habitantes*

## ESTADO DE MATO GROSSO

*Pela lei complementar nº 31/1977, de 11.10.1977, o Estado foi desmembrado em dois: Mato Grosso com área absoluta de 901.420 km<sup>2</sup> e Mato Grosso do Sul com território menor de 357.471 km<sup>2</sup>. Mato Grosso do Sul era a parte sul da desmembrada do Estado.*

O Estado de Mato Grosso tem uma longa história de evolução política e econômica. Sucessor da antiga capitania de Mato Grosso, criada em 1748, por desdobramento da capitania de São Paulo, ainda nos tempos coloniais teve o seu primeiro surto episódico de riqueza quando os sertanistas e bandeirantes descobriram o ouro em Cuiabá, criando assim o primeiro núcleo de atividade econômica no centro-oeste. Os portugueses ciosos de sua soberania, em tão longínquas terras, trataram de erger o Forte de Príncipe da Beira, no rio Guaporé, afluente do rio Madeira, com pedra, materiais e trabalhadores enviados de Belém do Pará, através de enormes dificuldades e obstáculos de navegação como as cachoeiras do rio Madeira, acima de Santo Antônio.

Durante o ciclo da borracha, a parte amazônica de Mato Grosso passou, como de resto toda a Amazônia, por um surto de desenvolvimento, pois os seus seringais nativos atraíram grande contingente de imigrantes nordestinos e seus coronéis de barranco e seringalistas enriqueceram com os altos preços alcançados pela borracha no mercado internacional, que chegou a atingir um guinéu de libra peso (21 shillings e 3 pences) no pregão da Bolsa de Londres, no dia 10 de abril de 1910 (equivalente em valores de 1992 a 118,7 esterlinos, ou US\$ 178,00 por kilo de borracha fina nos altos rios (*up river fine rubber*), que comandava um prêmio nos mercados internacionais pela sua qualidade e excelência. Essa borracha era escoada através do porto de Manaus, onde o Estado de Mato Grosso mantinha uma Delegacia Fiscal para recolher os impostos de exportação devidos ao Estado (cerca de 20% ad-valorem). Esse mundo do extrativismo florestal viria ruir com o surgimento das plantações asiáticas que fizeram desabar os preços para valores ínfimos, que não chegavam a cobrir o custo do frete dos transportes de descida pelos rios Guaporé/Jamari, Machado, Aripuanã, Juruena, Teles Pires, Xingu, Araguaia e outros que propiciavam o escoamento de sua produção até alcançar o rio Amazonas e os portos de Manaus e Belém. Nos tempos áureos foram construídas a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (1907-1912), com seus 368 km ligando Porto Velho a Guajará Mirim, contornando as inúmeras cachoeiras do alto rio Madeira, que permitia o escoamento da borracha boliviana e parte da de Mato Grosso do vale do rio Guaporé - e a linha telegráfica de Mato Grosso, construída pelo pioneirismo do Marechal Rondon, que rompeu o isolamento da região, permitindo a primeira integração com o resto do país no campo das telecomunicações.

Passando esse episódio do extrativismo florestal da parte amazônica, como de resto todo o Estado passou por um período de longa depressão, agravada pelo seu isolamento e pela grande distância imposta pela grande extensão e mediterraneidade de seu espaço político. A "*Marcha para Oeste*" pregada pelo Presidente Getúlio Vargas, na década dos anos 40, ficou restrita a um gesto simbólico e retórico sem maiores consequências no campo de políticas públicas de integração e desenvolvimento.

Esta integração, tanto a Região Norte como a Região Norte, iria ser iniciada nos anos 60 e 70, com a construção do sistema de rodovias federais da BR-364, ligando São Paulo a Cuiabá e Porto Velho, a BR-163 de Cuiabá a Santarém, a BR-158 de Barra do Garça à Vila Rica, Redenção e Conceição do Araguaia, a BR-80 e outras estradas da malha viária federal e estadual, que promoveram e viabilizaram a colonização e o estabelecimento de fazendas e propriedades agrícolas por parte dos novos imigrantes vindos, sobretudo, do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo. O incremento da população



dos dois Mato Grosso adquiriu uma grande impetuosidade a partir de 1950, quando o Estado que tinha apenas 522.044 habitantes passou para 1.597.090 em 1970.

Pela lei complementar nº 31/1977, de 11.10.1977, o Estado foi desmembrado em dois: Mato Grosso com área absoluta de 901.420 km<sup>2</sup> e Mato Grosso do Sul com território menor de 357.471 km<sup>2</sup>. Mato Grosso do Sul era a parte mais desenvolvida do Estado, com as suas grandes fazendas de gado e plantação de cereais e soja, enquanto se previa que o Estado de Mato Grosso, ao norte, continuasse estagnado e sub-desenvolvido. Lêdo engano! A colonização que vinha do extremo e do centro-sul intensificou-se nas décadas dos anos 70 e 80 e o Estado passou a desfrutar de um nível surpreendente de atividade econômica. A sua população, com a chegada de novos imigrantes e empreendedores, continuou a crescer, tendo alcançado, após o desmembramento em 1977, 654.982 habitantes em 1980 e mais que dobrando em 1991 com 1.485.110 habitantes.

O Estado não apenas cresceu demograficamente. A sua situação geográfica privilegiada, no mediterrâneo brasileiro, o fez compartilhar em seu território das vantagens e incentivos de sua área amazônica de floresta tropical chuvosa com a área savânica dos cerrados, onde a fronteira agrícola, vinda do sul, localizou condições excepcionais para a lavoura do algodão, soja e pastoreio.

Os números dessa atividade agrícola são surpreendentes, mesmo nos recuados tempos de 1985, quando o Censo Econômico já assinalava a existência de 136.605 ha de cultivos permanentes, 1.992.830 ha de lavouras temporárias e 6.719.064 ha de pastagens plantadas, perfazendo um total ocupado de 8.848.507 ha no setor primário. Estatísticas mais recentes, de 1992, já nos informam que Mato Grosso teve a sua produção agrícola de arroz, cana-de-açucar, mandioca, milho em grão e soja em grão aumentada para 9.504.630 toneladas, comparadas com 2.196.772 ton de 1980. A produção de soja que, em 1992, já atingia a elevada soma de 3.642.743 ton, passou para cinco milhões de toneladas na atual safra de 1995, ultrapassando em quantidade a produção do Paraná, o que tornou o Estado de Mato Grosso o segundo maior produtor de soja do Brasil. Não apenas em quantidade, mas também em qualidade e produtividade. A soja em Mato Grosso adquiriu uma notável expansão graças aos investimentos agrícolas dos empresários gaúchos e paulistas, como os do Grupo Maggi e Itamarati (Olacir de Moraes) e das excepcionais condições climáticas da Chapada dos Parecis e da região de Rondonópolis, onde existe separação nítida das duas estações do ano: um período de chuva e inverno de outubro a março, que favorece o crescimento da lavoura; e um período de verão e seca muito propício para a floração e frutificação, gerando assim condições insuperáveis para a qualidade dos grãos e aumento de sua produtividade. No que se refere a pecuária, o Estado cresceu vigorosamente: o rebanho bovino passou de 5.249.000 cabeças em 1980 para 9.935.513 em 1991, tornando assim um Estado muito dinâmico no campo, tanto a agricultura como a pecuária, como atestam os estabelecimentos industriais do agri-business como frigoríficos, beneficiamento e esmagamento de grãos e outros.

O Estado de Mato Grosso tem uma perspectiva muito grande de crescer tanto na região dos cerrados do planalto e das chapadas planas favoráveis à mecanização, como na região da mata-fina e densa da floresta amazônica. A sua malha viária agora vai ser complementada com a construção da Ferronorte, por iniciativa do Grupo Itamarati, do empresário paulista Olacir de Moraes, que permitirá fazer a ligação ferroviária de Santos e Paranaguá a Campo Grande e Cuiabá e, posteriormente, extende-la até Porto Velho e Santarém, para facilitar o escoamento de sua produção. Enquanto isso não ocorre, o Grupo Maggi luta para concretizar o seu projeto de escoamento de sua produção de soja de Mato Grosso, através da hidrovía do Madeira até os portos de Itacoatiara ou Santarém.



A pujança do setor agrícola e pecuário, o Mato Grosso ainda não se reflete, com força total, nas estatísticas e exportação do Estado, mas já existe forte sinalização nesse sentido na pauta de exportação do Estado no exercício de 1994. Neste ano, o elenco de produtos exportados foi o seguinte:

Produtos agrícolas	359.721.164
Produtos pecuários	51.255.886
Madeiras serradas/compensadas/laminadas	24.197.170
Produtos minerais	28.034.453
Produtos do extrativismo florestal não madeireiro	1.185.581
Produtos de pesca	86.434
Outros produtos	1.552.667
<b>Total</b>	<b>US\$ 466.033.355</b>

Pelos números acima verifica-se que apenas uma pequena parcela de produção agro-pecuária do Estado destina-se a exportação, pois grande parte dela é escoada por compradores do centro-sul, que a re-embarca pelos portos de Santos e Paranaguá, ou é consumida pelo mercado interno. Mesmo assim, essa exportação vem crescendo acentuadamente, quando se compara a exportação de US\$ 185,42 milhões em 1989 com a de US\$ 311,73 milhões de 1992 e US\$ 446,03 milhões em 1994, portanto um incremento de 141% no último quinquênio.

Pelos dados de 1994, no setor agrícola, o produto mais exportado no valor de US\$ 51,25 milhões foi a soja em grão, farelo e óleo - que responde pela totalidade dos embarques. Em seqüência vem os produtos da pecuária bovina, destacando-se os embarques de carne cozida ou congelada, corned-beef e outros tipos de carne de aceitação no mercado externo.

A madeira serrada/compensada/laminada vem em terceiro lugar, com uma exportação de US\$ 24,19 milhões, representada por diversas espécies de madeira como mogno (aguano), cedro, ipê, cerejeira, virola, tatajuba, jatobá, sendo de destacar que o mogno ou aguano, sob a forma de compensado alcançou o preço FOB de US\$ 2.049 por m<sup>3</sup> e o compensado de cerejeira foi vendido ao preço médio de US\$ 1.038 por m<sup>3</sup>.

Em quarto lugar vem os produtos minerais com uma exportação de US\$ 28,03 milhões, com prevalência do diamante não industrial, em bruto e lapidado, no valor de US\$ 23,22 milhões.

O último lugar no ranking das exportações cabe aos produtos do extrativismo florestal não-madeireiro, com um valor de apenas US\$ 1,18 milhão (peles de répteis curtidos, palmito preparado e castanha-do-Pará desidratada), seguido de peixes ornamentais, com um pequeno valor de US\$ 86,4 mil. Estes gêneros da indústria extractiva que, no passado, foram tão importantes na economia de Mato Grosso, passaram a ter um papel insignificante nos dias atuais.

O Estado de Mato Grosso dentro do contexto dos 9 Estados da Amazônia Legal tem evidenciado uma boa capacidade de gerar receitas públicas para o Tesouro Estadual. O ICMS, em 1994, atingiu US\$ 578.008.442, assumindo assim a liderança entre os Estados amazônicos, seguido do Amazonas com US\$ 528,1 milhões, Pará com US\$ 460,84 milhões, Maranhão com US\$ 254,56 milhões e Rondônia com US\$ 154,70 milhões.



No corrente ano de 1995, nos primeiros seis meses, de Janeiro a Junho, a receita do ICMS alcançou US\$ 354.027.044, com média mensal de US\$ 59.004.507, comparado com uma receita global no mesmo período de 1994 de US\$ 167.241.147, ou uma média mensal de US\$ 27.873.524. Estes últimos índices indicam que, novamente, assumiu a liderança da arrecadação do ICMS, em 1995, o Estado do Amazonas que, no primeiro semestre, obteve uma receita de US\$ 467.441.158, com média mensal de US\$ 77.906.859. Não obstante, os dados da arrecadação de Mato Grosso permitem concluir que o Estado está conseguindo gerar receitas públicas para o atendimento parcial das necessidades de sua população.



## EXPORTAÇÃO PARA O EXTERIOR

ESTADO DE MATO GROSSO - JANEIRO/DEZEMBRO 1994

PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS - VALOR FOB = US\$1,00

PRODUTOS	TONELADAS	VALOR FOB EXP US\$ 1,00	PREÇO MÉDIO XPORTADO US\$1,00
<b>I - PRODUTOS AGRÍCOLAS</b>	<b>1.555.184</b>	<b>359.721.164</b>	
SOJA, MESMO TRITURADA	656.056	159.178.085	242,62 ton
FARELO DE EXTRAÇÃO DE ÓLEO DE SOJA	809.491	152.398.262	188,26 ton
ÓLEO DE SOJA, EM BRUTO, MESMO DEGOMADO	89.555	48.070.817	536,77 ton
ÓLEO DE SOJA REFINADO	82	74.000	891,56 ton
<b>II - PRODUTOS AGROPECUÁRIOS</b>	<b>17.923</b>	<b>51.255.886</b>	
CARNE DE BOVINO, COZIDA E CONGELADA	5.022	19.070.138	3,79 kg
CARNE DE BOVINO COZIDA - CORNED BEEF	7.678	17.809.621	2,31 kg
CONTRA-FILÉ DE BOVINO, DESOSSADO/CONGELAD	1.176	3.343.662	2,84 kg
QUARTOS DIANTEIROS DE BOVINO, DESOSSADO	943	1.947.173	2,06 kg
FILÉ MIGNON DE BOVINO, DESOSSADO/CONGELAD	355	1.725.007	4,85 kg
PATINHO DE BOVINO, DESOSSADO/CONGELADO	776	1.708.954	2,20 kg
LÍNGUA DE BOVINO PREPARADA/CONSERVADA	353	1.679.749	4,75 kg
BUCHOS DE ANIMAIS, EXCETO DE PEIXES	571	1.068.874	121,86 ton
EXTRATO DE CARNE	174	794.178	4,55 kg
FILÉ MIGNON DE BOVINO DESOSSADO	60	520.230	8,63 kg
CONTRA-FILÉ DE BOVINO, DESOSSADO	62	327.559	5,29 kg
OUTROS MIUDOS COMESTÍVEIS DE BOVINO	323	267.129	0,82 kg
OUTRAS PEÇAS DE BOVINO, DESOSSADO	137	247.242	1,80 kg
LÍNGUAS DE BOVINO, CONGELADAS	79	207.781	2,66 kg
ENCHIDOS E PRODUTOS SEMELHANTES DE CARNE	94	204.700	2,18 kg
CORAÇÃO DE ALCATRA DE BOVINO, DESOSSADO	69	182.105	2,61 kg
LAGARTO DE BOVINO, DESOSSADO	31	79.269	2,55 kg
OUTRAS PARTES DE ALCATRA DE BOVINO	20	72.515	3,57 kg
<b>III - MADEIRA SERRADA/COMPENSADA/LAMINADA</b>	<b>67.117</b>	<b>24.197.170</b>	
OUTRAS MADEIRAS SERRADAS LONGITUDINALMENT	14.074	6.246.807	72,20 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS COMPENSADA C/FACE DE MADE	8.386	4.941.814	339,52 m <sup>3</sup>
MADEIRA AGUANO/MOGNO SERRADA LONGIT	30.544	4.061.509	106,81 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS APLAINADAS	1.819	1.652.995	126,47 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS EM FOLHAS, P/COMPENSADO	796	1.574.635	130,94 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE CEDRO SERRADA LONGIT.	2.048	1.216.886	426,22 m <sup>3</sup>
MADEIRA AGUANO/MOGNO EM FOLHAS P/COMPENS	233	768.630	2.049,68 m <sup>3</sup>
OUTRAS OBRAS DE MARCENARIA/CARPINTARIA	2.019	651.263	0,32 kg
OUTRAS MADEIRAS COMPENSADAS	907	442.838	326,81 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE IPÊ SERRADA LONGIT.	1.472	413.736	278,04 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE CEREJEIRA, FOLHAS P/COMPENSADO	206	339.473	1.038,14 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE CEREJEIRA, SERRADA LONGIT	746	333.523	433,71 m <sup>3</sup>
OUTRAS MADEIRAS FOLHEADAS/ESTRAT	752	331.343	0,31 m <sup>3</sup>
MADEIRAS OUTRAS CONÍFERAS EM FOLHAS P/COM	719	213.303	160,86 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE VIROLA SERRADA LONGIT	362	150.567	197,59 m <sup>3</sup>
MADEIRA NÃO CONÍFERA DEBASTADA	184	143.850	358,72 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE TATAJUBA SERRADA LONGIT	362	99.528	286,00 m <sup>3</sup>
MADEIRA DE JATOBÁ SERRADA LONGIT	232	90.781	326,55 m <sup>3</sup>
MADEIRA DARK/LIGHT/RED SERRADA	194	75.815	266,01 m <sup>3</sup>
MADEIRA NÃO CONÍFERA EM TACOS E FRISOS	141	69.160	406,82 m <sup>3</sup>
CARVÕES VEGETAIS	650	146.045	0,22 kg
CABOS DE VASSOURA DE MADEIRA	184	139.123	0,40 um
PORTAS E RESPECTIVOS CAIXILHOS	87	93.546	1,07 kg
<b>IV - PRODUTO MINERAL</b>	<b>2.733</b>	<b>28.034.453</b>	
OUTRO DIAMANTE NÃO INDUSTRIAL		18.980.948	140,89
OURO EM BARRAS, FIOS E PERFILEADOS (362 kg)		4.459.961	12,34 grama
DIAMANTE NÃO INDUSTRIAL, EM BRUTO		2.248.430	7,57
DIAMANTE NÃO INDUSTRIAL, LAPIDADO		1.996.886	596,56
CIMENTO PORTLAND COMUM	2.733	278.228	87,13 ton
PEDRAS EM BRUTO DO CAPÍTULO 71-NBM		70.000	
<b>V - PRODUTOS FLORESTAIS/ANIMAIS DO EXTRATIVISMO</b>	<b>481</b>	<b>1.185.581</b>	
PELES DEPILADAS DE RÉPTEIS, CURTIDAS	10	609.000	56,80 kg
PALMITOS PREPARADOS OU CONSERVADOS	193	308.555	1,59 kg
CASTANHA-DO-PARÁ (DO BRASIL) DESIDRATADA	278	268.026	0,96 kg
<b>VI - PRODUTOS DE PESCA</b>	<b>2</b>	<b>86.434</b>	
PEIXES VIVOS ORNAMENTAIS	2	86.434	0,33 um
<b>VII - OUTROS PRODUTOS</b>	<b>2.756</b>	<b>1.552.687</b>	
TUBO RÍGIDO DE POLÍMEROS	110	129.517	1,17 kg
OUTROS	2.646	1.423.150	
<b>TOTAL DAS EXPORTAÇÕES - JAN/DEZ 1994</b>	<b>1.646.196</b>	<b>466.033.355</b>	

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC - SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.



**DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DO ESTADO DE MATO GROSSO**  
**PERÍODO: JANEIRO/DEZEMBRO 1994**  
**OS MAiores PAÍSES IMPORTADORES**

PAÍSES	VALOR FOB - US\$ 1,00
1. HOLANDA	153.068.455
2. ALEMANHA	32.837.465
3. CHINA	29.323.237
4. FRONTEIRA	28.417.217
5. SUIÇA	19.879.822
6. FRANÇA	19.298.778
7. JAPÃO	11.615.925
8. ITALIA	14.167.325
<b>EXPORTAÇÃO PARA O EXTERIOR</b>	
<b>ESTADO DE MATO GROSSO</b>	
<b>PERÍODO: JANEIRO/DEZEMBRO 1994</b>	

MÊS	VALOR FOB EM US\$ 1,00
JANEIRO	10.339.370
FEVEREIRO	16.574.157
MARÇO	34.187.506
ABRIL	48.395.157
MAIO	55.360.356
JUNHO	60.627.728
JULHO	59.421.076
AGOSTO	59.137.571
SETEMBRO	36.649.368
OUTUBRO	36.557.885
NOVEMBRO	26.381.663
DEZEMBRO	22.401.518
<b>TOTAL</b>	<b>466.033.355</b>

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC, SERPRO, Rio de Janeiro.

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.



## DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DO ESTADO DE MATO GROSSO

PERÍODO: JANEIRO/DEZEMBRO 1994

OS MAIORES PAÍSES IMPORTADORES

## EXPORTADORES

PAÍSES	VALOR FOB - US\$ 1,00
1. HOLANDA	198.068.465
2. ALEMANHA	32.867.455
3. CHINA	29.323.237
4. REINO UNIDO (GRÃ-BRETANHA)	28.417.217
5. SUIÇA	19.879.822
6. FRANÇA	19.239.776
7. JAPÃO	17.615.866
8. ITÁLIA	14.107.222
9. ISRAEL	10.823.386
10. ESPANHA	8.643.748
11. HONG-KONG	7.555.149
12. BÉLGICA	7.495.634
13. ESTADOS UNIDOS	5.915.237
14. HUNGRIA	5.727.863
15. IRLANDA	5.341.607
16. BANGLADESH	4.835.000
17. IRÃ	4.463.500
18. PORTUGAL	3.946.651
19. CINGAPURA	3.576.880
20. POLÔNIA	3.508.140
21. DINAMARCA	3.030.673
22. INDONÉSIA	3.001.050
23. EGITO	2.630.435
24. GIBRALTAR	2.009.000
25. FILIPINAS	1.763.930
26. TAILÂNDIA	1.617.386
27. CORÉIA, REPÚBLICA POPULAR	1.521.990
28. URUGUAI	1.486.843
29. EMIRADOS ÁRABES UNIDOS	1.444.685
30. ESLOVÊNIA	1.242.150
31. MARROCOS	1.178.979
32. ARÁBIA SAUDITA	1.176.424
33. MÉXICO	1.064.530
34. RÚSSIA, FEDERAÇÃO DA	1.025.341
35. VENEZUELA	1.016.300
36. PORTO RICO (USA)	975.212
37. ARGENTINA	970.652
38. FINLÂNDIA	947.736
39. PANAMÁ	609.000
40. MALÁSIA	544.000
41. CANADÁ	537.571
42. BOLÍVIA	512.651
43. OUTROS	4.374.962
<b>TOTAL EXPORTAÇÃO</b>	<b>466.033.355</b>

Fonte: SECEX/DTIC - SERPRO, Rio de Janeiro

Pesquisa, mapeamento, tabulação e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.



**MAIORES EXPORTADORES DO ESTADO DE MATO GROSSO**  
**PERÍODO: JANEIRO A DEZEMBRO DE 1994**

EXPORTADORES	VALOR EXPORTAÇÃO FOB EM US\$1,00	QUANTIDADE EXPORTADA EM TON
1. OLVEPAR DA AMAZÔNIA S/A IND COM	85.542.035	297.142
2. SADIA MATO GROSSO S/A	46.790.536	230.900
3. CEVAL - CENTRO OESTE S/A	45.393.580	246.276
4. SEMENTES MAGGI LTDA	31.259.057	126.300
5. SADIA OESTE S/A IND COM	30.527.121	10.688
6. GLENCORE COM EXP LTDA	26.752.352	116.179
7. MATOSUL COM IMP EXP LTDA	19.049.529	81.513
8. COMERCIAL QUINTELLA - COM EXP	17.760.852	73.050
9. SADIA TRADING S/A - EXP IMP	15.736.422	5.142
10. CINDAM S/A - COM EXP	14.784.024	
11. ITATRADING - ITAMARATI TRADING S/A	14.438.196	57.028
12. CARGILL AGRÍCOLA S/A	8.614.351	33.867
13. COMÉRCIO DE DIAMANTES JUINA/MT LTDA	8.578.341	
14. ZAMBONI IMP EXP LTDA	8.179.680	33.500
15. ALFRED C. TOEPFER EXP LTDA	7.923.413	44.234
16. COOPERATIVA AGROPEC LUCAS RIO VERDE	7.777.230	30.000
17. CONTIBRASIL COM EXP LTDA	6.728.836	28.054
18. OLVEPAR - ÓLEOS VEGETAIS PARANÁ IND COM	6.018.113	30.474
19. COM AGROPEC SANTA ROSA LTDA	5.811.721	23.700
20. LAVROFÉRTIL - PRODUTOS DA LAVOURA LTDA	4.436.181	17.600
21. BRASWAY S/A - IND E COM	3.037.331	15.052
22. FRIGORÍFICO AARAPUTANGA S/A	2.672.603	938
23. G D MATO GROSSO IND COM DE MADEIRAS	2.566.798	787
24. COMPENSADOS FORTES S/A	2.542.756	4.447
25. MADMOGNO COM DE MADEIRAS LTDA	2.384.630	7.142
26. FRIGORÍFICO VALE DO SOL LTDA	2.211.471	1.094
27. REFINADORA DE ÓLEOS BRASIL LTDA	2.022.707	10.109
28. SUMITOMO CORPORATION DO BRASIL S/A	1.776.300	8.001
29. REZZIERI MADEIRAS LTDA	1.638.254	3.382
30. FRIGOBRÁS - CIA BRASILEIRA DE FRIGORÍFICOS	1.536.950	7.789
31. NAKAMEX - COM EXP MADEIRAS LTDA	1.532.946	2.323
32. DELTA COM IMP EXP LTDA	1.487.550	6.000
33. CIMAFRAN COM IND EXP DE MADEIRAS	1.252.896	1.391
34. COPRO - CENTRO COOP PRODUTORES CENTRO-L	1.246.140	7.000
35. SAGEL IMP EXP LTDA	1.056.220	4.263
36. ARBI TRADING S/A	1.042.893	
37. LAMMY COMPENSADOS CUIABÁ LTDA	1.026.029	1.603
38. BAMEX - IND E COM DE MADEIRAS LTDA	1.007.797	1.454
39. MARINEPAR - IND E COM DE MAT CONSTRUÇÃO	1.003.748	5.800
40. COM E IND BRASILEIRAS COIMBRA S/A	989.086	5.300
41. RIO VERMELHO - IMP E EXP DE DIAMANTES	936.877	
42. EXIMAR - MADEIRAS COM EXTERIOR REP LTDA	915.047	1.133
43. COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA	905.637	4.600
44. IMARIBO TRADING S/A	882.386	1.657
45. ARNOS IND E COM DE MADEIRAS LTDA	822.246	1.149
46. MINERAÇÃO SANTA ELINA IND E COM	740.205	
47. GASPARIN FLORESTAL E INDUSTRIAL LTDA	662.159	954
48. TECNO CAIMAN	609.000	10
49. BEST TIMBER IMP EXP LTDA	597.310	25.760
50. MALHARIA N S DA CONCEIÇÃO LTDA	572.165	2.750
51. COMERCIAL DE GRÃOS BONGIOLI LTDA	559.862	2.200
52. GRANÓLEO S/A - COM E IND DE SEM OLEAGIONOS	485.410	2.000
53. DIAMOND MINING COM EXP DIAMANTE	452.320	
54. COTRIEXPORT - CIA COMÉRCIO INTERNACIONAL	443.675	2.500
55. MARODIN S/A EXPORTAÇÃO	441.490	1.064
56. NUNES IMP EXP DE DIAMANTES LTDA	368.397	
SUB-TOTAL	456.530.861	1.625.299
57. OUTROS	9.502.497	20.978
TOTAL	466.033.358	1.646.277

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior/SECEX/DTIC/SERPRO, Rio de Janeiro.  
 Pesquisa, tabulação, mapeamento e ordenamento feitos pelo Prof. Samuel Benchimol.



## TRABALHOS PUBLICADOS PELO AUTOR

01. Roteiros da Amazônia. Conferência pronunciada na Faculdade do Recife, in "Caderno Acadêmico", Ano II, nº 3, Recife, 1942, 8p.
02. Versos dos Verdes Anos (1942-1945). Poemas e haikais escritos no período de 1942-1945 e não publicados, 9p.
03. O Bacharel no Brasil - Aspectos de sua Influência em nossa História Social e Política. Ed. Livraria Clássica, Manaus, 1946, 33p.
04. O Cearense na Amazônia - Inquérito Antropogeográfico sobre um tipo de Imigrante. Prêmio "José Boiteux" do X Congresso Brasileiro de Geografia (1944). 1ª Edição, Conselho Nacional de Imigração e Colonização, Imprensa Nacional, Rio, 1946, 89p. 2ª Edição, SPVEA, Coleção Araujo Lima, Rio de Janeiro, 1965, 87p.
05. O Aproveitamento das Terras Incultas e a Fixação do Homem ao Solo. In "Boletim Geográfico", Conselho Nacional de Geografia, Ano IV, nº 42, Rio de Janeiro, 1946, 38p.
06. The next war: book-report. Oxford: Miami University, 1946. Monografia de Pós-Graduação, 11p.
07. Capitalism, the creator: a book-report. Oxford: Miami University, 1947. Monografia de Pós-Graduação, 5p.
08. History of economic thought: an outline. Oxford: Miami University, 1947. Monografia de Pós-Graduação, 17p.
09. Industrialization and foreign trade in Brazil. Oxford: Miami University, 1947. Monografia de Pós-Graduação, 11p.
10. Manaus: The Growth of a City in the Amazon Valley. Tese de licenciamento para obtenção do Master Degree em Economia e Sociologia, por Miami University, Oxford, Ohio, USA, 1947, 165p.
11. Sociology in Brazil and in the U.S. - A Comparative Study. In "Sociology and Social Research", vol. 32, nº 2, Los Angeles, California, 1947, 27p.
12. Diário de um estudante da Miami University, Oxford, Ohio, e de um viajante pelos Estados Unidos (1946/7), inédito, 174p.
13. Ciclos de Negócios & Estabilidade Econômica - Contribuição ao Estudo da Conjuntura. Tese de Doutorado-Concurso à Cátedra de Economia Política da Faculdade de Direito do Amazonas. Tipografia Fenix, Manaus, 1954, 152p.
14. Planejamento do Crédito para a Valorização da Amazônia: situação histórica e atual do crédito no Amazonas, política de crédito necessária à mobilização, e medidas complementares e colaterais. Relatório apresentado pela Sub-Comissão de Crédito e Comércio, da Comissão Coordenadora dos Subsídios do Estado do Amazonas para o Plano Quinquenal da Valorização da Amazônia, da qual foi Presidente e Relator. Manaus, 1954, 25p.



15. Relação entre a Economia e o Direito. In "Revista da Faculdade de Direito do Amazonas", nº 3, Manaus, 1955.
16. Inflação e Desenvolvimento Econômico. Tipografia Fenix, Manaus, 1956, e "Revista do Serviço Público" do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), vol. 73, Rio de Janeiro, 1956, 24p.
17. Problemas de Desenvolvimento Econômico - com especial referência ao caso amazônico. Editora Sérgio Cardoso, Manaus, 1957, 83p.
18. O Banco do Brasil na Economia do Amazonas. Edição SPVEA, Coleção Araujo Lima, Rio de Janeiro, 1958, 16p.
19. Investimento & Poupança - Inquérito sobre a Pobreza das Nações. In "Revista da Faculdade de Direito do Amazonas", nº 7, Manaus, 1960.
20. Pólos de Crescimento da Economia Amazônica: Aspectos Espaciais, Temporais e Institucionais. In Cadernos CODEAMA, nº 2, Manaus, 1965, 42p.
21. Pólos de Crescimento & Desenvolvimento Econômico. Editora Sérgio Cardoso, Manaus, 1965, 42p.
22. Estrutura Geo-Social e Econômica da Amazônia. Dois volumes, edições do Governo do Estado do Amazonas, Série "Euclides da Cunha", Editora Sérgio Cardoso, Manaus, 1966, 1º vol. 186p; 2º vol. 500p.
23. Projeto ETA-54 da heveicultura do pós-guerra. Brasília, Congresso Nacional, 1970. Depoimento prestado à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI-49/67) da Câmara dos Deputados. Diário do Congresso Nacional, Suplemento (Resolução nº 114, de 01/maio/1970), 7p.
24. Política e Estratégia na Grande Amazônia Brasileira. Edições Faculdade de Direito do Amazonas, 1968, 16p.
25. Variáveis e Opções Estratégicas para o Desafio Amazônico. Manaus, 1969. Conferência proferida a bordo do Navio "Lauro Sodré" aos alunos da Escola Naval de Guerra.
26. A Planetarização da Amazônia. Jornal "A Notícia", Manaus, 1972.
27. Amazônia: Mensagem a um Desafio. Congresso das Classes Produtoras - CONCLAP, no Rio. Revista da Associação Comercial do Amazonas, 1972.
28. Polarização e Integração: dois processos no desenvolvimento regional. Manaus, 1972. Conferência proferida aos estagiários da Escola Superior de Guerra, na sede do Comando Militar da Amazônia.
29. A Pecuniarização da Amazônia: A Ameaça e o Desafio do Mega-Boi no Processo de Ocupação da Amazônia. Jornal "A Crítica", Manaus, 11/08/1974, e Jornal "Estado de São Paulo" de 08/09/1974. Conferência proferida na Comissão de Valorização da Amazônia, da Câmara dos Deputados.
30. Amazônia: Um Pouco-Antes e Além-Depois. Editora Umberto Calderaro, Edição Universidade do Amazonas e CODEAMA, 1977, 840p.
31. Projeto Geopolítico Brasileiro de Libertação e Desenvolvimento - A Formação e Reorganização do Espaço Político. Edição especial do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia-INPA, Manaus, 1977, 197p.



32. Política Fiscal. Edição Universidade do Amazonas, Faculdade de Estudos Sociais, Departamento de Direito Público, Manaus, 1978, 438p.
33. O Pacto Amazônico e a Amazônia Brasileira. Edição Universidade do Amazonas, Faculdade de Estudos Sociais, Manaus, 1978, 43p.
34. Petróleo na Selva do Juruá - O Rio dos Índios Macacos. Edição Universidade do Amazonas, Manaus, junho/1979, 342p.
35. A Duodécada 80/90 - Reflexões e Cenários Amazônicos. Universidade do Amazonas, Manaus, 1979, 103p.
36. Uma oikopolítica para a Amazônia. Simpósio Nacional da Amazônia, Câmara dos Deputados, 1979, 106p.
37. Metodologia e Diretrizes para um Plano de Desenvolvimento Regional. Palestra realizada no Comando Militar da Amazônia, Manaus-Am, 24/abril/1980, 3p.
38. O Desenvolvimento do Médio e Baixo Amazonas: Uma Prioridade Regional. Palestra na 3ª Convenção Amazônica do Comércio Lojista, Santarém-Pa, junho/1980, 7p.
39. O Curumim na Amazônia. Conferência pronunciada na instalação do Curso Nestlé de Atualização em Pediatria, realizada no Teatro Amazonas, Manaus, agosto/ 1980, 12p.
40. Tendências, Perspectivas e Mudanças na Economia e na Sociedade Amazônicas. Manaus, 1980, 26p.
41. Amazônia: Andanças e Mudanças. Cuiabá, Universidade Federal de Mato Grosso, 1981, 78p.
42. Amazônia Legal na Década 70/80: Expansão e Concentração Demográfica. Edição Universidade do Amazonas, julho/1981, 167p.
43. A Floresta Tropical Úmida: aspectos ecológicos. in Seminário de Tropicologia da Fundação Joaquim Nabuco, Recife-Pe, 29/setembro/1981, 10p.
44. A Questão Amazônica. in Encontro Inter-Regional de Cientistas Sociais do Brasil, Manaus, 1981.
45. Population Changes in the Brazilian Amazon. in The Frontier after a decade of colonization. Manchester University Press, 1985, 14p.
46. Introdução aos Autos da Devassa dos Índios Mura (1738). Apresentado ao 45th Congresso Internacional de Americanistas, Bogotá, 1985. Edição xerox, Manaus, 1985. Publicado nos Anais de la etnohistoria del Amazonas, Universidad de los Andes, Bogotá, 1985. Tradução em espanhol editada por Beatriz Angel e Roberto Camacho in Los meandros de la Historia en Amazonia. Quito, Abya-Yala, 1990, 50p.
47. Cobras & Buiuços na Praça dos Remédios. Edição xerox, Manaus, 1985, 20p.
48. Grupos Culturais na Formação da Amazônia Brasileira e Tropical. Apresentado ao II Encontro Regional de Tropicologia da Fundação Joaquim Nabuco, Manaus, 1985, 31p.
49. Política Florestal para a Amazônia Brasileira: projeto no Congresso. Jornal "A Crítica", 09/fev/1985, 8p.



50. O "encantamento" de Gilberto Freyre. in Ciência & Trópico, Recife, v. 15, n° 2, jul/dez 1987. in Caderno de Cultura, Brasília, ano 2, dez/1988, 4p.
51. Amazônia Fiscal - Uma Análise da Arrecadação Tributária e seus Efeitos sobre o Desenvolvimento Regional. Edição Instituto Superior de Estudos da Amazônia - ISEA, Manaus, 1988, 179p.
52. Extrativismo, agricultura e indústria na Amazônia: seringa, roça e fábrica - um trilema? in Seminário de Jornalismo Econômico da Amazônia, Manaus, 1988.
53. Manual de Introdução à Amazônia: programa, bibliografia selecionada, notas, mapas, quadros, material de leitura para análise, crítica e reflexões. Manaus, 1988, 226p.
54. The Free Trade Zone of Manaus - Assessment and Proposals. Paper presented to the 46th International Congress of Americanists, Amsterdam, Holland, 1988.
55. Zona Franca de Manaus: A Conquista da Maioridade. The Manaus Free Trade Zone: Coming of Age. Edição bilingüe português/inglês Suframa/Sver & Boccato, São Paulo, 1989, 128p.
56. Amazônia: Quadros Econômicos da Produção. Depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito da Amazônia no Senado Federal. Centro gráfico Senado Federal, Brasília, 1989, 83p.
57. Amazônia: Ecologia e Desenvolvimento. in Encontro dos Empresários da Amazônia, Manaus, 1989.
58. Amazônia: Planetarização e Moratória Ecológica. Edição Universidade Paulista/ Cered, São Paulo, julho/1989, 144p.
59. Geo, Bio, Eco e Etno-Diversidades na Amazônia. Apresentado ao Congress Amazon: Needs, Researches and Strategics for self-sustained development. Patrocínio CNPq/MEC/PNUD/IBAMA/UNIP, Manaus, 1989, 17p.
60. Manaus na década dos anos 40. in Seminário Manaus: uma cidade e seus problemas, Manaus, 1989. Seminário promovido pela Secretaria Municipal de Ação Comunitária, da Prefeitura Municipal de Manaus, no período de 11 a 15.12.89.
61. O Imposto Internacional Ambiental e a Poluição Nacional Bruta. Edição Universidade do Amazonas, Manaus, 1990, 10p.
62. Desequilíbrios regionais com ênfase na Amazônia. Manaus, 1990. Palestra proferida na Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro, 8p.
63. Trópico e Meio Ambiente. Trabalho apresentado ao Seminário de Tropicologia, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, maio/1990, 18p.
64. Finança Pública na Amazônia Clássica: quadros e rodapés (1º semestre de 1990). Trabalho apresentado ao I Encontro de Economistas da Amazônia, Belém, agosto/ 1990, 39p.
65. International Symposium on Environment Studies on Tropical Rain Forest (Forest 90), Manaus, 1990. Participação como debatedor da pesquisa "The rubber development schemer of the United States in the Brazilian Amazon, 1945-1956", do Professor Warren Dean, da New York University.



66. Africanização econômica e balkanização ecológica da Amazônia. Manaus, 1991. Depoimento prestado à Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a Internacionalização da Amazônia, da Câmara dos Deputados, 8p.
67. Amazônia e a Eco 92. in Simpósio sobre a Amazônia, Belém, 1991, 5p.
68. Amazônia Interior: Apologia e Holocausto. Edição mimeo, Manaus, abril, 1991, 23p.
69. A recessão na Zona Franca de Manaus: africanização e balkanização. Jornal "A Crítica", Manaus, 29/set/1991, 10p.
70. Tropics and environment: world contribution of the tropical and amazonian biodiversity. in Congresso International de Americanistas, New Orleans, 1991.
71. Tributos na Amazônia: Tesouro Federal, Seguridade Social, Fazenda Estadual - Exercício 1990 e Janeiro-Julho 1991, Edição mimeo, Manaus, outubro/1991, 72p.
72. Romanceiro da Batalha da Borracha. Edição Imprensa Oficial, Manaus, 1992, 304p.
73. Eco-92: Borealismo Ecológico e Tropicalismo Ambiental. Trabalho apresentado à Fundação Joaquim Nabuco e ao Instituto de Tropicologia, Recife, março/1992, 16p.
74. Amazônia: Crise no Erário e na Economia. Trabalho apresentado à Assembléia Legislativa do Estado do Amazonas, em 18 de maio de 1992. Edição mimeo, Manaus, maio/1992, 53p.
75. Amazônia: A Guerra na Floresta. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, junho/1992, 329p.
76. Impactos Econômicos da Ocupação da Amazônia e Perspectivas. in Seminário "Alternativas para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia", organizado pelo Núcleo de Políticas e Estratégias da Universidade de São Paulo, para o Forum Global-ECO-92, Rio, 12 de junho de 1992, 5p.
77. Fatores Atuais dos Desequilíbrios e Alternativas de Desenvolvimento na Amazônia Ocidental. Trabalho apresentado à Comissão Mista do Congresso Nacional para o Estudo do Desequilíbrio Econômico Inter-Regional Brasileiro, no Auditório da Suframa, Manaus-Am, 3 de setembro de 1992, 41p.
78. A Amazônia e o Terceiro Milênio. Trabalho apresentado ao Forum Internacional de Direito "O Homem, o Estado, a Justiça: Perspectivas do Terceiro Milênio", promovido pela Academia Amazonense de Letras Jurídicas, Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas e as Associações de Magistrados, realizado em Manaus-Am, no período de 7 a 11 de dezembro de 1992. Edição xerox, janeiro 1993, 17p.
79. Uma Ocupação Inteligente da Amazônia. Trabalho apresentado ao Forum Beyond ECO-92: Global Change, The Discourse, The Progression, The Awareness. Patrocínio da Unesco, ISSC, ICSU, Secretaria de Ciência e Tecnologia e Governo do Estado do Amazonas, realizado em Manaus-Am, no período de 10 a 13 de fevereiro de 1993, 5p.
80. Grupo Empresarial Bemol/Fogás: Lembranças e Lições de Vida. Edição xerox, Manaus, novembro 1993, 146p.
81. Fisco e Tributos na Amazônia - 1993. Edição xerox, Manaus, Março 1994, 110p.



82. O Homem e o Rio na Amazônia: uma abordagem eco-sociológica. Trabalho apresentado ao 48º Congresso Internacional de Americanistas, Stockholm, Julho 1994 - Edição xerox, 1994, 8p.
83. Os Índios e os Caboclos na Amazônia: uma herança cultural-antropológica. Trabalho apresentado no 48º Congresso Internacional de Americanistas, Stockholm, Julho 1994 - Edição xerox, 1994, 13p.
84. Esboço de uma Política e Estratégia para a Amazônia. Edição xerox, Manaus, 1994, 27p.
85. Manáos-do-Amazonas: Memória Empresarial. Edição Governo do Estado/Universidade do Amazonas/Associação Comercial do Amazonas, Manaus, 1994, 373p.
86. Judeus no ciclo da borracha. Trabalho apresentado no I Encontro Brasileiro de Estudos Judaicos da Universidade do Rio de Janeiro, no período de 24 a 26 de Outubro de 1994. Edição Imprensa Oficial, Manaus, 1995, 97p.
87. Amazônia Fiscal - 1994: Bonança e Desafios. Edição Imprensa Oficial, Manaus, Janeiro, 1995, 192p.
88. Navegação e Transporte na Amazônia. Edição Imprensa Oficial, Manaus, Julho, 1995, 80p.
89. Exportação e Exportadores da Amazônia Legal em 1994. Edição Imprensa Oficial, Manaus, Setembro, 1995, 80p.











Btca



# AMAZONAS

GOVERNO DO ESTADO

## Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vedada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98).

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

## Contato

E-mail : [acervodigitalsec@gmail.com](mailto:acervodigitalsec@gmail.com)

